

INSPIRADO EM
A FANTÁSTICA FÁBRICA DE CHOCOLATE DE
ROALD DAHL

Wonka



Escrito por **SIBÉAL POUNDER**
Baseado no roteiro de **SIMON FARNABY & PAUL KING**
História de **PAUL KING**

INSPIRADO EM
A FANTÁSTICA FÁBRICA DE CHOCOLATE DE
ROALD DAHL

Wonka



Escrito por **SIBÉAL POUNDER**
Baseado no roteiro de **SIMON FARNABY & PAUL KING**
História de **PAUL KING**

INSPIRADO EM
A FANTÁSTICA FÁBRICA DE CHOCOLATE DE
ROALD DAHL

Wonka

Escrito por **SIBÉAL POUNDER**
Baseado no roteiro de **SIMON FARNABY & PAUL KING**
História de **PAUL KING**

Tradução de
PAULA DI CARVALHO

1ª edição

GALERA
— junior —
RIO DE JANEIRO
2024

REVISÃO

Neuza Costa

TÍTULO ORIGINAL

Wonka

CAPA

Capa adaptada do design original de Motion
Picture Artwork © 2023. Warner Bros. Ent. Todos
os direitos reservados.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P894w

Pounder, Sibéal

Wonka [recurso eletrônico] / Sibéal Pounder; tradução Paula Di Carvalho. – 1. ed. – Rio de Janeiro:
Galera Júnior, 2024.
recurso digital

"Baseado na obra de Roald Dahl, no roteiro de Simon Farnaby e Paul King"

Tradução de: Wonka

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-84824-27-0 (recurso eletrônico)

1. Ficção. 2. Literatura infantojuvenil inglesa. 3. Livros eletrônicos. I. Dahl, Roald. II. Farnaby,
Simon. III. King, Paul. IV. Carvalho, Paula Di. V. Título.

23-87230

CDD: 808.899282

CDU: 82-93(410.1)



Gabriela Faray Ferreira Lopes – Bibliotecária – CRB-7/6643

WONKA © 2023 The Roald Dahl Story Company

ROALD DAHL é uma marca registrada da The Roald Dahl Story Company Ltd.

WONKA story © 2023 Warner Bros. Entertainment Inc.

WONKA e todos personagens e elementos © & TM Warner Bros. Entertainment Inc.

Cover Artwork: Motion Picture Artwork © 2023 Warner Bros. Ent.

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais da autora foram
assegurados.

Texto revisado segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA GALERA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 120 – Rio de Janeiro, RJ - 20921-380 - Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade
literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-65-84824-27-0



Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br

SUMÁRIO

Como Willy virou Wonka — A jornada de uma história incrível

Prólogo – lá vem Wonka

Capítulo um – Cidade dos sonhos

Capítulo dois – Alva e Escovão

Capítulo três – Aerochocs

Capítulo quatro – Sempre leia as letras miúdas

Capítulo cinco – Raio de Esperança

Capítulo seis – O cofre

Capítulo sete – O aristocrata

Capítulo oito – O Festachoc

Capítulo nove – O livro contábil verde

Capítulo dez – Um truque de mágica

Capítulo onze – Você nunca comeu um chocolate como esse

Capítulo doze – Te peguei!

Capítulo treze – A loja

Capítulo catorze – Aquela garota

Capítulo quinze – Cachorro

Capítulo dezesseis – A grande inauguração

Capítulo dezessete – Veneno

Capítulo dezoito – Uma passagem só de ida

Capítulo dezenove – Acertando a conta

Capítulo vinte – Três cartas

Capítulo vinte e um – Desvendando a senha

Capítulo vinte e dois – Abigail está à solta

Capítulo vinte e três – Engarrafamento de flamingos

Capítulo vinte e quatro – O cofre e a verdade

Capítulo vinte e cinco – Morte por chocolate

Capítulo vinte e seis – Umpa-Lumpa em um elevador

Capítulo vinte e sete – O pote vazio

Capítulo vinte e oito – Prendam-nos

Capítulo vinte e nove – Sonhos e promessas

Capítulo trinta – Z

Epílogo – Wonka

COMO WILLY VIROU WONKA — A JORNADA DE UMA HISTÓRIA INCRÍVEL

Willy Wonka — o magnífico inventor de *A fantástica fábrica de chocolate*, de Roald Dahl — inspirou a história do filme *Wonka*. Baseado no clássico de Dahl, Paul King criou a história — coescrita para as telas com Simon Farnaby — de como o maior inventor, mágico e chocolateiro do mundo se tornou o Willy Wonka que conhecemos hoje. A história foi adaptada e posta no papel por Sibéal Pounder, uma autora best-seller de livros infantis e especialista em criar histórias repletas de humor irreverente, personagens carismáticos e, lógico, magia para jovens leitores.

Roald Dahl foi o autor do muito amado *A fantástica fábrica de chocolate*, entre muitas outras histórias brilhantes. O mundo e os personagens de *A fantástica fábrica de chocolate* inspiraram a história de *Wonka*. Roald Dahl foi espião, piloto de caça, historiador de chocolate e inventor médico. Além de *A fantástica fábrica de chocolate*, ele também foi autor de *Matilda*, *O BGA: O bom gigante amigo*, *Fantástico Sr. Raposo* e muitos outros.

Paul King é um enorme fã de *A fantástica fábrica de chocolate*, e para seu filme, *Wonka*, decidiu criar a história do que ocorreu antes dos acontecimentos do livro. Ele se juntou a Simon Farnaby para coescrever o roteiro do filme estrelado por Timothée Chalamet, que por sua vez se tornou a aventura que está agora em suas mãos.

King é escritor e diretor indicado ao BAFTA e trabalha tanto com filmes quanto com televisão. Em 2009, ele escreveu e dirigiu seu primeiro longa-metragem, *Bunny e o Touro*, estrelado por Simon Farnaby e Edward Hogg. King dirigiu todas as três séries de *The Mighty Boosh*, que lhe renderam uma indicação ao BAFTA como Melhor Novo Diretor em 2005. A comédia da BBC foi ao ar nos Estados Unidos no canal Adult Swim. Seu trabalho para as telinhas inclui a direção e produção executiva de episódios de *Space Force*, série da Netflix de 2020 estrelada por Steve Carell.

King coescreveu e dirigiu *As aventuras de Paddington* em 2014, filme que alcançou o sucesso mundial tanto de crítica quanto de bilheteria, inclusive com indicações ao BAFTA por Melhor Roteiro Adaptado e Melhor Filme Britânico. Em seguida, King

coescreveu e dirigiu *As aventuras de Paddington 2*, lançado pela Warner Bros. Pictures com grandes elogios da crítica. Ambos os filmes *Paddington* foram coescritos por Simon Farnaby.

Simon Farnaby é autor e escritor, e coescreveu o roteiro de *Wonka* com Paul King (ele também aparece no filme!). Farnaby já estrelou em filmes como *Burke & Hare* (dirigido por John Landis, 2010), *Sua Alteza?* (dirigido por David Gordon Green, 2011), *Bill* (dirigido por Richard Bracewell, 2015) para a BBC Films — filme levemente baseado no início da vida de William Shakespeare — e *Bunny e o Touro* (dirigido por Paul King, 2009) para a Film 4. Ele também fez uma participação em *As aventuras de Paddington* e *As aventuras de Paddington 2*, que coescreveu com King.

Sibéal Pounder levou a história do filme ao papel, a adaptando a partir do roteiro com habilidade extraordinária. Ela é autora das séries best-seller *Puxa, que Bruxa!*, *Bad Mermaids* e *Neon's Secret Universe*, assim como do conto natalino *Tinsel*. Seu livro de estreia, *Puxa, que Bruxa!*, foi finalista do Sainsbury's Children's Book Award e do Waterstones Children's Book Prize. *Bad Mermaids: Meet the Witches* foi um título do World Book Day e best-seller do *Sunday Times*. Antes de se tornar autora em tempo integral, Sibéal trabalhou para o *Financial Times*.



PRÓLOGO

LÁ VEM WONKA

Algumas crianças nascem para ser chocolateiras. Esse certamente era o caso de Willy Wonka.

Ainda assim, por um bom tempo, ninguém imaginaria isso. Para começar, ele quase nunca comia chocolate. Na verdade, ele comia apenas *uma* barra por ano.

Um dia, ele cresceria e moraria na **MAIOR** e mais incrível fábrica de chocolate, mas, enquanto menino, Willy Wonka morava no menor barco do mundo. Era um barco velho e estreito, com um leme pintado em listras multicoloridas e uma cabine aconchegante com cortinas costuradas à mão. Lá dentro havia apenas uma cama de solteiro com uma manta macia de tricô (onde Willy dormia), uma poltrona (onde sua mãe dormia), um fogão e uma cozinha cheia de armários quebrados e uma mesa de jantar lascada por causa de cupins. Os cupins comiam mais àquela mesa do que os Wonka jamais comeram.

Tudo sobre o começo dessa história é **PEQUENO** — o pequeno garoto, a pequena quantidade de chocolate, o pequeno barco e a pequena família que morava a bordo dele. A família de Willy Wonka era quase tão pequena quanto uma família poderia ser. Havia Willy, evidente, e sua mãe.

Eles atracaram seu barquinho num tranquilo **TRECHO** do rio, e, como poucas pessoas da cidade se aventuravam por ali, eles muitas vezes tinham a exuberante margem do rio só para si. Era um dos lugares favoritos de Willy. Tinha uma graminha para ficar deitado curtindo a preguiça, salpicada com margaridinhas e

rododendros florescendo em tons de rosa, violeta e vermelho. A parte favorita de Willy era o **GIGANTESCO** salgueiro, com seus galhos grossos que se penduravam bem perto do barco antes de mergulhar no rio. Ele pensava na árvore como mais uma integrante da família; uma velha e franzina protetora de sua pequena, porém grandiosa vida.

Poucas pessoas viam a vida deles como *grandiosa*, é claro, mas Willy Wonka via. Ele conseguia ver o que outros não eram capazes porque tinha uma imaginação esplêndida. A imaginação de Willy um dia seria tão famosa quanto seu chocolate, mas antes de pertencer ao mundo, ela era pequena e nova e pertencia somente a ele. Quem a nutria era sua mãe, deixando que crescesse selvagem, de forma a poder se expandir até lugares que nenhuma imaginação nunca estivera.

E havia o chocolate. A única barra. Não era muito, mas era o bastante, porque era a melhor barra do mundo.

Sua mãe a fazia para o aniversário dele, e conforme o dia especial se aproximava, Willy sentia a empolgação **BORBULHANDO** dentro de si até achar que poderia explodir.

O ritual da produção de chocolate era sempre o mesmo: na noite anterior ao aniversário de Willy, sua mãe derramava um saco de grãos de cacau sobre a mesa e os contava cuidadosamente. Ele a observava catando-os da mesa, um por um, e sua boca começava a salivar. Ela levava o ano inteiro para economizar dinheiro suficiente para comprar a quantidade certa para uma barra, e Willy percebia que a mãe ficava tão empolgada ao fazer a barra para ele quanto ele ficava para comer chocolate.

Quando a fase da contagem terminava, ela jogava os grãos numa panela e começava a esmagá-los e batê-los e mexê-los, e o cômodo todo ficava envolto por um vapor de chocolate. Era tão **DENSO** e delicioso que era como ser erguido numa nuvem de puro êxtase. Ah, como ele amava observá-la mexer a mistura densa e borbulhante!

Enquanto a mãe fazia mágica, Willy respirava longa e profundamente o cheiro forte e intenso, e sabia que não havia aventuras no mundo que ele amasse mais do que assistir à mãe fazer chocolate.

Em pouco tempo, a deliciosa barra de chocolate estaria esperando por ele na mesa, e ele passaria o resto do dia andando por aí com um bigode de chocolate derretido e um sorriso enorme no rosto.

Era assim todo ano, e era perfeito.

— Sabe, mamãe — disse ele um dia, enquanto eles se **AMONTOAVAM** ao redor da mesa, fazendo chocolate. — Eu aposto que você faz o melhor chocolate do mundo. Eu experimentaria todo o chocolate que já existiu só para comprovar!

— Sabe de onde falam que vem o melhor chocolate do mundo? — respondeu ela, olhando em volta como se estivesse se preparando para contar um grande segredo. — Na Galeria Gourmet. É onde ficam as lojas dos melhores chocolateiros.

— Não tem como o deles ser melhor do que o seu, mamãe — afirmou Willy. — É impossível!

Ela sorriu.

— Bem, por acaso, eu tenho mesmo um segredinho que até aqueles metidos a besta não sabem.

— Qual? — perguntou Willy, se aproximando. Ele queria saber o segredo mais do que jamais quis saber qualquer coisa em toda a sua vida.

— Um dia eu te conto — disse ela. — Agora, enquanto o chocolate descansa, gostaria de abrir seu presente?

— Nós deveríamos ir, mamãe! — exclamou ele de repente, a sobressaltando.

— Ir aonde?

— À Galeria Gourmet! — exclamou ele, praticamente quicando no mesmo lugar. — Poderíamos abrir uma loja!

Ela ergueu uma sobrancelha curiosa.

— O quê? *Nós?*

— Sim! Com nossos nomes em cima da porta e tudo. **WONKA!** Todas as pessoas do mundo iam querer o nosso chocolate. Pensa só em como poderíamos fazer as pessoas felizes!

A mãe dele espanou um pouco de pó de chocolate do avental e sorriu.

— Ah, agora eu vejo. Uma bela loja, com mesas repletas de chocolate até o alto!

Os olhos de Willy se arregalaram conforme o lugar se materializava em sua mente.

— E as mesas seriam feitas de chocolate! A *loja* inteira seria *feita* de **CHOCOLATE!**

A mãe dele abriu um sorriso radiante.

— Que sonho maravilhoso, Willy.

Ele murchou.

— É só isso que é? Apenas um sonho?

— Ora, ora — disse ela. — Tudo de bom nesse mundo começou com um sonho. Então não desista do seu. E quando você conseguir compartilhar seu chocolate com o mundo, eu estarei bem ali ao seu lado.

— Jura? — sussurrou ele.

— Eu juro de dedinho — respondeu ela com um sorriso. — E essa é a promessa mais solene que existe.

Então ela pegou um pedaço de papel, que tinha separado para embrulhar o chocolate, e escreveu *Wonka*, acrescentando um meandro e um floreio ao W e o colorindo cuidadosamente.

Ao terminar, entregou a Willy algo embrulhado em jornal velho.

— O seu presente — disse ela. — O mágico passando pela cidade estava vendendo. Fez um bom preço para mim.

Willy abriu um grande sorriso e começou a rasgar a embalagem, seus dedos trabalhando depressa para desfazer o papel tingido.

Lá dentro, ele encontrou um casaco novo. Ele o vestiu; suas mãos mal passavam dos cotovelos.

— Vai servir quando você crescer — disse a mãe. — Um dia você vai crescer... e, ah, as aventuras que terá com ele!

O casaco vinha com uma cartola **ALTA**. Lentamente, ele a colocou na cabeça e se levantou.

Sua mãe entregou a ele o chocolate, pequeno e ainda quentinho, e ele o aninhou nas mãos, como se fosse uma recompensa preciosa.

— Não podemos esquecer da parte mais **DELICIOSA** — disse ela com uma piscadela.

Ele sorriu radiante para ela, então deslizou a barra para o bolso.

Ali estava ele.

Willy Wonka, em seu fraque roxo e sua elegante cartola.



CAPÍTULO UM

CIDADE

DOS SONHOS

SETE ANOS DEPOIS

Willy estava no convés de um antigo barco de pesca, encoberto de névoa e com um grande sorriso no rosto. A toda sua volta, a tripulação castigada pelo clima se ocupava no convés, e o jovem Sr. Wonka não poderia parecer mais deslocado em seu colete verde vivo e cachecol multicolorido.

— Faz sete anos que estou no mar — revelou ele para um pescador próximo, que **ESFREGAVA** um caixote (e mal escutava). — Mas agora é hora de uma nova aventura! Minha próxima parada está quase ao nosso alcance.

— É mesmo? — respondeu o pescador. Todos a bordo já estavam bastante acostumados com as estranhas histórias e fantasias de Willy.

— A cada minuto a maré me leva para mais perto dos meus sonhos — disse Willy grandiosamente.

— E onde fica isso? — perguntou o pescador.

Willy sorriu e apontou para o horizonte. Ali, brilhando intensamente ao sol invernol, estava a cidade na qual ele depositara todas as suas esperanças. Parecia ainda mais deslumbrante do que imaginara, extensa e magnífica e — ele respirou fundo — o *cheiro* era a melhor parte de todas! O lugar inteiro, mesmo de longe, cheirava a chocolate! Ah, era **DIVINO**... mesmo misturado ao aroma de barris cheios de peixe.

Ele tirou uma pequena e antiga barra de chocolate do bolso. O embrulho improvisado já estava desbotado, mas a escrita de sua mãe permanecia. Ele passou os dedos sobre as letras floreadas.

Wonka

Um sino de porto soou à distância.

— TERRA À VISTA! — exclamou Willy.

— Eles não perdem por esperar, Sr. Wonka — disse o pescador, dando uma risadinha, e partiu para preparar o barco para atracar.

Willy inspirou uma última lufada do ar achocolatado antes de ir na direção da sala de máquinas. Lá, ele pegou seu fiel fraque roxo e sua cartola, uma maleta surrada e um objeto muito especial que ele próprio criara: uma comprida bengala com topo dourado brilhante. Ele estava **ZONZO** de tanta animação ao distraidamente vestir a cartola, tirá-la, enfiá-la embaixo do braço, então erguer a bengala e apoiá-la sobre o ombro antes de baixá-la de novo. Era como se a **EMPOLGAÇÃO** o tivesse assoberbado em um nível que ele esquecera onde um chapéu ficava e como carregar uma bengala.

Uma tosse educada o fez ter um sobressalto, e ao girar nos calcanhares ele encontrou o olhar bondoso do capitão do navio o encarando. Ele era um homem alto com uma barba tão longa quanto seus anos no mar (que é o tempo que leva para o cabelo crescer até os joelhos).

— Aqui — disse o capitão, estendendo o punho queimado pelo sol e abrindo-o para revelar um saco de moedas.

Willy espiou o interior.

— *Doze soberanos de prata?* — perguntou ele, maravilhado. Era mais dinheiro do que ele jamais segurara, e Willy pensou que poderia desabar sob o mero peso de um pagamento tão **GENEROSO**.

— Seu salário, mais um pequeno extra por todos aqueles chocolates deliciosos que você fez para nós — disse o capitão. — Todos contribuímos com o máximo que conseguimos, e não é muito, não para a cidade grande, mas espero que seja um começo para você. Boa sorte, garoto.

O barco **SACOLEJOU** e rangeu quando eles fizeram contato com a doca, e Willy apertou a cartola com mais firmeza sobre a cabeça.

— Obrigado, capitão — agradeceu ele, seus nervos agora se elevavam dentro dele como a maré.

Um caixote estava sendo içado por um guindaste para fora do compartimento de carga, e Willy pulou em cima dele e lá foi ele para o alto, deixando o capitão admirado para trás.

— Você poderia ter usado a prancha! — gritou um pescador segurando uma prancha quando Willy passou em disparada por ele. — Se tivesse me dado um segundo...

— Eu não tenho nem um segundo a perder! — respondeu Willy para o pescador. Ele parou quando o guindaste elevou mais o caixote e o balançou pela

doca, então abriu bem os braços e exclamou: — HOJE É O DIA! O DIA EM QUE O MUNDO CONHECERÁ MEU CHOCOLATE!

Na mesma hora, alguém gritou:

— Tem uma pessoa naquele caixote?!

Houve um guincho metálico, e o guindaste fez uma parada abrupta. O operador do guindaste enfiou a cabeça para fora da cabine de controle e fez contato visual com Willy.

— VOCÊ NÃO PODE SUBIR NUM GUINDASTE! — gritou ele, incrédulo.
— SAIA DAÍ!

— Se o senhor insiste — disse Willy, então para a profunda **PERPLEXIDADE** da multidão que assistia da doca, ele mergulhou para fora... de cabeça! Houve um arquejo coletivo enquanto Willy dava uma cambalhota ao som de nada além do vento e de seu próprio coração acelerado. Pode ter parecido impressionante, mas Willy não tinha pensado direito e estava com os olhos arregalados de medo enquanto seu rosto se aproximava da calçada. Por sorte, havia um caminhão passando na hora certa para pegá-lo; do contrário, essa história seria realmente muito curta.

— PARA OS MEUS SONHOS! — vibrou Willy ao virar e aterrissar perfeitamente de pé no teto do caminhão. O veículo seguiu pesadamente em direção à cidade, deixando uma multidão boquiaberta para trás.

O caminhão acelerou por uma grande ponte de pedra pontilhada por lampiões, e por todo o caminho até o coração da cidade... que era melhor do que qualquer coisa que Willy Wonka já imaginara. Ela estava polvilhada de neve fresca como um donut e era perfeita de todas as formas. Havia intrigantes alamedas de paralelepípedos salpicadas de lojas pintadas nos **MAIS LINDOS** tons de azul, cor-de-rosa e roxo que iam da esquerda para a direita e da direita para a esquerda, igualzinho a uma toca de coelho. E o cheiro! Quanto mais eles se aproximavam do centro da cidade, mais ele se intensificava, e Willy não conseguiu reprimir um suspiro de **DELEITE**. O caminhão passou pela praça da cidade e ele aproveitou a oportunidade, se segurando a um poste de luz e rodopiando ao redor do poste enquanto observava o veículo se afastar em disparada, deixando nada além de ar sob seus pés. O lugar estava tão lotado que nem uma única pessoa o avistara lá no alto do poste, e ele desceu escorregando, aterrissando em meio a um mar de consumidores em potencial.

Ele nunca estivera num lugar tão agitado, nem tão barulhento. Willy tentou absorver tudo, seus olhos disparando para a esquerda, para a direita, para cima e para baixo, e todos os ângulos intermediários de uma vez só! De um lado da praça havia uma catedral imponente, com portas de carvalho inacreditavelmente altas e um telhado tão elevado que parecia poder ter ligação direta com o paraíso. Havia lojas

em todas as esquinas, com vitrines abarrotadas de perfumes e sapatos e livros e pinturas, e carrinhos de comida deslizavam para a frente e para trás, quase o derrubando. A praça era margeada por colunas ostentosas e o centro era marcado por uma fonte ornamentada congelada no frio. Ela brilhava à luz do sol como se repleta de estrelas puxadas do céu.

O lugar todo era extraordinariamente **LINDO**. Mas a construção mais linda de todas era a Galeria Gourmet.

Willy parou ao avistá-la: seus domos reluzentes, suas cintilantes e convidativas portas azuis, seu aroma de nada além de puro chocolate.

— Uau — sussurrou ele ao encarar seu sonho. Ele sentia uma leveza e um formigamento, e abriu um sorriso atordoado. Esperara a vida toda para vê-la, e, finalmente, aqui estava ele...

— MAPA DE RESTAURANTES, SENHOR? — gritou um homem em seu ouvido, interrompendo seus pensamentos.

Willy entregou um soberano para o homem, que lhe deu um mapa em troca.

— Isso vai mostrar os **MELHORES** restaurantes ao senhor — disse o homem. Ao notar que o olhar de Willy continuava fixo na Galeria Gourmet, ele acrescentou: — Não pode só ficar comendo chocolate, afinal!

— Ah, é óbvio que não! — concordou Willy. — Também devemos comer *doces*.

Ele desdobrou o mapa para dar uma olhada rápida, mas ao fazê-lo, notou alguém se agachando aos seus pés. Um garotinho balançava um trapo e engraxava seus sapatos!

— Hã, com licença — disse Willy.

— Sim, sim, estou quase terminando! — respondeu o garoto. Ele pegou uma grande almofada de polimento e começou a passá-la sobre a ponta. — Muito bem, acabei — avisou ele, e estendeu a mão para pagamento.

Willy estava revirando seu cérebro, tentando se lembrar se, em meio a toda a **EMPOLGAÇÃO**, ele havia contratado uma limpeza de sapatos. Ele entregou um dos seus soberanos ao garoto só por via das dúvidas e contou os que restaram.

— Ah, céus, só sobraram dez soberanos — disse ele.

Naquele momento, um carrinho de frutas passou lentamente, do qual Willy pegou uma abóbora e deu uma boa cheirada. Mas antes que conseguisse devolvê-la, um ciclista passou em disparada, acertando seus tornozelos, e a abóbora escorregou de sua mão e se espedaçou sobre suas botas!

A vendedora de frutas assomou sobre ele, observando a pilha de bagaço na calçada.

— Isso vai custar três soberanos, amigo.

— Três? É um preço um tanto absurdo por um vegetal — disse Willy com um sorriso encantador.

A vendedora estava muito séria.

— Você estraçalha minha abóbora, você paga por ela — retrucou ela com rispidez.

Isso fez Willy se sobressaltar tão subitamente que os três soberanos pularam de sua mão para a palma **ESTENDIDA** da vendedora.

— Foi um prazer fazer negócios com você — disse ela.

Willy contou suas moedas restantes.

— Eu tenho cinco, seis, set... — Ele sentiu um puxão nos sapatos. O garoto engraxate tinha voltado!

O garoto limpou a gosma de abóbora e estendeu a mão para o pagamento.

— ... seis soberanos de prata — resmungou Willy ao entregar outra moeda ao garoto, então seguiu para a Galeria Gourmet.

— Quer uma escovada no paletó, senhor? — perguntou o garoto engraxate ao correr atrás dele.

Willy apressou o passo.

— Não, obrigado.

O garoto disparou para a frente dele e ergueu um velho frasco lascado.

— Perfume?

— Nem pensar; eu só me perfumo com chocolate — disse Willy, deixando o garoto perplexo às suas costas.

Porteiros escancararam a porta e anunciaram grandiosamente:

— Seja bem-vindo, senhor, a Galeria Gourmet.

Nesse momento, a rua foi tomada pelo aroma mais doce e delicioso, e Willy quase foi nocauteado pela **DELICIOSIDADE** de tudo. Ele ficou parado, olhando fixamente para a frente. Para ele, não era apenas uma galeria cheia de lojas; era seu sonho em grandes pilhas de pedra e vidro. Ele fechou os olhos e tocou no bolso onde guardara a barra de chocolate de sua mãe.

— Lá vamos nós, mamãe — sussurrou ele, e com um passo corajoso, entrou.

Do lado de dentro, o lugar tinha o **AROMA** de sonhos e chocolate, com uma pitada de oportunidade e um toque de — ele estalou os dedos à procura da palavra — graxa de sapato?

Seus olhos se abriram de repente e ele baixou o rosto em direção aos sapatos, que, mais uma vez, estava sendo engraxado pelo garoto engraxate!

— NÃO — disse Willy com firmeza. — Chega de engraxar meus sapatos, muito obrigado! — Ele marchou adiante e o garoto saiu correndo em busca de outros

sapatos.

A galeria era **ESPETACULAR** e pomposa, com teto de treliça que emoldurava perfeitamente o céu invernal. Mas logo Willy percebeu que ela era grandiosa de uma maneira que coisas grandiosas tendem a ser quando sonhadas por alguém que não sonha muito. Ricas paredes de mármore, chão de mosaico, enfeites de ouro. Ao caminhar, Willy a redecorava em sua mente: *paredes de caramelo; não, não é isso. Paredes aromatizadas! Sim! Chão de grama comestível! Maçanetas de pirulito!* Ele parou ao chegar a uma loja antiquada com uma fila na porta. Os chocolates na vitrine eram expostos em fileiras sem criatividade, todos com o mesmo formato e carimbados com um nome que Willy reconheceu na mesma hora. Era o nome de um dos chocolateiros mais **FAMOSOS** do mundo.

SLUGWORTH

Willy reparou que todas as caixas tinham o mesmo sabor de chocolate. Normal, normal e mais normal.

Ao lado da loja de Slugworth havia mais duas lojas igualmente antiquadas, pertencentes aos outros dois nomes famosos na fabricação de chocolates: **FICKELGRUBER** e **PRODNOSE**. Mas ao lado deles havia uma loja vazia. Uma loja vazia com um letreiro onde se lia: **ALUGA-SE**.

Willy se aproximou lentamente, incapaz de acreditar no que via. Era toda coberta de tinta lascada e uma camada densa de poeira. Era uma zona de loja.

Era **PERFEITA**.

Ele conseguia visualizar como seria vender ao lado das outras. As quatro juntas, uma torrente de clientes, um mar de rostos sujos de chocolate e exclamações e vivas de puro prazer! Quatro grandes chocolateiros e quatro grandes amigos, lado a lado. Ele tocou a barra de chocolate no bolso novamente e, de repente, *Wonka* apareceu na letra da mãe acima da porta da loja vazia! Os jornais colados nas vitrines se afastaram como cortinas para revelar uma montanha de chocolates e doces do lado de dentro; *seus* chocolates e doces, loucos e estranhos e maravilhosamente populares.

Ele tirou a cartola, pegou um chocolate dela e o entregou para um transeunte. A pessoa devorou o chocolate e instantaneamente começou a bater a ponta dos pés no chão; devagar a princípio, então mais rápido até estar dançando com gosto! Então outra pessoa pegou um chocolate e se juntou, então outra, e outra, até que todos estivessem rodopiando ao seu redor. Willy também começou a dançar. Ao seu redor havia clientes devorando punhados de chocolates e **GARGALHANDO** e girando e dando chutes altos no ar. Willy ficou no meio, maravilhado com toda

aquela magia; eles amavam seus chocolates! Era o destino dele! Ele chegara! Eles realmente, realmente amavam...

— *Cof-cof*. — Willy ouviu uma pigarreada e sentiu um cutucão firme no ombro. Na mesma hora, a loja voltou ao seu estado decadente. As pessoas que ele imaginara dançando estavam apenas passando; umas delas até tirava meleca.

Willy se virou e ficou **SURPRESO** ao ver que fora um guarda que o cutucara no ombro. Era um rapaz com olhos brilhantes e o rosto tenso de alguém que está se esforçando bastante para parecer mais durão do que era. Ele apontou para uma placa no canto da galeria.

PROIBIDO SONHAR ACORDADO

— Temo que você precisará ir embora — disse ele, gesticulando para a porta. — Eu vi você sonhando acordado, pulando para todo lado, pegando nada da cartola e tentando entregar para aquele homem tirando meleca.

— Proibido sonhar acordado? *Sério?* — perguntou Willy, genuinamente confuso. — Isso é uma grande pena, porque é o que eu passo a maior parte do tempo fazendo! — Ele riu. Mas o guarda não. Em vez disso, ele estendeu a mão.

— A multa é de três soberanos.

— Três? Minha nossa — disse Willy, revirando os bolsos em busca das moedas.

Ele as entregou. Ainda confuso, ele se virou para sair e se deparou com uma borrifada de perfume, bem no rosto! O engraxate **SORRIU** e estendeu a mão.

— Não! Eu não vou pagar — disse Willy. — Não dessa vez.

O guarda ergueu uma sobrancelha.

— Você *vai* pagar o garoto — ordenou ele, conforme o menino erguia mais a mão. — A não ser que consiga descobrir uma forma de devolver esse perfume.

— Ele não tem como! — disse o garoto alegremente. — Aposto que já foi totalmente absorvido pelas sobrancelhas dele a essa altura.

Relutantemente, Willy entregou outro soberano, seus dedos se demorando na moeda fria enquanto o garoto a arrancava de sua mão. Então seguiu lentamente para a saída, seu habitual andar saltitante substituído por um desapontado arrastar de pés.

Ele seguiu até a margem do rio da cidade. Um bom **RIO** sempre o fazia sentir em casa. Mas o tempo estava congelante, e o frio fazia arder suas bochechas.

— A cidade é mais fria do que eu pensei que seria, e muito mais cara. Eu nem consigo fazer uma dúzia de soberanos de prata durarem mais do que um dia — murmurou ele para si mesmo.

Bem nesse momento, ele viu uma jovem mãe e seu filho tremendo embaixo de uma ponte.

— Teria um soberano para nos ceder para encontrarmos um lugar onde dormir?

— perguntou ela.

— Ah... é claro — disse Willy, estendendo o que restava de suas moedas. — Por favor, pegue o quanto precisar.

Ela pegou um soberano de prata de sua mão, deixando-o com apenas um.

Ele **JOGOU** a última moeda para o ar e a pegou com o bolso do paletó. Imediatamente, ele ouviu um *plim* e, ao olhar para baixo, viu que a moeda caíra por um buraco! Ele a observou enquanto ela quicava em sua bota e rolava para dentro de um bueiro.

Ele franziu a testa.

— Bem, lá se vai o hotel.



CAPÍTULO DOIS

ALVA E ESCOVÃO

Willy tremia deitado num banco de praça, com frio demais para dormir. Ele colocara a cartola por cima do rosto, mas nem isso serviu para impedir que seu nariz congelasse.

Ele estava encarando o abismo escuro e vazio do interior de sua cartola, sonhando com formas de conseguir sua loja, quando ouviu uma **BATIDA**. Não só uma, mas três batidas deliberadas.

Toc, toc, toc.

Ele puxou uma alavanca presa à aba da cartola; o topo dela se abriu e revelou um homem atarracado, de dente quebrado, surgindo sobre ele.

Au.

E um cachorro igualmente atarracado, mas de dentição **EXCELENTE**.

— Tudo bem aí? — perguntou o homem.

— T-t-t-t-udo, obrigado — respondeu Willy com dificuldade. — Um pouco mais frio do que eu esperava.

— Você deve ser novo na cidade — disse o homem. — Eu me chamo Escovão, e esse cachorro aqui é o Tito.

— Willy Wonka. Acabei de chegar. Estou começando a desejar ter vindo no auge do verão.

— Nós *estamos* no auge do verão — retrucou Escovão, rindo. — Você não planeja dormir aí, planeja?

— Infelizmente — Willy tentou franzir bem o cenho, mas seu rosto estava congelado demais para isso — parece que eu perdi o pouco de dinheiro que tinha. Estava planejando dormir num belo e **AQUECIDO** hotel.

— Ah! — disse o homem. — Bem, para a sua sorte, eu conheço alguém que pode ajudar.

— Sério? — falou Willy, seu bom humor voltando na mesma hora.

— Sério! — respondeu Escovão. — Vem comigo.

Willy se desgrudou do banco congelado e arrastou os pés atrás de Escovão, que já dava longos passos adiante.

— Obrigado! — exclamou Willy, tentando alcançá-lo. — Um imenso obrigado, senhor!

Escovão deu um **SORRISINHO**.

— Imagina. Eu e Tito estamos sempre em busca de um desconhecido necessitado, não é mesmo, garoto?

Tito rosnou e Willy segurou a maleta com mais firmeza.

— Não fica longe — disse Escovão, direcionando o olhar para Willy.

— Estou logo atrás de você! — exclamou Willy. — E descongelando lindamente com essa vigorosa caminhada!

Escovão deu um sorrisinho.

— Ótimo.

— Que sorte — **MARAVILHOU-SE** Willy. — Estou tão feliz por ter te conhecido.

— Eu também — respondeu Escovão, numa voz tão parecida com um rosnado que poderia ter sido do cachorro. — Eu também.

Escovão levou Willy pelos becos de paralelepípedos até a periferia da cidade. Eles caminharam em silêncio, e logo os estrondos e estrépitos da cidade se dissiparam na escuridão, até que o único som restante fosse dos passos ecoantes, com um rosnado ocasional do cachorro.

— Desculpa pelo Tito, por sinal! — pronunciou Escovão em certo momento. — Ele parece ter gostado do seu traseiro.

Willy deu batidinhas pensativas no queixo.

— Quer saber?! Aposto que não é o meu traseiro, deve ser a minha calça. Ela é vintage, na verdade... foi um carteiro que me deu.

— Você é um cara engraçado, hein? — comentou Escovão. — Deve ser isso. Tito passaria o dia todo correndo atrás do carteiro se pudesse, não é, garoto?

O cachorro soltou um resmungo que surpreendentemente pareceu muito com um “sim” ríspido.

Escovão parou e apontou para a frente, em direção ao beco escuro.

— Bem, ali está, Sr. Wonka. Lar, doce lar.

À frente havia uma construção caindo aos pedaços; era alta, com uns cinco andares, e a cada andar pelo qual o olhar de Willy **SUBIA**, mais e mais torto o lugar ficava. Lá no topo, se projetando da lateral, havia um antigo viveiro de madeira, repleto de pombos arrulhando de maneira assombrosa no silêncio. O olhar de Willy **DESCEU** pelo edifício, passando por molduras de janelas que haviam saltado para fora e estavam penduradas como morcegos de vidro. Algumas das janelas eram cobertas de grades, e a janela do térreo estava fechada para a noite.

— ALVA & ESCOVÃO, ESTALAGEM & LAVANDERIA — ribombou Escovão ao chegarem à porta.

— Escovão? — disse Willy. — É você!

— É mais ela — respondeu Escovão, puxando um sino.

Antes que o sino sequer tivesse terminado de tocar, uma voz severa e rouca soou do outro lado da porta.

— Se for você, Escovão, é bom ter trazido aquela água de minhoca!

— Ah, eu tenho uma coisa melhor do que água de minhoca, Dona Alva. Eu tenho um hóspede.

Houve um *clique* e um *claque*, e uma janelinha na porta foi aberta, revelando um olho perscrutador.

Willy abriu um sorriso radiante, e o olho se arregalou vorazmente.

— Que cumprimento encantador — disse Willy com sinceridade enquanto a porta era escancarada, revelando uma mulher atarracada com cabelo lambido para trás. Para alguém cujo trabalho era deixar as coisas limpas, ela era surpreendentemente ensebada. Seus dentes eram cobertos de um limo cinza, e quando ela **SORRIU**, Willy achou ter visto algo gosmento deslizar entre eles.

— Entre, senhor! — exclamou ela enquanto Willy inclinava a cartola para ela e dava um passo para dentro.

O lugar estava uma zona. Havia trouxas de roupas fedorentas em prateleiras frágeis entortando sob o peso de tanta roupa para lavar. A única luz — um lustre com um formato parecido com o de uma aranha — era fraca e empoeirada e piscava enquanto Willy se movia pelo cômodo. Ele avistou uma portinhola no corredor, uma **PEQUENA** engenhoca parecida com um elevador para carregar as roupas para a lavanderia abaixo. Ele espiou dentro do duto, mas não viu nada além de escuridão.

— Bem-vindo à Alva e Escovão, Estalagem e Lavanderia. Eu sou a Dona Alva, a chefona. Fique à vontade, se aqueça perto da lareira. Água de minhoca?

— Ah, é... — começou Willy, mas Dona Alva o interrompeu.

— NOODLE! — esganiçou ela.

Imediatamente, uma pequena criada taciturna e maltrapilha deslizou para dentro do cômodo. Ela segurava um livro, que fechou com força ao parar derrapando na frente deles. Willy ofereceu um sorriso, mas ela rapidamente virou a cabeça para evitar seu olhar; quase tão depressa quanto fechara o livro.

— Deixe de lado esse livro tolo e vá buscar água de minhoca para o nosso hóspede! — ordenou Dona Alva. — O coitado do homem quase morreu congelado.

Noodle deu as costas para eles e imediatamente começou a se ocupar, erguendo um copo aqui e tirando a rolha de uma garrafa acolá. Assim que a rolha saiu, um cheiro pútrido encheu o cômodo, invadindo as narinas de Willy e grudando no fundo de sua garganta. Cheirava como se alguém tivesse pegado um pântano cheio de coisas mortas e acrescentado mostarda e vinagre. Ele começou a ter ânsia de vômito, mas para sua profunda surpresa, Dona Alva estava respirando fundo e fazendo *uuh* e *aah* como se o cheiro fosse simplesmente **MARAVILHOSO**.

Noodle pressionou um copo de lama cinza gosmenta na mão de Willy e ofereceu a ele um olhar de desculpas.

— Água de minhoca — disse Dona Alva. — Não há nada mais maravilhoso.

— Obrigado — respondeu Willy, **ENGOLINDO** em seco. Ele pensou ter avistado algo deslizando pela gosma. — A senhora e seu marido estão sendo... muito gentis comigo.

— MARIDO?! — cuspiu Dona Alva. Ela se virou para Escovão. — Ah, você bem que gostaria, não é?

— Não — mentiu Escovão.

— Estou me guardando para alguém melhor — explicou Dona Alva. — Um marquês, ou talvez um príncipe. — Ela atravessou o cômodo e empurrou o copo de água de minhoca para mais perto dos lábios de Willy. — Beba!

Ambos beberam, e Willy arquejou na mesma hora.

— Esse negócio é extremamente **PODEROSO** — disse ele com esforço ao sentir algo *definitivamente vivo* escorregar por sua garganta.

Dona Alva lambeu uns fiapos cinzentos dos cantos da boca, fazendo um som horrível de algo sendo sugado, mordido e espremido. Depois de finalmente entornar a última gota e, ainda por cima, lambe o copo, ela disse:

— Agora, Sr. Wonka, o que posso fazer pelo senhor? Um quarto, é?

— Bem, sim, mas, é... — Willy fez uma pausa, envergonhado.

Dona Alva abriu um **SORRISO** para Escovão.

— Não me diga, Sr. Wonka.

— Sinto dizer que é verdade, Dona Alva — confirmou Willy. — Eu não tenho um soberano em meu nome. Mas se meu prognóstico estiver certo, isso está prestes a mudar.

— Ah, é? — perguntou Dona Alva.

— Veja bem, eu sou uma espécie de mágico, inventor e chocolateiro. Passei os últimos sete anos viajando pelo mundo aperfeiçoando minha arte, e amanhã, no primeiro horário da Galeria Gourmet, eu planejo revelar minha mais extraordinária criação. Preparem-se para serem **SURPREENDIDOS** quando eu lhes apresentar...

— Ele enfiou a mão na cartola e tirou...

— Um bule? — disse Dona Alva sem emoção.

— Hã? — surpreendeu-se Willy, antes de notar que ele de fato tirara um bule da cartola. — Ah, não, não é isso!

— Eles foram inventados há anos, cara — comentou Escovão.

Willy devolveu o bule e voltou a revirar a cartola. Os outros o encararam enquanto ele tirava um cordão de lenços, um monte de cenouras... Em algum lugar dentro do chapéu, um **RELINCHO** furioso ressoou.

— Desculpe, está aqui em algum lugar — murmurou Willy. Noodle reprimiu uma **RISADA**.

— Hã... não se preocupe, Sr. Wonka — insistiu Dona Alva. — Dá para ver que é um homem de grande engenhosidade, e nós temos a coisa certa para o senhor: o pacote empreendedor! O quarto custa um soberano por noite, mas o senhor não precisa pagar até as 18 horas de amanhã. Isso lhe dá tempo o suficiente para ganhar alguns trocados?

— Mais do que o suficiente, Dona Alva! — disse Willy, com um sorriso **RADIANTE**. — Obrigado!

Os lábios da Dona Alva se curvaram num sorriso sorrateiro. Ela estendeu uma caneta e um contrato.

— Então é só assinar aqui. É fácil assim.

Willy ouviu uma tossezinha e, ao se virar, viu Noodle espiando pela portinhola que dava para o cômodo dos fundos, os olhos arregalados. Ela apontava freneticamente para o contrato, agarrava o pescoço como se estivesse engasgando, então dramaticamente tombava para a frente como se tivesse morrido.

Willy franziu a testa, incapaz de decifrar o que ela queria dizer. Se ele... *comesse* o contrato... ele engasgaria... até morrer? Bem, isso ele já sabia!

— Leia as letras **MIÚDAS!** — sibilou Noodle.

— Perdão? — disse Willy.

Dona Alva virou o corpo e lançou um olhar perverso para Noodle.

— Obrigada, Noodle, já pode ir. — E com isso, bateu a portinhola.

— O que ela estava dizendo? — perguntou Willy.

— Ela quem? — disse Dona Alva, com a voz aguda e estranha.

— A garota — explicou Willy.

— Que garota? — rebateu Dona Alva.

— Pareceu alguma coisa tipo *leia as letras miúdas*, e tem muitas delas aqui... — Willy deixou o contrato estilo pergaminho se desenrolar. Ele se estendeu por todo o comprimento do cômodo.

— Ah, você não deveria dar ouvidos a ela, Sr. Wonka. Ela foi jogada por um duto de roupa suja quando era bebê. Eu a acolhi pela **BONDADE** do meu coração e fiz o melhor que pude — revelou Dona Alva —, mas isso a deixou com uma natureza desconfiada. Ela vê conspiração por todos os cantos.

— Coitadinha — pronunciou Willy com tristeza.

— É um contrato padrão, mas fique à vontade para dar uma olhada — ofereceu Dona Alva, forçando um **SORRISINHO**.

— Muito bem, então — respondeu Willy. — Vou dar uma olhada.

Dona Alva fitou Escovão com nervosismo enquanto Willy lia as letras miúdas. Cuidadosamente, Escovão tirou um porrete do bolso interno e começou a se esgueirar pelas costas de Willy.

— Certo, é... aham... — murmurava Willy, passando o dedo pelo contrato. — Ótimo... rá! Gostei do que fizeram aqui.

Escovão ergueu lentamente o porrete sobre a cabeça de Willy.

— Muito bem, muito bem... aham. Muito bem! Bem, parece estar tudo em ordem — afirmou Willy.

Escovão guardou rapidamente o porrete no bolso enquanto, com um **FLOREIO**, Willy assinava o contrato. Ele olhou para Dona Alva, que estava tão confusa quanto ele.

— Ah! — disse Dona Alva por fim, incapaz de reprimir a surpresa. — Bem, nesse caso... seja bem-vindo, Sr. Wonka!

Então, com um passo saltitante de empolgação, ela guiou Willy por uma escada instável até o quarto dele. Havia fotos de Tito e um grande pôster no qual se lia *VENHA PASSAR A NOITE, FIQUE PARA SEMPRE!* decorando as paredes.

— Extremamente charmoso, Dona Alva — comentou Willy.

— Espero que fique muito confortável aqui, Sr. Wonka — disse ela com um sorrisinho. Eles tinham chegado ao quarto mais alto, e quando ela abriu a porta, Willy arquejou.

A cama era fofa e de dossel, e havia até mesmo uma balinha no travesseiro! Um fogo reconfortante **ESTALAVA** na lareira, e dali de cima Willy via todos os domos das Galeria Gourmet, reluzindo ao luar.

— Durma bem, Sr. Wonka — sussurrou Dona Alva.

Assim que a porta se fechou, ela se virou bruscamente e chamou meigamente:

— Ah, Noodle! Nooooooodle!

Mas, apesar do tom melódico de sua voz, seu rosto ficava mais vermelho e mais furioso a cada instante. Seus olhos estavam arregalados e vermelhos e ficou nítido que ela estava prestes a EXPLODIR.

Noodle espiou pela curva do corredor.

— Sim, Dona Alva? — cantarolou ela, mas sua expressão mudou no segundo em que ela avistou a mulher enfurecida. Foi o suficiente para fazer suas perninhas tremerem.

Dona Alva avançou, agarrando Noodle pela orelha com um beliscão doloroso. Então ela a arrastou gritando até o final do corredor e abriu uma porta pesada com um chute. Do outro lado dela havia um congelante, resfriante, trepidante viveiro de pombos.

— Não! — esganiçou Noodle.

— Não — imitou Dona Alva com uma risada de desdém. Suas mãos furiosas trabalharam **DEPRESSA**, atirando Noodle de cabeça em direção aos pássaros agitados e batendo a porta.

Noodle arranhou freneticamente a porta lascada, seus dedinhos escorregando pela sujeira densa de pombo que cobria todas as superfícies.

Ela odiava o viveiro, e odiava o cheiro mais do que tudo. Era mofado e azedo e tenebrosamente quente ao mesmo tempo, e nunca deixava de causar nela ânsia de vômito.

— Se você jamais voltar a interferir nos meus negócios, passará a semana inteira nesse viveiro, entendeu? — rosnou Dona Alva do outro lado da porta.

— Sim, Dona Alva! — gritou Noodle. — Me desculpe, Dona Alva!

Ela encolheu os joelhos sob o queixo e tremeu conforme a noite caía. Não havia outra alma na cidade com uma vida mais angustiante do que a da pobre Noodle.



★ CAPÍTULO TRÊS ★

AEROCHOCS

Na manhã seguinte, Willy voltou a Galeria Gourmet.

— SENHORAS E SENHORES DA GALERIA GOURMET! — exclamou ele. As pessoas pararam e encararam quando Willy bateu a bengala contra o chão. Mas quando ele a soltou, **INCRIVELMENTE** a bengala não caiu, ficou perfeitamente de pé; como se segurada ali por mágica! As pessoas começaram a sussurrar com empolgação, e os conglomerados de clientes ao redor dele começaram a se multiplicar.

Encantado apesar de não surpreso com o espanto das pessoas, Willy estalou os dedos, então, com um floreio, apertou um botão na lateral da bengala. Um zumbido mecânico sofrido emergiu do seu interior, e uma bandeira começou a se desenrolar do topo dela; com muita lentidão e imensa dificuldade.

A multidão se aproximou para ver melhor. Willy começou a se debater com a bandeira.

— Imaginem a bandeira irrompendo da bengala com um POU! — disse ele aos clientes.

As pessoas começaram a ir embora.

— Ah-há! — exclamou Willy, chamando a atenção deles. — Aí está. — Ele alisou as pregas da bandeira, revelando um logo **ESTAMPADO** nela; um W bordado. A letrinha brilhava tão intensamente e se curvava tão agradavelmente que voltou a atrair a multidão.

Foi naquele momento que por acaso Noodle estava passando, arfando e bufando e arrastando um carrinho de roupa suja com pelo menos dez vezes o tamanho dela. Ela parou para observar.

— Isso vai ser bom — sussurrou ela sarcasticamente.

Willy limpou a garganta.

— Meu nome é Willy Wonka — disse ele —, e eu vim lhes mostrar um petisco **PERFEITO**, um comestível incrível, um alimento estupendo; então fechem a boca e abram os ouvidos! — Ele pausou. — Não. Esqueçam isso, rebobinem.

Noodle revirou os olhos.

— Eu lhes apresento — falou ele. — Meu AEROCHOC! — Ele tirou um pote da cartola e o ergueu no ar, sua mão tremendo tanto que os chocolates no interior chacoalhavam. Eles tinham uma cor amarela ofuscante e estavam em uma embalagem verde, divididos como asas e estampados com pontinhos vermelhos. Pareciam mais insetos magníficos do que chocolate.

— *Isso* é chocolate? — zombou alguém da plateia.

— Com ovinhos de mosca-das-flores dentro — cantarolou ele. — Tem uma batida de asas imbatível!

— Chocolate de ovo de mosca? Quem é esse cara?! — exclamou alguém na plateia.

Todo mundo sussurrava agora, e o lugar ficou subitamente elétrico de **EMPOLGAÇÃO**.

Mas acima do andar das lojas, onde os donos das lojas de chocolate tinham seus escritórios, fazia um silêncio sepulcral. Três figuras tinham se juntado em suas janelas para assistir à comoção abaixo. Willy não os notara, mas se tivesse, saberia imediatamente quem eram. Na verdade, o mundo todo sabia quem eles eram, porque a maioria das pessoas comia o chocolate deles todo dia: Slugworth, Fickelgruber e Prodnose. Os três grandes chocolateiros.

— E quando os ovos eclodirem... — continuou Willy ao tirar a tampa do pote — é aí que a **DIVERSÃO** começa.

O cheiro atingiu a plateia primeiro, e houve um coro de *humms* enquanto todos inalavam o delicioso aroma. Mas então algo peculiar aconteceu, algo que ninguém nunca vira. Três chocalatinhos se ergueram da jarra por conta própria e pairaram no ar!

Todo mundo arquejou!

Lá em cima, os três famosos chocolateiros começaram a suar. Slugworth se virou imediatamente para a sua secretária.

— Srta. Bom-Bom? — disse ele. — Chame a polícia.

De volta ao andar de baixo, Willy sorria radiante enquanto os clientes absorviam cada palavra sua. Estava indo melhor do que ele jamais imaginara; muitos lambiam os lábios e ninguém conseguia tirar os olhos dos chocolates parados no ar. Quando

pensou em sua mãe, em como ela estaria orgulhosa naquele momento, ele sentiu um nó se formar em sua garganta.

— ISSO É *CHOCOLATE*? — gritou uma criancinha.

Noodle deu uma risadinha.

Willy estendeu o pote.

— Só tem uma maneira de descobrir. Quem quer uma provinha?

Bem, a multidão foi à loucura. Houve gritos e berros e as pessoas começaram a puxar e empurrar, desesperadas por uma mordida. Mas antes que Willy conseguisse distribuir sequer um dos chocolates, uma voz autoritária o fez paralisar onde estava.

— Eu aceito um **AEROCHOC**.

Willy se virou e ficou encantado ao ver ninguém menos que Arthur Slugworth parado atrás de si! Ele conhecia muito bem aquele célebre rosto; já vira a foto dele uma vez no jornal e guardara na memória. Slugworth estava sempre ali, em seus sonhos do futuro, dando tapinhas em suas costas, lhe dando as boas-vindas ao mundo do chocolate. Ele era maior em carne e osso, impressionante e sofisticado, vestido num terno refinado com fios dourados **RELUZENTES**. Ele ouviu dizer uma vez que Slugworth sempre estava vestido com um terno, mesmo como pijama. Era esse seu nível de profissionalismo.

— Sr. Slugworth, senhor! — disse Willy com uma reverência. — Que honra! Desde que eu era menino...

Slugworth pegou sua mão, a balançando para cima e para baixo num aperto de mão de quebrar os ossos. Willy estremeceu enquanto mais dois chocolateiros lendários se esforçavam para abrir caminho pela multidão.

— **UAU!** — disse Willy. — É um aperto de mão e tanto, Sr. Slugworth!

— É um aperto de mão de negócios. Faz as pessoas saberem que eu não brinco em serviço. Agora venha comigo. — Ele deu batidinhas impacientes no relógio. — Tique-taque, tique-taque, acabe logo com isso tudo.

Willy notou que o relógio do homem tinha parado, e estava prestes a dizer a Slugworth que ele parecia estar tendo problemas com o tempo, mas a chegada de Fickelgruber e Prodnose o distraíram. Eles assomaram sobre ele, sem dizer uma palavra.

— A trindade do chocolate, em carne e osso! — exclamou Willy, mas eles continuaram em silêncio.

Fickelgruber era alto e esguio; no momento limpava as mãos com um lenço.

— Toquei em alguns paletós horrorosos ao passar pela multidão — murmurou ele em certo momento para Prodnose como forma de explicação.

Prodnose estava parado rigidamente, como se o tivessem ordenado a ficar assim. Ele era baixo e corpulento e usava um terno mais colorido do que os outros: um xadrez mostarda de duas peças. Sua peruca estava achatada sobre a cabeça redonda, lambida para trás num nível profissional. Havia um boato de que a peruca era feita do pelo de seu gato falecido, e Willy se flagrou encarando-a. De muitas formas, era como conhecer *quatro* pessoas famosas. Ele ouvira falar muito da peruca de gato (e a maioria das pessoas concordava que caía melhor no gato).

— Venha logo, garoto! — ribombou Slugworth. — Vamos experimentar um desses supostos “Aerochocs”, então.

Willy deu um passo para o lado, e Slugworth, Fickelgruber e Prodnose passaram esbarrando, cada um agarrando um chocolate flutuante do ar. Um depois do outro, eles jogaram o chocolate na boca... e um depois do outro, seus rostos se iluminaram com exímio prazer.

— Uuh! Uuh, não é só chocolate, é? — afirmou Slugworth, incapaz de esconder o quanto estava desfrutando. — Tem... marshmallow.

— Isso mesmo — confirmou Willy, **RADIANTE**. — Colhido do Pântano de Marshmallow do Peru.

— E caramelo — acrescentou Fickelgruber. — Mas é...

— Salgado — disse Willy com um aceno de cabeça conhecedor. — Com as lágrimas agridoces de um palhaço russo.

Prodnose começou a salivar de satisfação.

— E isso é... Será possível? Cereja!

— *Flor* de cerejeira — corrigiu Willy. — Seleccionadas a dedo pelos seletivos seleccionadores de cereja dos Jardins Imperiais do Japão.

Ao engolirem, os chocolateiros trocaram olhares preocupados.

— Bem, Sr. Wonka — disse Slugworth. — Preciso admitir. Já faz muito tempo que estou nesse ramo, e posso afirmar com segurança que, de todo chocolate que eu já provei, esse é, sem dúvida, o mais cem por cento absolutamente...

Willy finalmente avistou Noodle na multidão e fez um joinha para ela.

— PIOR! — completou Slugworth.

— Ora, obrigado, isso é muito... Calma, *o quê?* — exclamou Willy.

Slugworth balançou a cabeça com seriedade.

— Nós três somos rivais ferrenhos, mas concordamos numa coisa. Um **BOM** chocolate deve ser simples, puro, descomplicado.

— Ao passo que isso, com todas as suas invenções de moda e firulas.... — Fickelgruber torceu o nariz. — Bem, é simplesmente...

— Estranho — completou Prodnose.

Willy murchou. Ele encarou a multidão fascinada, sentindo os olhos fixos o ferroando.

— Não fique desanimado, Sr. Wonka — disse Slugworth, reprimindo um risinho presunçoso. — Tudo bem não ser um chocolateiro. Existem muitos outros ramos de negócios.

— Apesar de que eu evitaria uma carreira na moda! — exclamou Fickelgruber com uma risada desdenhosa.

Uma **RISADINHA** se espalhou pela multidão. Willy baixou o olhar para seu fiel fraque roxo e, de repente, lembrou de uma coisa. Ele se animou, um brilho travesso se acendendo em seus olhos.

— Bem, tem mais uma coisa que talvez os faça mudar de ideia — disse ele. — Mas não sei... se os três cavalheiros acharam que o *gosto* do meu chocolate era estranho, talvez não gostem dessa próxima parte...

Bem nesse momento, os pés de Slugworth se ergueram do chão. Ele estava subindo em direção ao teto! Suas mãos tentavam agarrar o ar, buscando desesperadamente algo no qual se segurar. Mas ele continuou subindo e subindo.

— **WONKA!** — berrou ele.

Willy se virou para a multidão e disse em seu tom mais travesso:

— A mosca-das-flores saiu do seu casulo de chocolate e está batendo as asas o máximo que consegue!

Em seguida, Fickelgruber se ergueu do chão, acompanhado de perto por Prodnose.

— Você quer dizer que um *inseto* está fazendo isso?! — gritou Prodnose.

— Ah, sim — confirmou Willy. — Mas não se preocupe, ele sairá completamente ileso! Daqui a uns vinte minutos, ele vai se cansar e sair pelo seu traseiro.

— Como é que é?! — gritou Fickelgruber.

— Ele quer dizer que vamos expulsá-lo pelas nossas bundas com um pum — explicou Prodnose, antes de dar uma cambalhota para trás e derrubar a peruca no chão.

Willy a pegou, e ao fazê-lo, notou algo curioso rabiscado do lado de dentro. Três números...

— Me dê isso — rosnou Prodnose, e Willy apressadamente jogou-a de volta para ele. O chocolateiro flutuante a pegou e a colocou de volta na cabeça, segurando-a com firmeza dessa vez para que a **GRAVIDADE** não conseguisse roubá-la de novo.

— Você tem um parafuso a menos, Wonka! — gritou Slugworth. — Quem em sã consciência ia querer um chocolate que faz voar?!

— Quem... quem... — pensou Willy. — Vamos descobrir, que tal? Quem quer um Aerochoc?

Nesse momento, a multidão se lançou, toda ao mesmo tempo, para a frente; uma enorme e agitada massa de corpos e braços estendidos, todos apontados para o pote. Houve gritos de animação quando Willy colocou chocolates nas mãos das pessoas, que, em troca, deixaram moedas em seus bolsos. Ele recuou para contemplar a maravilhosa vista conforme, uma por uma, elas se elevavam do chão. Mais e mais pessoas flutuaram até que o enorme domo de vidro estivesse estampado por uma abóbada de clientes maravilhados. Uma mulher de chapéu de plumas passou voando com seu cachorro trotando-flutuando em sua guia atrás dela, seguidos por uma freira dando gritinhos e cambalhotas. Um idoso passou planando, mãos **ESTENDIDAS**, gargalhando tão calorosamente que fazia chover lágrimas.

Willy ficou abaixo deles, balançando o dedo para trás e para a frente como se conduzisse uma orquestra, seu rosto iluminado de diversão e risada.

— Muito bem, pessoal! — soou um grito seguido por um **APITO**, fazendo Willy se virar e ver a polícia entrando em fila.

— Nada para ver aqui! — vociferou o homem na frente. O chefe, o Chefe da Polícia. Ele estava adornado por medalhas e músculos e usava botas de couro de cano alto que rangiam a cada passo, todo cheio de gingado arrogante e de peito estufado. Ele tinha um bigode fino, que, ao se aproximar, Willy percebeu estar enfeitado por pedacinhos de chocolate. — Apenas um pequeno grupo de pessoas desafiando as leis da gravidade — disse o Chefe. — Pesquem-nos, garotos.

Policiais começaram a puxar os clientes flutuantes de volta à Terra, como se catassem balões errantes no céu. Então um rosto familiar se aproximou de Willy; o guarda do dia anterior.

— Eu não estou **SONHANDO ACORDADO** dessa vez! — disse Willy. — Sem regras quebradas por aqui.

— Sinto dizer que tivemos queixas sobre o senhor — informou o guarda.

— Queixas... — Willy fez uma pausa, esperando pelo nome do homem com quem falava.

— Guarda Gentil — disse ele. — E sim, queixas de que o senhor está atrapalhando os outros comércios. Infelizmente, tenho a obrigação de tirá-lo daqui... e confiscar seus ganhos.

O Chefe acenou com a cabeça para outro guarda, que marchou adiante e tirou as moedas do bolso de Willy.

— O quê? Ah, não, por favor! — exclamou Willy.

— Não se preocupe, irá para uma **BOA** causa. Crianças doentes ou algo assim — gritou o Chefe.

— Sinto muito, Sr. Wonka — disse Guarda Gentil. — Regras são regras.

— Deixe ao menos um soberano para mim — implorou Willy. — Preciso pagar pelo meu quarto.

Guarda Gentil relanceou por cima do ombro para checar se o Chefe não estava olhando, então passou um único soberano para Willy do próprio bolso.

— Aqui — disse ele, então reduziu a voz a um **SUSSURRO**. — Agora siga meu conselho e venda seu chocolate em outro lugar.



CAPÍTULO QUATRO

SEMPRE LEIA AS LETRAS MIÚDAS



Willy andou de volta para a lavanderia, com a mente zumbindo como sempre. Havia uma ou duas ideias de chocolate quicando lá dentro, assim como um problema urgente a ser resolvido. Um grande problema. Como impressionar a Galeria Gourmet e convencê-los a deixá-lo vender seu chocolate! Desde que ele se lembrava, o **SONHO** da Galeria Gourmet o impulsionara a continuar. Não importava qual tristeza ou melancolia a vida jogasse para ele, Willy conseguia **CONJURAR** aquele sonho e viver nele por um tempo, e ele conseguia vagar alegremente pela última coisa que ele e a mãe haviam imaginado juntos. Ele não deixaria que isso fosse substituído por essa nova memória de heróis que acabaram não sendo nem um pouco heróis. Sempre havia uma maneira de mudar as coisas; ele tinha confiança de que sua imaginação conjuraria algo perfeito. Ela nunca o decepcionara.

Escovão estava fechando a lavanderia quando ele chegou, e Dona Alva estava do lado de dentro, sentada nas sombras e bebericando sua água de minhoca fedorenta.

— Boa noite, Sr. Wonka — cumprimentou ela. — Como foi?

Willy suspirou.

— Não tão bem quanto eu esperava.

— Ah, céus — disse ela, então se levantou avidamente. — Bem, sinto dizer que precisamos acertar as contas agora.

— Felizmente, o quarto está garantido — falou Willy. — Acredito que combinamos um soberano?

Ele tirou o único soberano do bolso e o colocou no balcão.

Os olhos de Dona Alva **ESTREMECERAM** de empolgação.

— Pelo quarto, sim. Mas o senhor utilizou um ou dois serviços extras durante sua estadia conosco.

— Utilizei? — perguntou Willy, franzindo o nariz enquanto vasculhava a mente desesperadamente em busca de quais seriam esses serviços extras.

Dona Alva abriu seu livro contábil e começou a somar a conta.

— Sim, utilizou. Teve aquele copo de água de minhoca que tomou ao chegar. E acredito, se me lembro bem, o senhor também se esquentou na lareira.

— Ele se esquentou, de fato, Dona Alva — rosnou Escovão.

Willy olhou com nervosismo para a saída enquanto Escovão trancava a porta com um ferrolho.

— Aquecimento é extra, viu? — avisou Dona Alva.

— Usou a escada para chegar ao quarto e tudo — acrescentou Escovão.

— Ah, pois bem, também tem o custo da escada — lembrou Dona Alva ao rabiscar furiosamente no livro contábil. — E é por degrau, sinto dizer, na subida e na descida. Agora me diga, Sr. Wonka, o senhor por acaso usou o minibar?

Willy **ERGUEU** uma sobrancelha.

— Tem um minibar?

— Minibar de sabonete — explicou Escovão.

— Ao lado da pia — acrescentou Dona Alva prestativamente.

Willy se retraiu.

— Talvez eu tenha... um pouquinho?

— Uuh-huu! — exclamou Escovão.

— Viu, até Escovão sabe que nunca se deve tocar no minibar, e ele foi criado numa vala — disse Dona Alva. — Adicionando o arrendamento do colchão, aluguel da roupa de cama, penalidade do travesseiro e chegamos a... dez mil soberanos.

— Eu... eu acho que vocês não podem fazer isso — falou Willy, tamborilando nervosamente na bengala.

Dona Alva lançou um sorriso podre.

— Está tudo nas letras miúdas, querido.

— Mas eu não tenho dez mil soberanos — disse Willy. — Só tenho um.

Escovão segurou Willy pela gola e sibilou:

— Então nós temos um problema, Sr. Wonka.

— Você precisará trabalhar na lavanderia para pagar a conta. Ganhando um soberano por dia! — disse Dona Alva **ALEGREMENTE**.

— Mas... dez mil soberanos — gaguejou Willy. — Isso dá...

— Vinte e sete anos — disse Dona Alva.

— Quatro meses... — grunhiu Escovão.

Dona Alva mostrou os dentes e completou:

— E dezesseis dias!

Então, antes que Willy conseguisse protestar, Escovão içou Willy no ar e o **ARREMESSOU** dentro do duto de roupa suja.

— Aaaargh! — gritou ele ao deslizar para as entranhas da lavanderia e aterrissar com um *pof* num cesto.

Ele ficou esmagado entre os sacos de roupa, se xingando por não notar antes os sinais.

— Eu deveria ter dado ouvidos àquela garota — resmungou Willy. — Qual era o nome dela?

— Noodle — veio uma resposta, e para a grande surpresa de Willy, ele espiou para fora do carrinho e viu um cavalheiro mais velho num terno de tweed elegante. Ele parecia deslocado em meio aos varais e lençóis pendurados e tonéis borbulhantes agitando toneladas de roupas, como se alguém o tivesse arrancado de um escritório e acidentalmente o derrubado ali.

— Você deve ser o Sr. Wonka — disse ele ao ajeitar os óculos e juntar as mãos com diligência. — Eu sou Ábaco Crunch, auditor contábil. Ou pelo menos era. Agora eu, é...

Uma mulher alta e sorridente vestindo um macacão jeans encharcado se aproximou e estendeu uma das mãos para ajudá-lo a sair do cesto de roupas.

— Ábaco manda aqui — disse ela enquanto Willy saía com dificuldade. — E é melhor você fazer o que ele manda ou vai se ver comigo. Piper Benz, encanadora por profissão.

— Auditor, encanadora — murmurou Willy, secando a testa. O ar estava denso com sabão e o lugar todo estava um calor do cão.

— Eu sou Larry Risadinha — veio uma voz, e um homem saiu de trás de uma pilha colossal de lençóis dobrados. Ele usava uma peruca cacheada e grande sapatos bulbosos. Girou a gravata borboleta em cumprimento. — Eu sou um palhaço, caso os sapatos não deixem óbvio o suficiente. Palhaço profissional.

— E essa aqui é LotaTrim — disse Piper, cutucando uma mulher de aparência tímida para a frente. O cabelo dela quase cobria totalmente seu rosto, como se ela tentasse se esconder. — Ela era telefonista na época dela, não era?

A mulher não respondeu, e apenas **ACENOU** timidamente na direção de Willy.

— Ela não fala muito — explicou Piper.

— Então eles pegaram todos vocês também, foi? — perguntou Willy melancolicamente.

Ábaco abaixou a cabeça.

— Infelizmente. Todos nós estávamos precisando de um lugar barato para nos hospedar e terminamos não lendo as letras miúdas.

Willy andou por todos os lados do cômodo, batendo e esmurrando e dando puxõezinhos em canos.

— Tem que ter um jeito de sair daqui.

— Acha que não tentamos? — perguntou Piper. — As janelas têm grades, o cachorro está na porta...

— E mesmo que conseguíssemos sair, nada escapa àquele contrato — disse Ábaco.

— Ao contrário dessa flor! — exclamou Larry com uma risada, **ESPREMENDO** um pouco de água no próprio rosto. — Desculpe, é uma piada de palhaço.

Para a grande surpresa dos outros, Willy caiu na gargalhada.

— Fantástico! — exclamou ele, inspecionando a pequena engenhoca de plástico. — Você acha que é só uma flor, mas é algo totalmente diferente! Ah, Larry, acho que vamos nos dar muito bem!

Larry o encarou sem expressão, como se uma reação **POSITIVA** fosse a última coisa que ele esperasse.

— Eu realmente adoro invenções engenhosas — continuou Willy. — Ainda mais as que fazem os outros sorrirem.

— Se você não estiver aqui na hora da chamada — disse Piper, levando a conversa de volta ao aprisionamento deles —, Dona Alva chamará a polícia e cobrará mil soberanos pela inconveniência. — Ela afundou numa pilha de roupas e colocou a cabeça entre as mãos.

De repente, Tito latiu do outro lado da porta, fazendo todos pularem de susto.

— Muito bem, todo mundo de volta ao trabalho! — disse Ábaco. — Vamos lá, Sr. Wonka, eu vou te mostrar o caminho das pedras. Você fica nessa sala aqui. Na espuma.

E assim todos voltaram às suas estações de trabalho e Ábaco guiou Willy até a sala da espuma. Era uma salinha sombria, dominada por dois tonéis enormes de cobre.

— Seu trabalho é mexer, Sr. Wonka — disse Ábaco.

Relutantemente, Willy pegou uma pá gigante e começou a **MEXER** o tonel fumegante.

— Acho que já deu para mim — murmurou ele baixinho, mas os trabalhadores estavam ocupados esfregando.

★ ★ ★

O tempo passava devagar na lavanderia, e por mais que ele só estivesse ali havia algumas horas, já pareciam dias. Os trabalhadores constantemente entoando “**ESFREGA, ESFREGA**” também não ajudou. Willy se flagrava relanceando repetidamente para o relógio, se perguntando quando o pesadelo acabaria. O cheiro de sabão era enjoativamente **DOCE**, e o ar úmido lhe dava coceiras.

Finalmente, depois do que pareceu ser uma eternidade, o ferrolho da porta foi aberto e Escovão entrou com uma prancheta.

— Benz... Crunch... Risadinha... Trim... Wonka — rosnou dele, riscando seus nomes da lista antes de mandar que subissem para dormir.

— Vou me certificar de não usar o minibar dessa vez — disse Willy. — Lição aprendida.

— Ah, eu não me preocuparia com isso, Sr. Wonka. Porque você não vai mais ganhar sabão nenhum — falou Escovão antes de agarrar Willy pela gola e jogá-lo dentro do quarto. — Luzes apagadas em trinta minutos! — rugiu ele ao bater a porta.

— Um homem aterrorizante, mas com um lançamento nível Olímpico de se admirar — comentou Willy, balançando a cabeça. Ele se levantou com um **PULO** e se espanou, assimilando o novo lar. O quarto era muito diferente do que ele ficara no andar de cima. Não havia fogo ardente, nenhum mimo no travesseiro. Era vazio, com apenas uma velha cama frágil, uma pequena escrivaninha e uma janelinha quebrada. O ar frio soprava em rajadas pelas rachaduras no vidro, fazendo um som irritante de assobio, enquanto Willy deitava na cama para descansar o corpo dolorido.

Ele ergueu o olhar para o teto escuro, o estômago roncando de fome e as mãos ardendo do sabão. Ele estava preso, ele... teve certeza de que ouvia passinhos! Passinhos incrivelmente **MINÚSCULOS**, como o som que um pássaro faria se tivesse comprado belas pantufas. *Tip, tap, tip, tap.*

— É você de novo, não é? — sussurrou Willy para a escuridão.

Mas os passos **ACELERARAM** e desapareceram.



CAPÍTULO CINCO

RAIO DE ESPERANÇA

Willy estava finalmente caindo no sono quando ouviu uma **BATIDA** alta na porta.

— Serviço de quarto! — exclamou a voz de Noodle enquanto a porta se abria com um rangido. Ela deixou um balde com restos de comida no chão. — Eu falei para você ler as letras miúdas, não falei?

— Eu sei, eu sei — respondeu Willy. — É só que, bem, vou ser honesto, eu... não sei.

— Não sabe o quê? — perguntou Noodle.

— Não sei ler — explicou Willy.

— Não! Só pode estar brincando — arquejou ela.

— Sim, sim — disse Willy.

— Seu chocolate faz as pessoas **VOAREM**, e você não sabe ler? — exclamou Noodle.

— Bem — disse ele, um pouco na defensiva —, eu ando ocupado com meu plano de compartilhar os chocolates Wonka com o mundo.

— Ah, verdade.

— Para todo o restante, eu confiei na bondade de estranhos.

Noodle deu uma risada sem emoção.

— E olha aonde *isso* levou você: aos aposentos dos funcionários. Pelo menos você tem uma cama.

Então, como se a cama tivesse escutado e quisesse tornar o dia de Willy Wonka ainda mais deprimente, a estrutura inteira desabou sob ele.

Ele aterrissou no chão com um *crunch*.

— Estou bem — guinchou ele.

— Você *tinha* uma cama — continuou Noodle. — Uma escrivaninha, um lavatório... que também é sua privada, por sinal. A água sai em duas temperaturas: gelada e mais gelada.

Willy se levantou e andou até o lavatório; quando abriu as torneiras, o filete de água que saiu de cada uma era de fato gelada e mais gelada.

— Quanto é que *you* deve a eles? — perguntou Noodle.

— Dez mil.

— Considere-se sortudo! — disse Noodle. — Eu devo trinta.

— O quê? — respondeu Willy, **ARREGALANDO** os olhos de incredulidade. — Como você deve dinheiro? Achei que eles tivessem encontrado você no fundo do duto de roupa suja.

— Ah, eles encontraram — confirmou Noodle. — Me acolheram pela bondade do coração deles... e me cobraram pelo privilégio. Ninguém pensaria que um bebê de um ano conseguiria assinar um contrato, mas, *aparentemente*, uma digital de polegar tem validade legal!

— Sinto muito, Noodle — disse Willy com tristeza. — Se ao menos você não tivesse polegares; ou melhor ainda, se ao menos você tivesse sido jogada num duto de roupa suja mais agradável.

— Não é tão ruim assim — falou Noodle. — Se eu não me meter em **PROBLEMAS**, sairei daqui quando tiver 82 anos.

Willy balançou a cabeça.

— Que dupla de monstros.

— A vida é assim — disse Noodle. — Cruel e horrível, e as pessoas sempre escolhem ambição em vez de boa ação. É como o mundo funciona. — Ela despejou um pouco da comida do balde numa tigela. — Aproveite!

— Vamos lá, Noodle — falou Willy. — Com certeza que não vamos comer nada *disso*.

Ele foi até o outro extremo do cômodo e pegou sua maleta.

— O que está fazendo? — perguntou Noodle.

Sem tirar o olhar dela, ele largou a maleta na escrivaninha, fazendo-a abrir com força. Ela se **DESDOBROU** como uma caixa de ferramentas mágica, expandindo e criando canos de um lado e painéis do outro! Uma gama de frascos e béqueres brotou para cima; ali estava um fogão a gás em miniatura e uma colher de madeira que mexia automaticamente.

— É sério — disse Noodle. — O que é isso? O que você está fazendo?

— Chocolate, é evidente! — respondeu ele ao começar a vasculhar os estranhos ingredientes. — Como prefere? Amargo? Branco? Com castanhas? Totalmente

doido?

Noodle deu de ombros.

— Não sei. Nunca comi chocolate.

Willy congelou.

— O que foi? — perguntou Noodle.

— Nunca? — disse Willy, incrédulo. — Nem uma mordiscada?

— Não — afirmou Noodle.

— Que TERRÍVEL! — exclamou Willy. — Vamos remediar isso imediatamente!

Noodle se aproximou.

— Eu adoraria experimentar aquele que faz voar...

— Sinto que o restante do meu estoque de moscas-das-flores ainda não esteja pronto — disse Willy. — Ah! Mas eu tenho um ou dois ingredientes que talvez você goste. — Ele estalou os dedos e começou a tirar as rolhas dos potes e entornar coisas numa panela. — Raios de esperança cairão **BELAMENTE!** Feito de nuvens de trovão condensadas e luz solar líquida. Ajuda a mostrar aquele leve raio de esperança atrás da sombra do desespero. Bem o que nós dois precisamos, não acha?

Noodle o observava trabalhar, completamente **FASCINADA.**

— Você sempre quis fazer chocolate? — perguntou ela.

— Eu sempre quis comer — disse Willy, sacudindo alguns ingredientes para dentro da panela no fogão. — Quando eu tinha a sua idade, era minha mãe quem cozinhava. Não tínhamos muito dinheiro, mas toda semana ela comprava um grão de cacau, e quando chegava o meu aniversário, já havia o suficiente para fazer uma barra inteira de chocolate. E não era simplesmente qualquer chocolate, era o melhor. Ela sabia um *segredo* que nenhum outro chocolateiro sabia, nem mesmo Slugworth. Era um segredo que tornava o chocolate dela o melhor do mundo!

Noodle se inclinou para perto, olhos arregalados.

— Qual era o segredo? — perguntou ela.

— Eu nunca tive chance de perguntar — disse Willy com tristeza.

— O que... aconteceu com ela? — sussurrou Noodle. Os olhos de Willy **CINTILAVAM** de lágrimas.

— Ela morreu — respondeu ele em um sussurro. — Do nada. Não havia ninguém para cuidar de mim, então eu entrei a bordo de um navio, e depois de anos viajando pelo mundo, aqui estou eu.

Noodle colocou uma das mãos no ombro dele.

— Como ela era?

— Mágica — disse ele. — Ela é o motivo pelo qual estou aqui... de certa forma.

— Bem, sim — respondeu Noodle. — É assim que funciona.

Willy gesticulou ao redor.

— Não, *aqui*, fazendo chocolate.

— Como assim?

— Nós sonhamos em vir até aqui e vender chocolate juntos. Eu me agarrei a esse sonho porque, bem, uma vez minha mãe me prometeu que, quando eu compartilhasse meu chocolate com o mundo, ela estaria bem ao meu lado. Sei que parece bobagem, mas eu sempre tive esperanças de que, de algum jeito, ela cumprisse essa promessa. E até me contasse o segredo dela!

A maleta fez um PLIM, e Willy pulou de um pé para o outro de tanta empolgação.

— Estão prontos — avisou ele, estendendo a mão para dentro da panela. Noodle observou com avidez enquanto ele tirava um chocolate perfeitamente formado. Ele o balançou no ar para esfriá-lo um pouco. — Aqui — disse ele, jogando-o para Noodle. — Prova!

Noodle o pegou e o aninhou delicadamente entre as mãos. Era um chocolate branco, com formato de nuvem e atravessado por um **LINDO** raio reluzente. Ela o levou aos lábios e deu uma pequena mordiscada. Então parou.

Willy se inclinou para mais perto, olhando **ESPERANÇOSAMENTE** para ela.

— E aí? — perguntou ele.

— Queria que você não tivesse feito isso — sussurrou ela.

— Por que não? — perguntou Willy com urgência. — Você não gostou? Eu achei de verdade que você fosse gostar!

— Não, eu gostei — disse Noodle. — É só...

Willy se inclinou para mais perto.

— O quê?

— Agora, todo dia que eu não tiver um chocolate para comer vai ser um pouco mais difícil — explicou ela.

— Ah! — disse Willy, soltando um suspiro de alívio. — Isso, Noodle, é exatamente o que você deveria sentir depois de comer chocolate. — Ele fez uma pausa, uma ideia se formando. — O que você acharia de ter todo o chocolate que pudesse comer todo dia pelo resto da sua vida?

— Um estoque vitalício? — perguntou Noodle, duvidosa.

— Um estoque vitalício — confirmou Willy.

Noodle ergueu uma sobrancelha desconfiada.

— O que eu precisaria fazer?

— Não muito — disse Willy. — Só me tirar daqui.

Noodle **GARGALHOU**.

— Não seja ridículo!

— Shh! É fácil! — disse Willy, então começou a andar de um lado para o outro do quarto, com empolgação. — Eu vou arrumar alguém para cobrir meu turno e você pode me levar clandestinamente para fora em seu carrinho de roupa; só por algumas horas, veja bem. Ninguém nem notaria que eu saí!

— Qual seria o objetivo disso? — perguntou Noodle.

— Vender chocolate, lógico! — disse Willy. — Vamos dividir os lucros e pagar Dona Alva rapidinho!

— É uma boa ideia, Willy...

— É uma ótima ideia! — corrigiu ele.

O rosto de Noodle ficou sério.

— Mas nunca vai funcionar.

— É claro que vai — afirmou Willy, descartando a falta de crença da garota. — Agora coma o restante do seu chocolate.

Ela jogou na boca o que havia sobrado.

— Você não entende — falou ela assim que **ENGOLIU**. — Dona Alva é como um gavião. Ela fica de olho em tudo que entra e sai da lavanderia. Exceto... hã.

— O quê? — perguntou Willy ansiosamente.

— Não, nada — disse Noodle, balançando a cabeça com surpresa.

Willy deu de ombros.

— Ah, tá bom.

— ... hã! — disse Noodle.

— Ah! Aí está o duplo-hã! — vibrou Willy. — Isso não é “nada”. Isso é o Raio de Esperança trabalhando. Ele te deu uma ideia!

— Tá bom — disse Noodle, com os olhos subitamente arregalados de **EMPOLGAÇÃO**. — Então a única vez em que ela baixou a guarda foi quando um tal aristocrata veio à lavanderia. Tinha um castelo para o qual não conseguia encontrar o caminho de volta ou algo do tipo e acabou parando aqui. Ele só estava pedindo por direções, mas ela ficou toda em cima dele que nem uma pereba. Foi nojento.

— É isso, Noodle! — exclamou Willy. — Tudo o que precisamos fazer é encontrar um aristocrata para Dona Alva e sair de fininho enquanto ela estiver distraída.

Ele jogou um Raio de Esperança na boca.

— Tá, mas onde nós vamos encontrar um aristocrata? — perguntou Noodle.

— Hã — disse Willy imediatamente.

Noodle se aproximou.

— Hã?

— Hã! — repetiu Willy.

— Um duplo-hã! — exclamou Noodle com encanto.

— Você tem papel e caneta? — perguntou Willy depressa, seus olhos disparando ao redor do quarto à procura. — Porque eu tenho uma ideia **ESPLÊNDIDA...**



Na calada na noite, o Chefe de Polícia caminhava sozinho pela praça da cidade. Suas grandes botas de couro esmagavam ruidosamente o chão congelado e seu passo era lento, porém deliberado, como se ele já tivesse percorrido aquela rota um milhão de vezes. Ele passou pela fonte congelada e seguiu para a catedral, o bigode se **RETORCENDO**, olhos arregalados como se estivesse possuído. Ao chegar à porta, ele ergueu o punho e esmurrou a madeira numa estranha série de batidas.

A porta se abriu com um rangido e o som de um cântico em latim fluiu para fora. Monges, mal discerníveis na luz bruxuleante das velas, deslizavam para cima e para baixo pelos corredores como se estivessem voando.

— Continuem com o cântico, amigos — disse o Chefe. — Está **FANTÁSTICO**.

Ele acelerou o passo, olhos fixos no confessionário no canto mais distante. Era um espaço fechado e adornado, dividido no meio e abrigando dois assentos, ocultos por uma cortina pesada. O Chefe era tão grande que precisou se espremer de lado entrar no confessionário. Ele afundou no assento e se virou para o padre que esperava no interior.

— Perdoe-me, padre, pois eu pequei — disse ele num tom monótono, como se estivesse fazendo pouco esforço. — Eu já comi cento e cinquenta desses chocolates desde a minha última confissão. — Então ele fez uma coisa peculiar: deslizou um chocolate para o padre.

— É muito difícil resistir a tentações — sussurrou o padre ao pegar o chocolate e inspecioná-lo, dando uma cheirada.

— Pode apostar — concordou o Chefe.

O padre deu uma última cheirada no chocolate e balançou a cabeça em aprovação. Então puxou uma alavanca na parede. Imediatamente, o confessionário inteiro vibrou e estrondou como um carro velho, e o lado do Chefe do confessionário começou a afundar. O Chefe cruzou as pernas e se recostou descontraidamente, como se fosse a coisa mais normal do mundo. **LENTAMENTE**, como um elevador, ele desceu e desapareceu sob o chão.

O Chefe emergiu numa cripta iluminada por uma fraca luz de velas, e foi recebido por uma guarda.

— Boa noite, Chefe — cumprimentou ela ao puxar o ferrolho de uma grossa porta de metal e abri-la para ele.

Do outro lado havia um corredor margeado por canos, válvulas e medidores, como as entranhas de uma fábrica. O Chefe seguiu em frente com **CONFIANÇA**. Sabia aonde estava indo. Pouco tempo depois, o corredor se abriu para um cômodo onde, aninhados em três poltronas de espaldar alto, encontravam-se três figuras conhecidas.

Slugworth terminou de escrever num livro contábil verde elegante e ergueu o olhar para o Chefe. Ao lado dele, Fickelgruber fazia um martíni de chocolate para si mesmo e Prodnose estava atracado com um sorvete. Parada atrás deles estava a Srta. Bom-Bom, secretária de Slugworth. Ela estava ocupada folheando alguns papéis e ergueu o olhar por um único momento em reconhecimento à chegada do Chefe.

— Boa noite a todos! Trago a minha fatura — disse o Chefe, brandindo um pedaço de papel. — Um chocolateiro arrumou as malas e foi embora, após ser oferecido a quantia de sempre.

A Srta. Bom-Bom pegou a fatura. Slugworth entregou o livro contábil verde para ela, que guardou a fatura dentro dele com muito cuidado. Prodnose jogou uma caixa de chocolates para o Chefe.

Os olhos do Chefe subitamente se iluminaram com **DESEJO** por chocolate, ficando tão arregalados e tão famintos que pareciam capazes de escapar de sua cabeça e chegar ao chocolate primeiro! Sua boca se tornou uma zona pantanosa de saliva enquanto ele avançava para a caixa.

— Ah, sim, esse é do bom — ronronou ele ao pegar os chocolates com a mão ávida. — Tem uma segunda camada? Tem, sim! E uma terceira? ... Não, é só a caixa.

— O que acha de ganhar mais algumas dessas? — perguntou Slugworth.

O Chefe assentiu, a boca lotada demais de chocolate para conseguir falar.

— Acharmos que o Sr. Wonka vai precisar de mais do que apenas “arrumar as malas”. Ele é bom — murmurou Slugworth.

— **BOM ATÉ DEMAIS!** — acrescentou Prodnose.

— Além disso, ele só cobra um soberano por chocolate! — exclamou Fickelgruber. — Então todo mundo pode pagar! Até os... os...

— Os pobres? — sugeriu o Chefe ao devorar o último chocolate.

Fickelgruber teve ânsia de vômito e levou um lenço à boca.

— Ele não gosta da palavra “pobre” — explicou Prodnose.

Fickelgruber teve ânsia de vômito de novo.

— Desculpe, Felix — ofereceu Prodnose, dando tapinhas no ombro do comparsa. — Desculpe por dizer “pobre”, *de novo*. E de novo agora.

— Pare de dizer isso! — implorou Fickelgruber.

— Queremos que você mande um “**RECADO**” para Wonka — disse Slugworth, ignorando os outros.

— Reforçado por força física! — gritou Prodnose.

— Que, se ele voltar a tentar vender chocolate nessa cidade — ameaçou Slugworth —, está correndo risco de sofrer um pequeno “acidente”.

— No qual ele vai morrer — concluiu Prodnose.

Fickelgruber balançou o lenço.

— Não precisa dizer isso. Todos sabemos que é uma ameaça de morte.

— Só garantindo que estamos falando a mesma língua — disse Prodnose.

— Ninguém fala a sua língua, Prodnose — murmurou Fickelgruber baixinho.

Prodnose começou a se levantar da cadeira.

— O que isso quer dizer? Bem, eu *sei* o que quer dizer... Na verdade, *o que* quer dizer? O que sequer é uma língua? Todos nós temos línguas... Estamos falando de línguas de bocas?

— Senhores, por favor — pediu Slugworth. — Vamos manter o tom profissional, que tal? Então, o que acha? Temos um acordo, Chefe?

O Chefe ficou imóvel. A caixa vazia em sua mão começou a tremer.

— Agora, veja bem, amigos. Eu sempre tive **PRAZER** em ajudar no passado...

— E tem sido lindamente recompensado... — lembrou Fickelgruber.

— E eu agradeço, de verdade... agradeço mesmo — respondeu o Chefe, tropeçando um pouco nas palavras. — Eu amo seu chocolate, principalmente esses laranjinhos com pintas! Eles com certeza descem bem... mas essa não é a questão! A questão é, eu sou um agente da lei. Ultimamente venho me perguntando se toda essa criminalidade é adequada para alguém na minha posição.

Slugworth **ESTREITOU** os olhos.

— Entendo.

— Eu não posso simplesmente sair por aí atacando a concorrência de vocês — disse o Chefe baixinho. — Desculpe.

Os chocolateiros trocaram olhares e lentamente se levantaram de suas cadeiras de espaldar alto, como cobras na grama.

— Muito bem, Chefe, fico feliz em ver que é um homem íntegro — falou Slugworth. — Mas que tal... — ele se inclinou para perto — ... uma centena dos seus chocolates favoritos?

O Chefe se tensionou para resistir, rangendo os dentes.

— Na verdade, eu estou tentando dar uma reduzida no chocolate, sabe, para entrar em forma para o baile dos policiais.

Slugworth ofereceu a mão.

— *Setecentas* caixas?

Os olhos do Chefe se iluminaram brevemente.

— Isso é muito... — disse ele, seus dedos se retorcendo de avidez para fechar o negócio. — Desculpa, NÃO!

Slugworth apertou um grande interruptor na parede. De repente, estava **CHOVENDO** chocolate! Barras enormes caíam ruidosamente a volta deles. Slugworth ofereceu a mão de novo e sussurrou tentadoramente:

— *Oitocentas caixas?* É mais do que a maioria conseguiria comer...

O Chefe encarou a mão de Slugworth e percebeu que, por fim, não conseguia mais resistir ao chocolate. Moral era uma coisa, mas aquilo era *chocolate*. Tanto chocolate.

— FECHADO! — gritou ele.



CAPÍTULO SETE

O ARISTOCRATA

O som suave dos pássaros **CANTANDO** ao nascer do sol foi estilhaçado por um apito de estourar os tímpanos.

Willy saiu do quarto, esfregando os olhos, enquanto os funcionários da lavanderia formavam uma fila para chamada ao lado dele. Ele entrara no quarto na noite anterior se sentindo desanimado; mas Noodle o fez se lembrar de que as pessoas *precisavam* do chocolate dele, e ele não deveria deixar ninguém, Alva ou Slugworth ou seja quem fosse, roubar seus sonhos. Então ele passara a noite toda totalmente acordado, avaliando cada possibilidade de fuga. As pessoas do mundo precisavam que ele fizesse chocolate, não que ficasse esfregando suas roupas sujas. Se ao menos ninguém precisassem lavar a roupa ruja... Se ao menos houvesse alguém, ou *algo*, que pudesse alegremente dar uma mãozinha...

— A primeira noite de sono foi ruim, hein? — disse Piper, relanceando para o rosto exausto de Willy.

— Ah, sim, nem preguei os olhos — sussurrou ele. — Desenhei um aristocrata de mentira, então não consegui parar de **SONHAR** com as possibilidades do dia de hoje!

Piper se virou para Ábaco.

— Ele já surtou.

— Benz! Crunch! Risadinha! Trim! Wonka! — berrou Escovão, e os funcionários obedientemente desceram em fila pela escada até a lavanderia.

— Escovão! — exclamou Dona Alva quando eles passaram. — A privada está entupida de novo!

Escovão revirou os olhos.

— Ah! — disse Willy, aproveitando a oportunidade. — O inconfundível som do amor.

— Como é que é? — retrucou Escovão com rispidez.

— Não me diga que não notou? — sussurrou Willy. — Ela está loucamente **APAIXONADA** por você!

Escovão o encarou por um segundo, então disse com uma fungada de desdém:

— Dona Alva?!

Willy fez sua expressão mais séria.

— Caidinha — mentiu ele. — E por que não estaria? Olhe só para você: um belo homem. Só precisa se ajeitar um pouco, arrumar umas roupas novas, tomar um banho.

— O que é um banho? — perguntou Escovão.

— Ah... uma esfregadinha. Chapinhar em um pouco de sabão. Como na lavanderia! — explicou Willy. — Você também poderia considerar um belo traje novo... mostrar as pernas.

Escovão encarou o horizonte, e Willy soube que quaisquer que fossem as engrenagenzinhas que Escovão tivesse ali na cachola estavam certamente girando.

— Dona Alva ficaria **DESLUMBRADA** — acrescentou Willy, só para garantir.

— Vai logo! — exclamou Escovão, balançando a cabeça como se para afastar aquele absurdo. Ele empurrou Willy escada abaixo até a lavanderia.

Mas, quando ele se afastou com passos inquestionavelmente saltitantes, Willy teve certeza de que o plano tinha sido posto em andamento...

★ ★ ★

No andar de cima, Dona Alva marchou para dentro da loja e gritou:

— Escovão?! Você **OUVIU** o que eu disse sobre a privada entupida? Maldito pé-rapado inútil! Está um fiasco de água de minhoca aqui dentro!

Ela estacou ao ver Noodle parada no meio do cômodo. Ela não estava dobrando roupas; em vez disso, analisava atentamente um pedaço de papel.

— O que é isso? — perguntou Dona Alva com escárnio.

Noodle imediatamente escondeu o papel atrás das costas.

— Nada, Dona Alva.

Dona Alva colocou as mãos nos quadris e deu um sorriso sarcástico.

— Você gosta do viveiro, Noodle?

— Tá bom! — exclamou Noodle em fingida rendição, estendendo o papel para que Dona Alva pudesse ver. — Eu fui buscar a roupa suja do Professor Monóculo

outro dia. Ele está escrevendo um livro sobre a Família Real da Baviera. Tem desenhos de nobres por toda a parede. E esse aqui me pareceu... um tanto familiar.

Dona Alva mordeu a isca. Ela arrancou o papel da mão de Noodle e o inspecionou.

Ela ficou em silêncio por um momento, e Noodle temeu que ela tivesse descoberto a verdade; que não passava de um desenho que ela e Willy tinham improvisado. Mas, subitamente, a mulher se animou toda.

— SANTA ÁGUA DE MINHOCA — **ARQUEJOU** ela. — É IGUALZINHO...

— Ao Sr. Escovão — disse Noodle, assentindo energicamente.

— Está me dizendo *Escovão* é um aristocrata bávaro? — esganiçou Dona Alva.

— Você não pode negar que ele tem certo ar de nobreza — comentou Noodle, tentando não rir.

Dona Alva encarou o nada, um sorriso bobo se abrindo em seu rosto. Um sorriso também se abria no rosto de Noodle. Então, de repente, Dona Alva foi trazida de volta à realidade.

— Está sorrindo por quê? — resmungou com rispidez para Noodle. — VÁ BUSCAR MINHA ÁGUA DE MINHOCA! — Ela mirou um chute em Noodle, que fez a garota sair correndo.

Logo em seguida, Noodle espiou pela fresta da porta, temendo que Dona Alva tivesse voltado a si. Mas, em vez disso, a horrível mulher estava **ABRAÇANDO** o desenho malfeito de Willy e suspirando!

Apenas algumas horas depois, um cheiro de sabão chique flutuou pelos corredores da lavanderia, seguido por passos pesados.

— Ah, FINALMENTE! — gritou Dona Alva. — Escovão, a privada, eu estou te chamando a manhã inteira, onde você está... — Ela parou de falar e seu queixo **CAIU**.

— Onde você arrumou esse macacãozinho? — perguntou Dona Alva, olhando de Escovão para o desenho e de volta para ele. Estava tão apertado que suas coxas guinchavam quando ele se mexia, e ele penteara o cabelo num topetinho arrumado.

— Encontrei no achados e perdidos. Por quê? — perguntou ele suavemente. — Achou que caiu bem em mim?

— Nada mal — respondeu ela, rouca, tentando segurar a onda.

Escovão se remexeu sem jeito, tentando sorrir de um jeito meigo mas na verdade só mostrou os dentes.

— Dona Alva — disse ele. — Se me permite dizer, seus olhos parecem... cocôs de coelho numa tigela de pudim.

— Ah, meu lorde! — derreteu-se ela. — Você vai me fazer corar!

— Aceita uma água de minhoca, sua... larva? — ofereceu Escovão, tirando a rolha da garrafa com os dentes.

Dona Alva pegou a garrafa e deu um gole, então deixou a água fibrosa escorrer pelo queixo enquanto erguia o olhar e sorria para ele.

Ele catou um pedaço de minhoca particularmente suculento do queixo dela e ergueu-o lentamente até a boca, rasgando-o com os dentes, fazendo Dona Alva tremer de **SATISFAÇÃO**.

Noodle espiava à porta com o punho na boca, tentando não rir; e também tentando não passar muito, *muito* mal.

★ ★ ★

Ao contrário do andar de cima, no andar da lavanderia as coisas pareciam correr como sempre; nada além de esfregação.

Então Willy apareceu, saltitando para fora do seu departamento. Ele começou a encher um carrinho de roupa com antigas peças de equipamentos da lavanderia: cordas, uma calandra, roldanas.

Os funcionários o observaram enquanto ele **ARRASTAVA** o carrinho pelo cômodo e voltava a sumir dentro do seu departamento. Assim que a porta se fechou, ruidosas pancadas e tinidos soaram.

— Eu disse que ele ia perder o juízo — disse Piper, lançando um olhar preocupado para Ábaco.

Os funcionários se aproximaram lentamente até que estivessem com os ouvidos pressionados contra a porta.

— Deveríamos entrar? — sussurrou Larry quando os sons de pancada ficaram mais altos. — Talvez eu possa contar uma piada e animá-lo?

Subitamente, a porta se escancarou e Willy saiu deslizando. Para a grande surpresa deles, sua calça tinha um buraco perfeitamente quadrado cortado no traseiro.

Ninguém disse nada, ficaram apenas observando enquanto Willy abria a porta e estendia o pedaço cortado de tecido.

— Ai, céus — disse Piper. — Ele é um homem morto.

Tito, o cachorro, disparou pelo ar, uma massa de músculos e dentes e baba furiosa. Willy correu e correu em círculos enquanto Tito o perseguia e os outros observavam, impotentes.

— **UUUHUU!** — rugiu Willy. Ele correu mais uma volta, então chispou para seu departamento com Tito nos calcanhares.

A porta se fechou com uma batida, e do outro lado vieram rosnados e latidos e sons de rasgo e o reverberar de metal.

— Ai, que barulheira é essa? — perguntou Ábaco, preocupado.

— Temos que fazer alguma coisa! — exclamou Larry. — Mas a única coisa que eu tenho a oferecer são piadas!

Foi Lota quem, sem dizer uma palavra, deu um passo à frente e abriu a porta com um chute. Todos se abaixaram, se preparando para um ataque canino, mas nada veio.

Quando eles finalmente ergueram o olhar, Piper caiu numa **RISADA** histérica.

Willy reunira um monte de cordas e roldanas e canos para criar uma máquina enorme e monstruosa, que estava sendo alimentada por Tito, correndo no que parecia uma grande roda de hamster. Logo à frente das mandíbulas furiosas do cachorro, o retalho da calça de Willy estava pendurado tentadoramente num barbante.

— Senhoras e senhores, permitam-me lhes apresentar uma novíssima engenhoca de minha própria criação. Uma inovação da *lavanderiação*!

Os queixos dos funcionários estavam no chão.

— Deixem-me fazer uma pergunta a vocês — disse Willy. — Como é que Tito quer passar o tempo dele? Correndo atrás de carteiros! Agora, com o Audacioso e Admirável Aparato Andador Au-tomático de Willy Wonka... não me faça dizer de novo... ele pode correr enquanto eu me divirto.

— É genial — disse Piper com um aceno de cabeça aprovador. — Você é um gênio, Willy.

— Certo, agora que isso está resolvido, eu vou só dar uma saidinha rápida — falou Willy, então andou tranquilamente até o elevadorzinho que carregava as roupas recém-lavadas de volta para a loja no andar de cima.

— Você não pode simplesmente sair — lembrou Piper. — Isso não é um hotel.

— Voltarei a tempo da chamada — afirmou Willy, então pulou dentro do elevador, agarrou uma sacola de roupa e se **CONTORCEU** para dentro dela, puxando-a até o pescoço. — Enquanto eu estiver fora, Tito foi gentil o suficiente para concordar em ficar esfregando!

O elevadorzinho deslizou para cima e para longe da lavanderia, e seus amigos estarecidos acenaram um adeus débil.

Com um *plim*, Willy chegou à loja e encontrou Alva & Escovão trocando **RISADINHAS** no canto. Dona Alva estava sentada no joelho de Escovão perguntando coisas como “Quantas joias você possui?” e “Como é ‘castelo’ em bávaro?”.

Ele estava respondendo com perguntas como “Essa pedra no meu sapato é uma joia?” e “O que é bávaro?”, mas ela estava enamorada demais para notar.

Noodle chegou correndo, o rosto expressando a mais pura satisfação. Ela empurrou a cabeça de Willy para dentro do saco e o puxou com esforço para dentro do carrinho.

— Bem embaixo do nariz de Alva e Escovão! — sussurrou ela enquanto os dois deslizavam para fora, em direção ao sol da tarde.

Ao chegar do lado de fora, Willy rapidamente saiu do carrinho e se espanou.

— Não acredito que funcionou! — disse ela.

— Agora, vamos à próxima parte do plano — falou Willy. — Espera só até ver quanto chocolate eu fiz ontem à noite! — Ele começou a vasculhar dentro da cartola. — É só vendermos e então... Ah, não!

Ele ergueu um pote vazio no ar e o olhou com desconfiança.

— O que está havendo, Willy? — perguntou Noodle. — Cadê o chocolate?

— De novo não — disse Willy com um revirar dramático de olhos. — Eu não sei como te dizer isso, Noodle, mas... os chocolates foram roubados.

— Roubados — repetiu Noodle num tom monótono, sua voz martelando desconfiança.

— **AHAMMM** — disse Willy.

Noodle cruzou os braços.

— Por quem?

— Pelo homenzinho laranja — respondeu Willy com seriedade.

— O quê? — exclamou Noodle.

— O homenzinho laranja de cabelo verde. Não te contei sobre ele? — disse Willy. — Ele é meu arqui-inimigo, Noodle! Ele é mais ou menos desse tamanho, vem na calada da noite, **PEQUENOS** passinhos silenciosos, *tip-tap, tip-tap*, então rouba meu chocolate. Vem acontecendo de poucas em poucas semanas pelos últimos, ah... três ou quatro anos.

Noodle estreitou os olhos.

— Jura.

— Sim, sim — confirmou Willy. — Às vezes eu o vigio naqueles momentos entre o sono e a vigília, o cabelo verde reluzindo ao luar. Um dia eu vou capturá-lo, Noodle...

— Willy? — disse Noodle lentamente.

— ... e quando eu fizer isso... — continuou Willy.

— Willy?! — exclamou Noodle. — Você não espera mesmo que eu acredite, espera?

— É lógico que sim! — respondeu Willy. — Que outra explicação poderia haver? — Ele **BALANÇOU** o pote vazio no rosto dela.

— Ah, sei lá — disse ela. — Que você vai dormir, sonha com um homenzinho verde...

— De cabelo verde — corrigiu Willy.

— ... e enquanto está sonhando... **VOCÊ SE ENTOPE DE CHOCOLATE!**

Willy arquejou!

— Como ousa... Se bem que, isso realmente faz muito mais sentido. Será que eu venho comendo meu próprio chocolate?

Noodle jogou os braços para cima.

— Como é que eu pude pensar que isso ia dar certo?

Willy continuava perdido em pensamentos e falando:

— Acho que não. Eu saberia se comesse meu próprio chocolate enquanto durmo, com certeza...

— Raio de Esperança idiota — disse Noodle.

— Ei! Não tem nada de idiota sobre o meu chocolate.

— Se Dona Alva tivesse nos visto, eu estaria no viveiro agora! — exclamou Noodle. — Você faz alguma ideia de como é ficar lá dentro?

— Olha, Noodle, me desculpe, tá? Mas é apenas um contratempo. Podemos fazer mais chocolate. O único problema é que eu fiquei zerado de leite...

Noodle surrupiou uma garrafa de leite da porta mais próxima. Mas Willy rapidamente tirou-a dela e devolveu-a ao lugar.

— Em primeiro lugar, isso é roubo, Noodle — disse ele severamente. — E em terceiro, Willy Wonka não usa um leite qualquer e sem graça de vaca. Para essa criação em particular, eu vou precisar do leite de uma girafa.

— Por que de uma girafa? — perguntou Noodle.

Willy lançou um **SORRISO** para ela.

— Para os meus chocolates ficarem bem acima da concorrência.

Noodle abriu a boca para comentar, mas concluiu que era mais fácil deixar de lado.

— Tudo bem — disse ela. — Na verdade, por acaso tem uma no zoológico.

— **FANTÁSTICO!** — exclamou Willy, e saiu desfilando pomposamente pela rua.

— Mas em primeiro lugar — disse Noodle —, o zoológico não fica para esse lado.

— Certo — disse Willy, mudando de direção.

— E em segundo lugar... — continuou Noodle — eles não vão simplesmente deixar você entrar e ordenhar a girafa!

Willy parou onde estava e ergueu a bengala no ar. Ele deu uma batidinha no globinho dourado no topo e ele se abriu de imediato, revelando uma minúscula e perfeitamente embrulhada caixa de chocolate.

— É por isso, minha cara Noodle — disse ele com um sorriso travesso — que temos muita sorte de o homenzinho de cabelo verde não ter encontrado isso.



CAPÍTULO OITO

O FESTACHOC

Era crepúsculo, e o zoológico já estava fechado. Numa cabana decrepita ao lado da entrada, um segurança olhava com desconfiança para a caixinha de chocolate de Willy.

— O que é isso? — perguntou ele.

— Um presente da Administração do Zoológico — disse Noodle com **ENTUSIASMO**. — Em reconhecimento por seus anos de serviço!

O segurança ergueu-a no ar, ficando vesgo ao tentar focar o minúsculo chocolate embrulhado.

— Só tem um ano que eu estou aqui.

Noodle se remexeu sem jeito.

— ... e... é por isso que você só ganhou um único chocolatinho.

— Ah, faz sentido — disse ele.

— Faz mesmo — concordou Noodle com orgulho.

— Bem... muito obrigado — agradeceu ele, e com isso, fechou a porta.

Noodle disparou de volta para o arbusto próximo, onde Willy estava agachado, esperando.

— Bom trabalho — **SUSSURROU** Willy. — Agora é só esperar.

— O que esse faz? — perguntou Noodle, esticando o pescoço para ver pela janela da cabana. — É o que faz voar?

— Não, nada de voos dessa vez. — Willy sorriu radiante. — Estou ansioso para você ver logo. — Eles ficaram em silêncio por um momento, então Willy

acrescentou: — É claro que é só um protótipo que eu nunca testei antes, então não posso garantir, porque nem eu mesmo sei o que está prestes a acontecer.

Noodle afundou a cabeça entre as mãos.

— Se chama Festachoc — disse Willy, esfregando as mãos com empolgação antecipada.

Noodle lançou um olhar para ele.

— O que isso faz?

De repente, um estrondo veio do interior da cabana e o segurança se levantou num pulo.

— Ele reproduz a festa perfeita: comida e bebida e uma **PITADA** de diversão.

Na mesma hora, o segurança começou a correr em círculos inacreditavelmente rápidos.

— Ah, é possível que eu não tenho acertado bem as medidas ainda... — murmurou Willy. — Ele está correndo para lá e para cá com os amigos... ah, olha, ele está devorando o prato inteiro de comida de festa. Ele vai provar todos os sabores, se encher de profiteroles e balinhas de goma e alcaçuz e...

— Fumaça! — exclamou Noodle.

De fato, havia vapor saindo dos pés do homem e enchendo a guarita de segurança. Willy se aproximou lentamente, se preparando para intervir, mas do nada o homem desabou na cadeira e começou a beber alguma coisa ruidosamente.

— Agora ele está tomando uma bela bebida **GASOSA**, e em seguida vai para o bolo de aniversário.

— Olha, acho que ele está ficando com sono — disse Noodle com animação.

— Tenho certeza de que acrescentei outra camada... — refletiu Willy, bem na hora em que o segurança se levantou num pulo e começou a saltar; surpreendentemente alto, até o teto e de volta ao chão.

— Ah, o **PULA-PULA** — disse Willy. — Nenhuma festa está completa sem ele.

Noodle olhou impacientemente para o relógio.

Então veio o choro, grandes soluços e uivos.

— Ele está com os sentimentos à flor da pele agora, porque não quer ir embora da festa — disse Willy, curvando os lábios para baixo com tristeza.

Noodle lançou um olhar exasperado para ele.

— E finalmente — disse ele, se levantando em expectativa.

Houve um baque abafado.

— Hora de dormir.

Os olhos de Noodle se **ARREGALARAM**.

— Você quer dizer...

— Exaustão pós-festa — disse Willy com um aceno satisfeito de cabeça.

★ ★ ★

Willy e Noodle seguiram pelo zoológico, iluminando o caminho com lanternas. Eles passaram por um lago repleto de flamingos.

— Por que eles não saem voando? — perguntou-se Noodle.

— Não sei — disse Willy. — Talvez não tenham pensado nisso.

A placa que indicava onde estavam as girafas apontava na direção do prédio **MAIS ALTO** do lugar, e, ao entrarem, eles seguiram por um corredor margeado por baldes de ração e palha e portas especiais para os tratadores do zoológico acessarem as jaulas. Willy inspecionou cuidadosamente todas as placas das portas, procurando por uma identificada como “girafa”.

— Onde estamos? Girafa... girafa... girafa... ah! — exclamou ele, girando uma maçaneta com confiança.

— WILLY! — gritou Noodle. — Está escrito *TIGRE* nessa porta!

Willy não enxergava absolutamente nada na escuridão do outro lado da porta, mas sentiu subitamente um bafo quente... o roçar de um bigode...

Noodle bateu a porta com força.

— Você precisa aprender a ler!

— Por quê? — perguntou Willy.

— Você *quase* foi devorado por um tigre!

Willy ergueu um dedo no ar.

— “Quase” é a palavra-chave aqui, Noodle. Eu já quase fui devorado por um monte de coisas. E nenhuma delas conseguiu mais do que uma mordiscada.

— Girafa — disse ela, tamborilando na placa da porta seguinte, então a abrindo.

Do lado de dentro, uma grande girafa **APARECEU**, as pernas esguias e os joelhos nodosos. Seu longo pescoço catapultou a cabeça na direção deles como um guindaste içando a carga para a doca. Ela fixou os olhos em Noodle.

Noodle engoliu em seco.

Os cílios dela batiam depressa, como se ela não acreditasse no que visse.

Willy tirou a cartola em um cumprimento.

— Boa noite. Um pouco tarde para visitas, eu sei, Srta...

Noodle leu a placa.

— Abigail — disse ela tremulamente. — Ela se chama Abigail.

Bem, a girafa não gostou disso. Ela jogou a cabeça para trás e empinou, mostrando a parte de baixo dos cascos. Suas narinas se inflaram e fungaram em alerta. Noodle deu um impulso para trás, em pânico, escorregando e deslizando e aterrissando com um barulho molhado no chão enlameado antes de conseguir chegar à porta. Enquanto ela tentava desesperadamente se levantar, Willy **ACENOU** para a girafa e disse com urgência:

— Opa, opa! Calma aí. — Ele se virou para Noodle. — E você também. A girafa não vai te machucar.

Então ele enfiou a mão no bolso e pegou um pequeno doce verde nodoso.

— O que é isso? — perguntou Noodle.

Willy aproximou o doce da girafa. O animal começou a farejar, e imediatamente voltou às quatro patas e ficou todo **AMIGÁVEL**, cutucando Willy e mordiscando seu chapéu.

— É uma bala de acácia — explicou Willy enquanto a girafa pescava uma da palma de sua mão e a mastigava. Ele esticou com cuidado a mão e começou a coçar a orelha dela. — Pronto, pronto — disse ele num tom tranquilizador.

Noodle se aproximou devagar, os olhos arregalados de admiração.

— As girafas adoram as minhas balas de acácia, sabe — disse Willy, gesticulando para Noodle se juntar a ele. — Elas as amam mais do que qualquer coisa. Menos do que ganhar uma coçada atrás das orelhas, lógico.

A girafa ergueu a cabeça e deu um lambidão no rosto de Noodle.

— Faz cosquinha! — guinchou ela de **ALEGRIA**.

— Agora, Srta. Abigail — disse Willy. — Temos um favor a lhe pedir. Se minha amiga aqui coçar suas orelhas, você poderia nos ceder uma ou duas canecas de leite?

Meros segundos depois, Willy estava sentado num banco, ordenhando a girafa, enquanto lá no alto, bem acima dele, Noodle **OSCILAVA** no alto de uma escada bamba, coçando as orelhas do animal, bem como prometido.

— Você já fez isso antes? — perguntou Noodle, radiante diante da magia acontecendo à sua frente.

— Ah, sim — disse Willy. — Sem o leite de girafa, meus macarons de leite de girafa teriam uma qualidade muito mais baixa.

Noodle soltou uma risada pelo nariz e balançou a cabeça.

— Você sabe mesmo ser bobo, Willy.

— Acho que é tu-dou verdade, Noodle.

— Tu-dou verdade? — Noodle riu.

— Não funcionou muito bem, né? — divagou Willy. — Mas nada rima com Noodle. Onde você arrumou esse nome, por sinal?

Noodle ficou tensa.

— Não importa.

— Importa, sim — disse Willy. — Vai, fala.

Mas Noodle ficou em silêncio.

— Você não precisa me contar se não quiser — disse Willy. — Se for um segredo.

Não se falou nada por um momento, mas quando Willy voltou a erguer o olhar, ele viu que Noodle tinha parado de coçar a orelha da girafa e, em vez disso, estava **ANINHANDO** seu colar com ambas as mãos.

— É tudo o que eu tenho dos meus pais — contou ela baixinho. Ela desceu da escada e entregou o colar cuidadosamente para Willy.

Ele o virou na mão, o examinando com atenção. Um anel âmbar e dourado estava pendurado na corrente, e havia algo gravado nele.

— É um “N” — disse ela baixinho. — “N” de Noodle. Ou Nora, ou Nina... ou absolutamente nada.

— Não dá para rastrear o dono? — perguntou Willy.

— Acha que nunca tentei? — disse Noodle. — Já fui a todas as joalherias da cidade. Por anos tive esperança de encontrá-los, mas agora sei que nunca encontrarei.

Willy empurrou o banco de ordenha para o lado e se levantou.

— Não fale isso, Noodle.

— Sabe, eu costumava sonhar que, quando eu os encontrasse, eles estariam morando numa linda e antiga casa, cheia de livros para eu ler. E minha mãe estaria me esperando na porta. Eu correria para os braços dela e finalmente sentiria que estava em casa. E o **ABRAÇO** teria a sensação de que poderia durar para sempre, e realmente duraria, porque depois que eu soubesse como era a sensação daquele abraço, eu poderia me agarrar a ela... para sempre.

Um nó se formou na garganta de Willy ao se lembrar dos grandes e apertados abraços de sua própria mãe. Ele ainda conseguia sentir o **CALOR** dela e o cheiro de chocolate no avental dela, como a mãe apoiava o queixo da cabeça dele e o **ESPREMIA** tão apertado.

— Mas então eu percebi que não passava de um sonho ridículo — disse Noodle, e balançou a cabeça como se estivesse afastando todos os sonhos. — Certo, essa é a história triste completa, agora vamos voltar à ordenha.

— Você nunca deve deixar nada nem ninguém roubar de você um sonho como esse — falou Willy, sério. — Não tem nada de ridículo nele.

— Não? — questionou Noodle. — Meus pais me jogaram num duto de roupa suja e nunca voltaram. O fato é: eles não me quiseram. Isso é tudo.

— Sei que as coisas não têm sido fáceis para você, Noodle — disse Willy suavemente. — Mas elas vão melhorar. Eu não vou deixar você para apodrecer naquela lavanderia para sempre.

Noodle ergueu o olhar para Willy, seus olhos buscando um motivo para acreditar nele.

— Você jura? — perguntou ela, com a voz embargada.

— Eu posso fazer melhor do que isso — disse Willy, esticando as costas. — Eu juro de dedinho. — Ele estendeu a mão e eles entrelaçaram mindinhos. — E esse é o juramento mais solene que existe — sussurrou ele.

Noodle enxugou rapidamente uma lágrima e abriu um sorriso radiante para ele.

— Agora volte às coçadas — disse ele enquanto Noodle começava a subir a escada. — Não temos muito tempo até que o guarda venha com tu-dou, Noodle... tu-dou?

— Continua não funcionando — falou Noodle, dando risadinhas.

Willy **SORRIU**.

— Não mesmo, não é? Estou aperfeiçoando. Ah, e terminamos! Muito bem, gostaria de uma dança para comemorarmos?

Noodle balançou a cabeça, então Willy começou a dançar, pulando de um pé para o outro e balançando os braços.

Ele girou a escada, e Noodle se agarrou com toda a força que tinha! Mas então, levada pelo momento, e **ARREBATADA** pela magia do entusiasmo contagiante de Willy, ela se lançou no ar e aterrissou no chão enlameado com um *splash*.

Juntos, Willy e Noodle saíram dançando da jaula, rodopiando pelo zoológico, passando por pandas e ursos-polares e pinguins e papagaios-do-mar; eles serpentearam pela seção das serpentes e tripudiaram pela dos tigres. Willy pegou um gigantesco buquê de balões de uma barraca, e o mero tamanho dele bastou para erguê-los alto no ar!

Seus pés dançantes planaram sobre a água parada do lago e os flamingos esticaram o pescoço para observar. Então, como se a ideia tivesse acabado de lhes ocorrer, os pássaros bateram asas e levantaram voo, envolvendo Willy e Noodle numa rajada de penas cor-de-rosa. Ele mal conseguia vislumbrar a expressão maravilhada de Noodle em meio ao constante bater de asas no próprio rosto.

A neve começou a cair ao redor deles, mas apesar de estar congelante, Willy se sentia **GLORIOSAMENTE** aquecido.

Eles voaram pela cidade toda, Noodle e Willy e um estoque inteiro de flamingos do zoológico, dançando sobre o telhado da catedral e passando pelos domos da

Galeria Gourmet, antes de pousar ao lado da fonte da praça.

O ar estava parado, exceto pelo enorme bando de flamingos (que não paravam de bater as asas lá em cima), e a cidade estava em sono profundo. Willy e Noodle se entreolharam, os rostos cheios de travessura, então dispararam pela praça, galopando ao redor da fonte, **CANTANDO** e **DANÇANDO** e dando gritinhos de tanto gargalhar.

Mas nem todo mundo dormia. Um certo Guarda Gentil fazia sua ronda do outro lado da praça. Ele avistou Willy na fonte e correu até o orelhão mais próximo.

— Chefe? Sabe aquele sujeito com quem você queria trocar uma palavrinha? Acho que o encontrei.

Noodle saltitava sem parar em círculos, rindo, enquanto Willy comemorava.

Subitamente, um apito soou e ambos congelaram. Willy ergueu o olhar e viu o Chefe marchando para a praça, acompanhado do Guarda Gentil.

— Sr. Wonka! — esbravejou o Chefe, fazendo até Gentil se sobressaltar. — Uma palavrinha em particular, se me permite.

— É **MELHOR** você sair daqui — disse Willy para Noodle, empurrando-a para longe.

— Mas... — começou Noodle.

— Não se preocupe, Noodle — disse ele. — Já me livrei de situações mais complicadas do que essa na base da conversa. Eu te encontro de volta no carrinho. Não podemos deixar que o leite seja confiscado, não é?

Noodle baixou o olhar para as garrafas de leite em sua mão e soube que Willy tinha razão. Ela deu um aceno de cabeça obediente antes de avançar pela rua.

Willy ficou tremendo, mãos nos bolsos, enquanto esperava os policiais percorrerem ruidosamente o caminho até a fonte. O vento apertava e estava dolorosamente frio. Pareciam cortar como lâminas nas bochechas dele.

— Pode seguir seu caminho, Gentil — disse o Chefe bruscamente ao alcançarem Willy.

Guarda Gentil fez uma pausa.

— Tem certeza, senhor?

— Isso é entre o Sr. Wonka e eu.

Guarda Gentil hesitou.

— Gentil! — vociferou o Chefe. — NOS DEIXE SOZINHOS.

Com essa, o guarda girou nos calcanhares e **PRONTAMENTE** voltou por onde tinha acabado de vir. Willy olhou com expectativa para o Chefe, mas o homem não falou nada. Em vez disso, ele esperou, observando, até que Guarda Gentil tivesse entrado em seu carro e dirigido para fora de vista. Mas mesmo depois que ele se foi, o

Chefe não se mexeu; ele só ficou parado ali, se remexendo, suspirando, como se estivesse se preparando para algo.

— Veja, se isso é sobre Abigail — começou Willy assim que os dois ficaram a sós. Mas antes que conseguisse terminar, o Chefe agarrou-o pela gola, arrastou-o pela neve e enfiou o rosto dele dentro da fonte. O nariz de Willy quebrou o gelo e seus ouvidos se encheram da água congelante e gorgolejante. Ele arquejou e se agitou com o susto, mas por mais que se contorcesse com toda a força que tinha, o aperto de ferro do Chefe o mantinha embaixo da água.

— Tenho um recado para você, amigo — veio a voz do Chefe. — Não venda chocolate nesta cidade! — Então puxou Willy de volta para fora. — Entendeu?! — disse ele com uma encarada **ESPERANÇOSA**.

Willy respondeu, engasgado:

— Sinto dizer que não exatamente.

— Ah, mas que língua que você tem, hein? Eu disse... — O Chefe voltou a segurá-lo e afundá-lo. — **NÃO. VENDA. CHOCOLATE!**

Ele o puxou de volta, e dessa vez as pernas de Willy congelaram de frio e cederam. Ele caiu amontoado no chão e disse:

— Não, eu não tenho língua nenhuma! Bem, eu *tenho* uma língua. — Ele tentava desesperadamente recuperar o fôlego. — Mas estava embaixo da água, então não ouvi o que você disse!

— Ah. Tá bom — disse o Chefe, ajudando Willy a se levantar. — Desculpe, minha cabeça não está boa. — Ele baixou a voz para um sussurro. — O chocolate está me obrigando a fazer isso! A verdade é que eu nem queria estar aqui.

Willy **APERTO**U a cabeça; estava tão dolorosamente dormente que ele quase não conseguia pensar.

— Nem eu — falou ele. — Eu também acho que não quero mais estar aqui.

O rosto do Chefe se iluminou.

— Aí está, então. Temos isso em comum. Mas eu preciso passar um recado: se você vender chocolate nesta cidade de novo, vai levar mais do que uma pancada na cabeça.

— Eu não levei uma pancada na cabeça — observou Willy.

— Ah! — disse o Chefe. — Qual é o meu problema? Por favor, se importa de tirar a cartola?



CAPÍTULO NOVE

O LIVRO CONTÁBIL VERDE

De volta à Alva & Escovão, Noodle empurrou o carrinho contendo Willy de volta à lavanderia, bem debaixo do nariz de Dona Alva.

— Ai, minha cabeça — resmungou Willy enquanto ela seguia para o duto de roupa suja.

— Fique quieto aí — sibilou Noodle. Mas não importava, Dona Alva estava ocupada demais **ENCARANDO** os olhos de Escovão.

— E seus olhos — disse ela — são como tomates nos quais alguém se sentou.

Escovão abriu um sorrisinho constrangido.

— Eu não consigo ver muito meus olhos, porque eles estão ocupados enxergando. Mas vou confiar na sua palavra.

— Ah, você é tão **POÉTICO!** — suspirou Dona Alva. — Meu lorde poético.

Noodle empurrou Willy para dentro do duto de roupa suja e ele deslizou de volta para a lavanderia; como se nunca tivesse saído.

— Sr. Wonka! — exclamou Ábaco quando ele chegou com um baque. — Que bom tê-lo de volta.

— Não estou atrasado, estou? — perguntou Willy.

Ábaco olhou o relógio.

— Não. Chegou no limite.

— Por que você está encharcado? — questionou Piper com desconfiança.

— Fui dar um mergulho na fonte — respondeu Willy ao seguir para seu departamento. — Tito está fazendo o trabalho dele?

— Na verdade, Tito é uma **MARAVILHA** — respondeu Ábaco. — A produtividade subiu trinta por cento!

— Tiramos a tarde de folga — corroborou Larry alegremente.

— Mas esse não é o ponto em questão — disse Ábaco.

— Essa é a ponta! — disse Larry, apontando e assentindo para a ponta do próprio dedo.

— Sem “piadas”, Larry — falou Ábaco com cansaço.

— Desculpe — balbuciou Larry.

— O ponto é — disse Ábaco — onde você estava, Sr. Wonka?

— O que estava aprontando? — acrescentou Larry.

Piper farejou o ar.

— E por que está cheirando a girafa?

Lota se inclinou para perto, ansiosa para ouvir a resposta de Willy.

— Acho que realmente devo uma explicação — disse ele enquanto Noodle entrava com um esfregão e um balde. — Eu não contei a história completa para vocês. Na verdade eu sou um chocolateiro correndo atrás de um sonho, e Noodle vem me ajudando.

— Ele não é apenas um chocolateiro qualquer — falou Noodle. — Ele é o melhor do mundo!

— Ah, Noodle, você está me lisonjeando. — Willy corou. — Mas ela tem razão. Minhas criações são **PERFEITAS**.

— O plano é vender chocolate e pagar as dívidas com Dona Alva. Ou pelo menos esse era o plano, até que... — Noodle se interrompeu.

— Deixe eu adivinhar — disse Ábaco. — Você teve um desentendimentozinho com o Chefe de Polícia.

— Como você sabe? — exclamou Willy com surpresa.

— Porque é isso que acontece com qualquer um que tenta vender chocolate nessa cidade — interveio Piper.

— Por quê? — perguntou Noodle.

— Três motivos, Noodle — disse Ábaco, erguendo a mão e os contando nos dedos enquanto os listava. — Slugworth. Fickelgruber. E Prodnose.

— Achei que eles fossem rivais — falou Noodle.

— Ah — disse Ábaco —, é isso o que eles querem que você pense. A verdade é que estão trabalhando juntos, como uma espécie de Cartel de Chocolate, digamos.

Willy se jogou numa pilha de roupa e colocou a cabeça entre as mãos. A situação era pior do que ele pensava.

— Como você sabe disso tudo? — perguntou ele.

Ábaco se sentou ao lado dele, uma expressão culpada tomando seu rosto.

— Porque eu fui contador de Slugworth. Por uma semana...

Todos se inclinaram para **PERTO**, ávidos para ouvir a história.

— Certa manhã, eu recebi uma ligação; um contabilista de um chocolateiro **CHIQUE** estava doente, então me pediram para substituí-lo — contou Ábaco, falando devagar para que os outros não perdessem nenhum detalhe. — Parecia um trabalho simples. Até que eu percebi que havia dois conjuntos de livro contábeis para os cálculos financeiros: um para as autoridades e um que dizia a verdade. Certa noite, eu descobri o verdadeiro quando levei o livro contábil no qual vinha trabalhando para o escritório dele e encontrei o lugar vazio; todo mundo já encerrara o expediente. Eu também ia embora, mas então vi outro livro contábil na mesa dele, só que esse era verde, e o que estava comigo era vermelho. É claro que eu dei uma olhada no outro livro contábil, era meu trabalho; se houvesse mais contas para revisar, eu não queria deixá-las passar. E, *bem...*

— Sim...? — disse Willy, se inclinando mais para perto.

Ábaco reduziu a voz a um sussurro.

— Foi quando eu percebi que aquele homem é um trapaceiro! Slugworth, Prodnose e Fickelgruber vêm diluindo o chocolate deles e o armazenando num cofre secreto nas profundezas da catedral, protegido dia e noite por um clérigo corrupto e quinhentos monges chocólatras.

Willy e Noodle **ARQUEJARAM!**

— Ouso dizer que mais ninguém sabe disso, mas o esquema deles é mais insano do que qualquer um poderia imaginar — revelou Ábaco. — Havia faturas suspeitas, notas fiscais e plantas arquitetônicas mostrando como eles decantam o chocolate das três fábricas até o cofre secreto. Eles o usam para subornar, chantagear e massacrar a concorrência! A cidade inteira está sob o controle deles.

— Não dá para fazermos algo em relação ao chocolate? — disse Noodle, olhando para Willy em busca de respostas. — Se eles não tivessem o chocolate, bem...

— O chocolate é protegido como um tesouro **PRECIOSO** — explicou Ábaco. — Mesmo que vocês conseguissem passar pelo padre e pelos monges, o cofre onde ele fica guardado é acessado por meio de um elevador secreto, trancado por uma senha de nove dígitos que muda todo dia. E a senha nunca é guardada num lugar só; ela fica dividida entre os três. Cada um possui apenas três dígitos, de forma que nenhum deles consiga acessar o chocolate sem os outros.

Willy e Noodle trocaram olhares preocupados.

— Eu fiquei até de manhã lendo o livro contábil — continuou Ábaco. — Foi aí que eu ouvi passos... era Slugworth! Eu me joguei embaixo da mesa bem a tempo. Ele pegou o livro contábil e disse: “Srta. Bom-Bom, vou levar isso para o cofre.”

— É lógico que sim — disse Willy, balançando a cabeça. — Para escondê-lo, sem dúvida.

— E tem mais — disse Ábaco, **ENGOLINDO** em seco. — Quando Slugworth chegou à porta, ele parou. Então falou, com mais malícia do que eu jamais ouvira uma pessoa temperar suas palavras: “Sr. Crunch? O senhor está demitido.”

— Minha nossa. Ele sabia que você estava lá, que você tinha visto! — exclamou Willy.

Ábaco assentiu categoricamente.

— Então é claro que eu fui direto à polícia e contei tudo ao Chefe. Mas o Chefe já estava no bolso deles. Eu fui preso e acusado de Caluniar um Capitão da Indústria e me Esconder Embaixo de uma Mesa; levei uma multa de todos os centavos que possuía.

— Não acredito! — exclamou Willy, encarando o horizonte sonhadoramente. — Sempre pensei que se esconder embaixo de uma mesa fosse render uma longa pena de prisão.

Todos se viraram para olhá-lo.

Noodle, que a essa altura já estava acostumada às excentricidades de Willy, apenas sorriu carinhosamente e disse:

— Continue, Ábaco.

— Só o que eu precisava era de um lugar para descansar a cabeça até descobrir como voltar para casa — falou ele com tristeza. — Eu me deitei num banco perto do canal, e foi onde Escovão me encontrou. Isso foi há quatro anos.

Os outros se mexeram para reconfortá-lo, se **AGLOMERANDO**, fazendo murmúrios solidários.

— Sinto muito, Sr. Wonka — disse Ábaco. — Mas a julgar por esse galo na sua cabeça, o cartel o considera um concorrente pra valer; e você está bem onde eles querem que você esteja. Não tem como bancar uma loja sem vender chocolate, e nessa cidade, você não pode vender **CHOCOLATE** sem uma loja.



CAPÍTULO DEZ

UM TRUQUE DE MÁGICA

Naquela noite, Willy estava sentado em seu quarto numa nuvem de chocolate, marretando e modelando e jogando ingredientes por cima do ombro numa mistura pegajosa.

Estava mais determinado do que nunca em compartilhar seu chocolate com o mundo. Não deixaria uns trapaceiros ficarem no seu caminho, e mais importante, não decepcionaria a pobre Noodle.

A mistura não demorou a ficar pronta, e ele andou até a janela, espremeu a cabeça por entre as barras e sussurrou:

— Psst... Noodle!

Imediatamente, uma luz se acendeu na janela vizinha, à esquerda de Willy.

— O que foi, Willy? — perguntou ela, sonolenta.

Ele lançou uma corda para ela.

— Cuidado! Pega!

Noodle estendeu a mão depressa e a pegou com facilidade.

— Boa pegada! — sussurrou Willy. Então ele pegou uma cesta e passou a corda por dentro da alça e mandou-a para Noodle. — Agora olhe o que está dentro — pediu ele, esticando o pescoço para observar Noodle.

Ela tirou um pote de chocolates da cesta. Estavam tão **FRESCOS** e ainda tão mornos que enchiam o pote de vapor. Ela o inclinava para cima e para baixo, tentando ver o que havia dentro.

— Seu pagamento — disse Willy. — Um estoque vitalício de chocolate, lembra?

Noodle **SORRIU**.

— Não precisava.

— Bobagem! Eu dei a minha palavra.

— Bem... obrigada — disse ela. — Eu também tenho uma coisa para você. — Então ela enrolou um papel e o colocou dentro da cesta, a deslizando de volta para ele.

— Para mim? — perguntou Willy, surpreendido pelo gesto. A cesta bateu na janela dele e ele pescou o pedacinho de papel rasgado. Tinha algo rabiscado nele; meio pontudo, com algumas pernas como o banco de ordenha. Ele o virou de cabeça para baixo e, para seu profundo alívio, descobriu o que era. — É um desenho de um copo meio cheio. Obrigada, Noodle. Eu sinto mesmo que isso captura perfeitamente nossa atitude dos últimos dias; poderíamos muito bem ter desistido, então você veio me entregar a comida e me lembrou de que eu sou Willy Wonka e...

— É um “A” — disse Noodle, o interrompendo. — Sabe? A primeira letra do alfabeto? Estou ensinando você a ler.

— Ah, Noodle... — respondeu Willy, levando o papel ao coração e o abraçando. — Você já me deu tanto. Sinceramente, acho que ler vai ser impossível para mim, mas é um gesto **GENTIL**.

— Você *vai* aprender — disse Noodle com firmeza. — Não posso deixar que meu sócio seja devorado por um tigre... ou *quase* devorado.

— Então somos sócios? — perguntou Willy com empolgação.

Noodle deu de ombros descontraidamente.

— Bem, é claro, mas eu não sei como vamos conseguir vender chocolate. Toda vez que a polícia aparecer, você teria que desaparecer num piscar de olhos.

— Como um mágico — arquejou Willy. — Mas mágicos usam um monte de *troços*; cartas e coelhos e cordas e polias e alçapões... e nós não temos nada disso.

A luz do quarto vizinho ao de Noodle se acendeu.

— Na verdade, vocês têm — disse Piper.

— O quê? — perguntou Willy e Noodle ao mesmo tempo, se inclinando o máximo possível para fora para conseguirem vê-la.

— Há alçapões pela cidade inteira — explicou Piper. — São chamados de bueiros. Eu teria todo o **PRAZER** de mostrar para vocês... se me incluírem nas suas operações.

Willy sentiu uma enxurrada de empolgação.

— Tem certeza, Piper? Você estaria correndo um grande risco.

Piper revirou os olhos.

— Escuta. Um dia eu estava na loja de Slugworth instalando uma máquina de café e um velho andarilho passou e pediu um copo. Eu lhe dei. E Slugworth viu. E me demitiu. Eu acabei aqui. Então, é, pode acreditar que eu quero acabar com a raça daquele cartel.

— Muito bem, então — disse Willy com um sorrisinho. — Seja bem-vinda à equipe. — Então jogou um chocolate para Piper.

— Uhm-hum! Isso que é um chocolate de primeira! — exclamou Piper. — Por isso, talvez eu até te mostre o bueiro que não mostro para ninguém.

A luz se acendeu no quarto vizinho ao de Piper.

— Ei — veio a voz de Larry. — Se estão recrutando, podem contar comigo. Não tenho nenhuma habilidade prática, mas sei falar como se estivesse debaixo da água. **GORGOLEGLUB** blub-glug estou debaixo da água blup-blup.

Willy bateu palmas.

— Fui transportado, Larry, de verdade. Você está dentro!

— E se precisar de alguém para cuidar das comunicações, sou a mulher certa — veio uma voz da escuridão.

Todos congelaram e houve uma longa pausa.

— Lota? — disse Noodle finalmente.

— Eu não sabia que ela falava! — exclamou Piper enquanto todos se debruçavam para fora da janela para ver se era realmente Lota.

— Por que vocês todos estão me encarando? — perguntou Lota.

— Achei que você fosse uma mímica — disse Larry. — Uma mímica muito, muito boa.

— Não, sou apenas **QUIETA** — explicou Lota, dando de ombros. — Quando trabalhava na central telefônica, eu era bem tagarela. Desde que vim para cá, não tive muitos motivos para falar.

— Isso tudo está prestes a mudar! — vibrou Willy.

A luz do quarto do lado de Lota se acendeu.

— Desculpem pelo balde de água fria em toda essa diversão — veio a voz de Ábaco. — Mas se Dona Alva pegar vocês tentando fugir, ela vai acrescentar cinco mil soberanos a cada uma de suas contas, então pensem um pouco nisso antes de se envolverem nesse esquema desmiolado.

— Não é desmiolado, Ábaco! — protestou Noodle.

— E, se me permitem lembrá-los, tem muito trabalho a ser feito na lavanderia — continuou ele.

— Na verdade, eu tive uma ideia que poderia liberar seu tempo para você se juntar a nós — disse Willy.

— Ah, vamos lá, Ábaco — falou Noodle, e jogou um chocolate na direção dele.

— Os chocolates de Willy são **INCRÍVEIS**. Prove um.

Ábaco pegou-o e jogou-o na boca.

— Muito gentil da sua parte, Noodle, mas eu não importo com o quanto os chocolates são bons, eu... — Ele paralisou, e seus olhos se **ARREGALARAM** de admiração. — Quando começamos?



CAPÍTULO ONZE

VOCÊ NUNCA COMEU UM CHOCOLATE COMO ESSE

Logo no dia seguinte, eles colocaram o plano em ação. Assim que o sol nasceu no céu **AQUOSO** e a praça da cidade se encheu de movimento, Noodle estava lá no meio de tudo com seu carrinho. Os outros se arrastaram para fora de seus sacos de roupa e assumiram suas posições.

Piper correu por um beco, Larry ficou de vigia num canto da praça e Lota no outro. Ábaco era responsável pelo pote que iam usar para recolher o pagamento e Noodle ficava de vigia ao lado de Willy. Quase não dava para reconhecê-lo num disfarce de calça preta e camisa branca. Ele segurava uma bandeja como se fosse um garçom, e, um por um, montava uma pilhinha de chocolates sobre ela. Ninguém prestava a menor atenção em Willy, que não conseguia se controlar e saltitava pela neve; a liberdade de estar disfarçado e o suspense do que estava para acontecer lhe dava vontade de começar a **DANÇAR!** Perto dele, donos de carrinhos organizavam seus produtos para o dia, empilhando vegetais e frascos de perfume e todo tipo de coisas.

A dona da banca de flores, no entanto, estava tendo uma manhã muito diferente do restante. Willy notou na mesma hora o que estava acontecendo e se aproximou furtivamente enquanto um homem ajoelhado erguia um anel para ela, suas mãos frias, brancas e maçudas tremendo; totalmente despreparado para esse momento.

— Ah, eu não sei, Colin — dizia a dona da banca. — Você é um homem adorável e tudo o mais, mas eu estou procurando alguém que me tire o chão, sabe? Que me leve embora para uma vida de **AVENTURA!** Essa pessoa poderia ser você?

— Humm... não, Barbara — respondeu Colin.

Barbara fez uma expressão decepcionada.

— Ah — disse ela. — Que pena.

— Não com a minha falta de confiança crônica, sinto dizer! — falou Colin, então se levantou e espanou a neve dos joelhos. — É melhor eu ir.

— M-mas Colin... — gaguejou Barbara.

— Desculpe por ter desperdiçado seu tempo, Barbara. Táxi! — Ele ergueu o braço para chamar um táxi, mas o motorista seguiu adiante como se nem o tivesse notado. Os pneus do carro deslizaram por uma poça, espirrando uma grossa camada de neve e lama em Colin.

Willy se aproximou e catou um macaron perfeito de sua bandeja. Ele tinha estampa de girafa e orelhinhas no topo.

Colin o cheirou com grande desconfiança.

Ele deu uma mordida cautelosa no macaron e imediatamente **ERGUEU** a cabeça, com uma recém-descoberta confiança. Então começou a dançar!

Em segundos, havia uma multidão ao redor deles.

— *Chocolate para todos!* — vibrou Willy enquanto eles balançavam seu dinheiro para ele.

De repente, um assobio soou. Willy se virou para onde Noodle estava, de vigia ao lado da fonte. Ela assobiou de novo e apontou freneticamente para uma rua lateral. O coração de Willy apertou quando ele viu o Chefe e seus policiais virando a esquina e avançando na direção deles.

Rápido como um **RAIO**, Willy deu meia-volta e correu por um beco.

— *Eu nunca comi um chocolate como esse!* — vieram os gritos de alegria de Colin atrás dele.

Willy apertou o passo, disparando para onde Piper o esperava mais à frente. Ela suave e seus músculos doíam enquanto ela segurava a pesada tampa do bueiro.

— Seu alçapão, Sr. Mágico! — brincou ela enquanto Willy passava derrapando por ela e descia pelo bueiro. Ele ergueu o olhar e viu Piper lentamente devolvendo a tampa ao seu lugar. O som de metal raspando logo foi substituído por silêncio quando os últimos raios da luz do dia desapareceram e ele foi imerso em escuridão. Dentro de segundos ele ouviu os passos retumbantes dos policiais acima. Eles pararam.

— Você viu um homem, mais ou menos dessa altura, provavelmente agindo de forma estranha e cantando sobre chocolate? — veio o som abafado da voz do Chefe.

— Não, parece ser alguém que eu me lembraria de ter visto — respondeu Piper, fazendo Willy dar uma risadinha. Ele saiu de fininho pelos túneis, o chapinhar

ALEGRE de seus passos ecoando ao redor.

★ ★ ★

O mundo ali embaixo, nas profundezas subterrâneas, parecia ser totalmente diferente. Conforme os dias se passavam, as passagens subterrâneas se tornaram um tipo de lar para Willy. Ele saltitava ao redor com jarras de chocolate, inclinando a cartola para os ratos ao passar. Na verdade, Willy conseguia percorrer a cidade inteira usando os túneis de escoamento, e em pouco tempo ele estava brotando em todo lugar. Suas aparições misteriosas eram o assunto da cidade; todo mundo queria que ele se materializasse magicamente ao seu lado. A cidade inteira estava *desesperada* pelos chocolates Wonka.

Mas Willy estava se tornando cada vez mais difícil de identificar, graças aos seus muitos disfarces. Um dia, ele entrou a bordo de um bonde vestido de inspetor de passagem, com um chapéu bege quadrado e jaqueta combinando. Ele tinha preparado uma nova receita, cheia de cantoria e dança dentre seus ingredientes, e queria testá-la. O bonde veloz parecia um bom lugar, porque se alguma coisa desse errado, as pessoas ficariam contidas lá dentro (ele esperava). Era **PERFEITO!**

— Olha! Olha! Eu ganhei um chocolate Wonka! — exclamou alegremente uma senhora no bonde quando Willy colocou um chocolate vermelho **LUMINOSO** na palma da mão dela.

Todos os outros passageiros se levantaram imediatamente de seus assentos, gritando e esganiçando “É ELE!”. Eles estenderam os braços, implorando para que ele também lhes desse um chocolate.

— Só uma mordida e vocês começarão a dançar no próprio ritmo! — disse Willy, e os passageiros observaram com deslumbramento enquanto a mulher que acabara de devorar o chocolate começava a dançar. Ela jogou os braços para cima e começou a dar chutes com as pernas. Willy jogou o conteúdo do pote no ar e todos pularam, pegando os chocolates que caíam; alguns direto dentro de suas bocas! Em pouco tempo o bonde inteiro estava cantando e dançando; alguns discretamente, outros se sacudindo de um lado para o outro em frenesi. Uma mulher em particular dava chutes altos repetidamente e derrubava os chapéus de todos. Willy se sentou nos fundos da carruagem, cruzando as pernas e se recostando com um suspiro satisfeito. Ele encarou a comoção de sua própria criação e se sentiu **CONTENTE** consigo mesmo.

Os funcionários da lavanderia estavam sempre por perto; Lota e Larry ficavam de vigia, Piper estava encarregada dos bueiros, identificando as melhores rotas de

fuga, e Ábaco cuidava do dinheiro. O trabalho de Noodle era ajudar Willy a distribuir os chocolates.

É claro, todos os dias de venda sempre acabavam abruptamente, com um dos funcionários da lavanderia soando o alarme e o Chefe chegando de supetão.

Quando o bonde parou no ponto, o Chefe subiu a bordo. Mas Lota foi rápida: ela soou o alarme com dois apitos fortes e Willy imediatamente correu para Piper, que ergueu um alçapão no chão. De lá, Willy caiu direto pelo bueiro e para o túnel abaixo.

— Ele estava aqui agorinha mesmo! — urrou o Chefe com fúria ao começar a empurrar os passageiros para os lados em frustração.

Os passageiros continuaram a cantar e dançar enquanto o rosto do Chefe ficava **VERDADEIRAMENTE** roxo de fúria.

★ ★ ★

Era justo dizer que o Chefe estava mais do que um pouco perplexo com os desaparecimentos de Willy, além de exausto com a perseguição constante. Para completar, ele estava precisando lidar com um cartel cada vez mais irado, cujas vendas de chocolates estavam desabando por causa de Willy Wonka.

Outro dia, Willy emergiu de um bueiro e desfilou para dentro de uma barbearia, com as mãos estendidas. Em cada punho havia uma bomba **DELICIOSAMENTE** cremosa com uma cobertura suspeitamente parecida com um bigode de verdade.

— Experimente minha bomba, senhor!

— É feita de quê? — perguntou o cliente meio careca.

— Bem, chocolate — respondeu Willy. — E uma única gota de suor de yeti.

— Uma única gota de suor de yeti?! — exclamou o cliente.

— Não parece muito — disse Willy. — Mas qualquer quantidade acima de uma *única gota* provocaria consequências terríveis.

— Mas... UM YETI?! — guinchou o cliente.

No playground da escola local, Willy vendeu doces *elásticos* espirais, que lançaram as crianças para o céu até alturas impensáveis e então as *poin*-nhou de volta para o chão, com todos os ossos intactos!

Willy os observou enquanto elas desapareciam no meio das nuvens, os gritinhos encantados chovendo nele, e sorriu.

Por toda a cidade, as pessoas se rasgavam em elogios por Willy Wonka e falavam a respeito de seus chocolates extraordinários.

E, durante todo esse tempo, Willy saltitava pelos túneis sob seus pés. Por mais que fossem sombrios e soturnos e sujos de esgoto, ele nunca se sentira tão perto de seu sonho.

★ ★ ★

Enquanto de dia os funcionários da lavanderia **SORRATEIRAMENTE** vendiam chocolate, durante a noite Noodle e Willy se concentravam na leitura. Toda noite ela se direcionava a Willy, que se sentava numa cadeira escolar infantil, com o rosto franzido de confusão; Willy *não* era um aluno muito fácil de ensinar.

— O que é isso? — perguntava Noodle, apontando para um A.

— Eu sei! — exclamava Willy.

— Tá... — dizia Noodle esperançosamente.

— É a representação perfeita de uma asa de mosca-das-flores!

Noodle suspirava.

Em pouco tempo, no entanto, o grupo já tinha tanto dinheiro que a perspectiva de fugir da lavanderia parecia mais e mais provável.

Mas um dia, enquanto distribuía chocolates na praça da cidade, Larry soou o alarme.

O Chefe avançava pela praça, colidindo com carrinhos e atirando as pessoas para fora do caminho. Os funcionários se dispersaram e Willy se lançou para um beco e para dentro de um bueiro.

— Eles estavam aqui agorinha mesmo! — lamentou o Chefe. Ele ficou parado ali, dando voltas na praça, o rosto tomado pela perplexidade. Ao seu redor, as pessoas **DANÇAVAM** com bocas sujas de chocolate. O Chefe estava prestes a explodir quando algo chamou sua atenção; algo grumoso perto do bueiro. Ele ficou de quatro e se abaixou até quase tocá-lo com o rosto. Um chocolate! Mas não apenas um chocolate qualquer; era um chocolate Wonka. E, melhor ainda, metade dele estava esmagada *embaixo* da tampa do bueiro.

— Ah, então é *assim* que você está fazendo — disse ele, e um sorriso estreito se **ESTICOU** por seu rosto. Ele abaixou a cabeça e pressionou um ouvido contra o chão. O som de passos o fez sorrir ainda mais. — Gentil, eu quero um guarda em todos os bueiros da cidade.

— Tem certeza, senhor? Não é melhor nos concentrarmos em todos esses assassinatos não solucionados?

— Não, essa é a prioridade — disse o Chefe. — Vai fugindo enquanto dá, Sr. Wonka. Vai fugindo enquanto dá...



CAPÍTULO DOZE

TE PEGUEI!

Enquanto a cidade dormia naquela noite, uma figura minúscula correu até a lavanderia. Furtivamente, ela puxou uma geringonça do bolso; um arquinho de metal com um grande gancho num arame. Ela o **ERGUEU** no ar, puxou um gatilho e, rápido como um raio, o gancho se lançou pela noite e atingiu as barras da janela do quarto de Willy com um pequeno *plim*. A figura deu um puxão no arame para ver se estava bem preso e começou a escalar.

Ao chegar ao topo, a figura deslizou por entre as barras com facilidade e desceu para o chão. *Tip, tap, tip, tap*, ela passou sorrateiramente por Willy, que **CANTAROLAVA** uma melodia feliz entre roncões ao sonhar com rios e árvores de chocolate.

A minúscula figura correu para o extremo oposto do quarto e parou ao lado de um pote de chocolates no chão. Ela saiu das sombras, revelando um vislumbre de cabelo verde, ergueu as mãos vorazmente, deu outro passo cuidadoso à frente, e...

SNAP!

A tábua se lançou para cima, acertando a figura no rosto e a lançando em disparada pelo quarto! Ela atingiu a parede, então caiu dentro de um funil magistralmente posicionado, que por sua vez desembocava num pote de vidro. Assim que a figura aterrissou, a tampa do pote se fechou com um estalo, a prendendo lá dentro.

— TE PEGUEI! — urrou Willy ao pular da cama e correr para inspecionar o que capturara.

— Me tire daqui! — guinchou a figura.

Willy praticamente caiu para trás.

— Você fala!

— É claro que eu falo, seu idiota, agora me tire daqui! Eu exijo minha liberdade!
— Ele chutou o vidro, furioso.

— Não antes de eu dar uma boa olhada em você — disse Willy, erguendo o pote sobre a escrivaninha e acendendo a luz. — O homenzinho laranja de cabelo verde — disse ele com **SATISFAÇÃO**. — Eu *sabia* que eu não estava comendo meu próprio chocolate enquanto dormia. Então você é o homenzinho engraçado que anda me seguindo.

A figura estufou o peito, indignada.

— Homenzinho engraçado! Como ousa! Eu tenho um tamanho perfeitamente respeitável para um Umpa-Lumpa.

— Um Umpa o quê? — disse Willy.

— Na verdade, na Lumpalândia eu sou considerado um **GIGANTE** — gabou-se ele. — Eles me chamam de Altivo. Então eu agradeço se você não ficar me encarando de boca aberta como se eu fosse alguma coisa que encontrou no lenço. Acho desconfortável e, sinceramente, grosseiro.

— Desculpe — disse Willy.

— E me tire daqui! — gritou o Umpa-Lumpa. — Você não tem direito de sair por aí engarrafando desconhecidos inocentes.

— Inocente? — exclamou Willy. — Você rouba de mim há anos!

O Umpa-Lumpa balançou um dedo na direção dele.

— Você que começou! Você roubou nossos grãos de cacau!

— Do que está falando? — perguntou Willy, fazendo uma expressão preocupada. — Eu jamais roubaria.

— Quer dizer que nem se lembra?! — exclamou o Umpa-Lumpa. — Pior ainda!

— Lembrar do quê?! — disse Willy.

O Umpa-Lumpa pressionou o rosto contra o vidro até que seu nariz estivesse completamente achatado, então, com muita seriedade, disse:

— Da noite em que você arruinou a minha vida.

— Eu não lembro *mesmo* disso — disse Willy. — Tem certeza de que aconteceu? Talvez você esteja me confundindo com outra pessoa.

— Meu trabalho na Lumpalândia é proteger nossos grãos de cacau — revelou o **UMPA-LUMPA**, bufando. — Não temos muitos, não é dos melhores lugares para plantar cacau. Então uma noite você passou e roubou todos!

Willy franziu a testa, pensando com esforço. Ele repassou todas as suas aventuras na cabeça. Mas eram tantas, e ele não conseguia pensar em nenhuma que fosse como... Ele arquejou! Lembrou do barquinho, da ilha perfeita banhada em luz do sol. Ele se lembrou de colher os grandes grãos de cacau!

— Por que não falou nada? — perguntou Willy. — Eu teria parado se soubesse.

— Bem, talvez eu tenha cochilado! — respondeu o Umpa-Lumpa com uma careta. — Eu acordei e meus **AMIGOS** estavam parados a minha volta, furiosos. Eles me mandaram embora. Desonrado. Banido para o frio. Até pagá-los de volta, eu nunca poderei voltar para casa.

— Olha, Sr. Lumpa — disse Willy. — Se você realmente acha que anos afanando os meus chocolates é uma pena razoável por eu ter pegado três grãos...

— Quatro! — corrigiu o Umpa-Lumpa.

— então tenho certeza de que podemos chegar a um acordo, mas não posso simplesmente entregar meu estoque inteiro — explicou ele. — Existem outras pessoas contando comigo.

— Muito bem — disse o Umpa-Lumpa, olhando para os lados de maneira suspeita. — O negócio é o seguinte. Você me deixa sair daqui e nós podemos conversar como adultos.

— Ah, isso seria **MARAVILHOSO** — respondeu Willy. — Vamos fazer isso.

— Só... tire a tampa do pote — disse o Umpa-Lumpa lentamente.

— É claro — disse Willy.

Seus olhos se estreitaram enquanto Willy tirava a tampa e o deixava sair.

— Obrigado — disse o Umpa-Lumpa, se espanando. — Agora, pode me fazer a gentileza de me passar aquela frigideira em miniatura?

— Essa? — perguntou Willy, estendendo a mão para um conjunto de frigideirinhas penduradas em sua maleta.

Os olhos do Umpa-Lumpa se estreitaram ainda mais.

— A pesada.

— Tá bem — disse Willy, lhe entregando a frigideira.

— Uuh, essa aqui é potente, hein? — disse ele, a virando na mão. — Agora, chegue um pouco mais perto. Mais perto. Vamos lá, bem **JUNTINHO**.

Willy chegou mais e mais perto, até que...

PLOF!

— Aaargh! — gritou Willy conforme uma dor horrível se espalhava por sua testa. — Você me bateu! — exclamou ele. — Um acidente, tenho certeza, Sr. Lu...

Mas o Umpa-Lumpa estava ocupado demais pisoteando. Ele pisoteou para cima e para baixo sobre os dedos de Willy, fazendo o chocolateiro soltar gritinhos. Então

agarrou o pote de chocolates e pulou no parapeito da janela.

— UMPA-LUMPAS *NÃO* NEGOCIAM! — urrou ele. — Tenha um bom-dia, senhor!

E com isso, o Umpa-Lumpa desapareceu noite adentro.



CAPÍTULO TREZE

A LOJA

Na manhã seguinte, Noodle arrastou seu carrinho para fora da Alva & Escovão e seguiu para a cidade. Qualquer um que passasse por ela pensaria que ela estava conversando com a roupa suja.

— Ele voltou? — disse ela, não parecendo convencida.

O saco de roupa onde Willy estava escondido se **CONTORCEU**.

— Sim, Noodle!

— Um homenzinho verde? — veio a voz confusa de Ábaco do seu saco de roupa.

— Cabelo verde — corrigiu Piper de seu saco. — Homem laranja.

— Isso! — confirmou Willy. — Eu montei uma armadilha e ele caiu direitinho nela!

Noodle parou o carrinho.

— Então onde ele está?

Houve uma **LONGA** pausa, então Willy disse:

— Ah, bem, nós tivemos uma briga, sabe? Ele ganhou. Me bateu com uma frigideira, então pisou nos meus dedos antes de pegar os chocolates e pular pela janela!

— É claro — disse Noodle sem emoção, então deu uma batidinha no carrinho para avisá-los de que a barra estava limpa.

— Você não acredita em mim, não é? — perguntou Willy ao sair do carrinho.

— Sinceramente? — disse Noodle. — Não, nem um pouquinho.

— *Algum* de vocês acredita em mim? — questionou Willy.

Todos os outros o encararam com uma expressão de **FASCÍNIO** intenso, como criancinhas assistindo a um macaco fazendo malcriação no zoológico.

— Não — admitiu Ábaco.

— Nem pensar — retorquiu Piper.
Lota balançou a cabeça.
— Hum, não.
— Nãaaaao — afirmou Larry.
Noodle abriu um sorriso travesso.
— Mas, por acaso, nós não precisamos vender chocolate hoje.
— Não precisamos? Por quê? — perguntou Willy.
— Sabe aquela loja? — disse Noodle. — Aquela com a qual você anda sonhando?
O coração de Willy parou de bater.
— Bem... — disse Noodle, e ergueu um molho de chaves.

★ ★ ★

Eles foram ver o lugar imediatamente, se apressando pela Galeria Gourmet. Ao chegarem lá, Willy baixou o olhar para as chaves cintilando em suas mãos. Ele mal conseguia respirar.

— Isso aqui é mais do que a chave de uma loja — disse ele, em choque pelo que seus amigos tinham feito por ele. — Ela é a chave do meu sonho.

— Legalmente falando, é apenas uma loja, mas sim, emocionalmente, também é seu sonho — comentou Ábaco num tom pragmático.

— Ah, deixe Willy ter o momento dele — disse Piper, e ele achou ter até mesmo visto uma lágrima nos olhos dela.

— Não consigo acreditar que tamanha **BONDADÉ** existe — afirmou Willy com a voz embargando.

— O chocolateiro que consegue fazer as pessoas voarem não acredita nesse gesto de bondade? — Noodle riu. — Não pode ser.

Willy **SORRIU** para cada um deles.

— Não tenho esse sentimento desde que era menino, na minha casa — disse ele, posicionando a chave cuidadosamente na fechadura e girando. A porta se abriu com um rangido e todos entraram juntos.

Willy ficou com as mãos nos quadris, inspecionando o lugar. Precisava de um trato, disso não havia dúvida. O papel de parede descascava das paredes, e a maior parte do teto estava no chão, junto de um lustre destruído.

— Precisa mesmo de um trabalhinho — disse Ábaco.

— Parece que alguém esqueceu a água aberta vinte anos atrás e o teto desabou — refletiu Piper. — E o teto acima desse, e o teto acima desse...

— Mas isso significa que podemos pagar, por uma semana, pelo menos — explicou Ábaco.

Willy sentia o olhar ansioso de Noodle nele.

— O que acha? — sussurrou ela. — Vai funcionar?

— Está uma zona horrível — disse Willy. — Eu nunca vi uma loja num estado tão tenebroso. É absolutamente, horrendamente... *perfeito*. Quer dizer, lógico, é um desastre, mas olha o potencial... a estrutura. Vai ser a **MELHOR** loja de chocolate do mundo. Não precisaremos de mais de uma semana, Ábaco. Vamos arrumar isso e vender tanto chocolate que já estaremos livres na sexta-feira!

Só de pensar naquilo, os olhos de Noodle se encheram de lágrimas, e ela abraçou Willy e o apertou com força.

— Muito bem — disse Ábaco. — Mas ainda não estamos fora de perigo. É melhor voltarmos para a lavanderia antes da chamada.



CAPÍTULO CATORZE

AQUELA GAROTA

Os funcionários emergiram do bueiro perto da lavanderia. Mas, dessa vez, não estavam sozinhos. Numa janela vizinha havia três figuras sinistras, e ao lado deles encontrava-se o Chefe da Polícia devorador-de-chocolate.

— São seis no total — disse ele, a boca **ESTUFADA** de chocolate. — Incluindo a garotinha. Ela parece ser a cabeça do esquema. Os outros fazem o que ela manda, olha.

Todos observaram em silêncio enquanto Noodle mandava os trabalhadores entrarem em sacos de lavanderia e depois arrastava o carrinho pela porta.

— E aquilo ali é a lavanderia. Alva & Escovão — disse o Chefe, enfiando outro punhado de chocolate na boca.

Slugworth olhou incisivamente para o nome.

— Alva? — disse ele.

— Mim, Malva — falou o Chefe entre grandes mastigadas. Ele **ENGOLIU** o bocado de chocolate. — Por quê? Você conhece?

Slugworth encarou bem à frente.

— Sim — respondeu ele. — Na verdade, eu conheço.

O Chefe balançou a caixa vazia de chocolates e um leve pânico se acendeu em seus olhos.

— Ah, não, já acabou. — Ele se remexeu, lutando contra a necessidade, mas não adiantou. — Sabe — falou ele depressa —, será um prazer fazer seja lá o que você queira para se livrar de todos eles; e eu quero dizer *qualquer coisa*. Eles acabaram de alugar uma loja, então legalmente eu não posso tocar neles, mas *ilegalmente* eu terei o

maior prazer em fazer qualquer coisa que vocês queiram. Quer que *todos* eles sofram um acidentezinho?

— No qual eles vão morrer — acrescentou Prodnose.

— Sem problemas — disse o Chefe. — Mas vai te custar muito mais

CHOCOLATE.

— Tudo bem, Chefe... — respondeu Slugworth, balançando a mão com desdém. — Você pode ganhar mais.

— E eu agradeceria se pudesse receber um adiantamento, porque... sabe aquelas outras caixas que você me deu? Acabaram todas — revelou ele. — Acabou tudo.

— O quê? — exclamou Fickelgruber. — Todas elas, Chefe?

— Aham. Estou sem! Passei os últimos três dias comendo essas embalagenzinhas de papel, e elas nem são de chocolate. — Ele ergueu alguns embrulhos, então os jogou na boca. — Você precisa me ajudar, Sr. Slugworth, por favor. Eu estou perdido por chocolate. De verdade.

Slugworth **FRANZIU** o rosto, tentando engolir o asco. Ele entregou outra caixa para o Chefe.

— Aqui está, Chefe. E tem muito mais de onde esta veio. Mas não precisa tomar nenhuma atitude por enquanto; vou telefonar quando chegar o momento certo.

— Obrigado, Sr. Slugworth — disse o Chefe. — Obrigado, obrigado.

Slugworth ergueu os binóculos e observou a garotinha ajudar cinco sacos de roupa com formatos suspeitamente humanos descerem pelo duto.

— O que foi, Arthur? — perguntou Fickelgruber.

— A garota — disse Slugworth baixinho.

— Que garota? — indagou Prodnose, pegando os binóculos. — Ah, *aquela* garota.

— Você não acha que poderia ser... *ela*, acha? — disse Fickelgruber.

— Acho — respondeu Slugworth.

Fickelgruber ficou **INQUIETO**.

— Você sempre nos garantiu que ela não seria um problema.

Prodnose assentiu.

— Ele tem razão, você realmente nos garantiu.

— Ela não será — afirmou Slugworth friamente. — Nem Wonka. Eu cuidarei disso pessoalmente.



CAPÍTULO QUINZE

CACHORRO

Dona Alva não estava acostumada a receber visitas à meia-noite, mas era quase meia-noite quando uma figura sombria **BATEU** na porta dela.

Ela abriu a portinhola, olhos perscrutando furiosamente em busca da pessoa que ousou perturbá-la a tal hora.

— Quem é? — rosnou ela. — O que você quer?

Slugworth avançou um passo em direção à luz da portinhola, seu rosto ameaçador e entremeado por sombras.

— Dona Alva? — disse ele, e houve um silêncio mortal. Então, subitamente, a porta se abriu!

— Sr. Slugworth! — berrou Dona Alva, ansiosa para deixá-lo entrar.

Escovão apareceu atrás dela, uma enorme e corpulenta presença emergindo da escuridão. Mas, ao se aproximar, Slugworth viu que usavam conjuntos combinando de pijamas melosamente **MEIGOS**, cobertos de retratos tricotados de Tito.

— Quem é, minha doçura? ... UAU! — exclamou Escovão. — É o chocolateiro em pessoa!

— A que devemos essa honra, senhor? — perguntou Dona Alva com uma cortesia bajuladora.

— Eu gostaria de saber — disse Slugworth, os lábios se curvando num sorriso maldoso — se posso dar uma olhada na sua lavanderia?

— O quê? Lá embaixo? Um pedido estranho, ainda mais a essa hora da noite, mas me acompanhe — grunhiu Escovão, guiando o caminho pela escada. Dona Alva os seguiu apressada.

— Nós dois estamos juntos — informou ela a Slugworth orgulhosamente. — Realeza bávara, nós somos.

Mas Slugworth mal escutava. Seus punhos estavam cerrados e seu passo

VELOZ; ele evidentemente não estava no clima para bate-papo.

— Não sei o que espera encontrar lá embaixo — tagarelou Dona Alva, a voz ficando nervosa. — É apenas uma lavanderia perfeitamente normal operada de maneira perfeitamente normal por....

Ela parou de repente, e seu queixo caiu quando ela viu a cena.

— Um cachorro — completou ela.

Ela e Escovão fizeram um silêncio espantado enquanto a lavanderia totalmente mecanizada alimentada inteiramente por Tito zunia e estrondava e estourava na frente deles.

— Tito — disse Escovão, balançando a cabeça com decepção. — Como você pôde?

Mas não era só isso. Havia uma montanha de potes estranhos, cheios de ingredientes que **FAISCAVAM** e **BORBULHAVAM** e zumbiam. Havia tudo, desde grossas gosmas embotadas a líquidos translúcidos; alguns efervesciam e estalavam freneticamente, enquanto outros eram cuidadosamente despejados em frigideiras, uma gota por vez.

Absolutamente nenhum dos ingredientes era identificável.

— Em nome da água de minhoca, o que É ISSO?! — exclamou Dona Alva.

— A senhora tem um hóspede... um tal de Sr. Wonka — disse Slugworth. — Ele anda saindo escondido para vender chocolate com a ajuda da sua criada.

— Aquela pirralha! — cuspiu Dona Alva, furiosa.

Slugworth se virou para Dona Alva, um **BRILHO** perverso nos olhos.

— O que acha de me ajudar a acabar com o negócio deles? — perguntou ele.

Dona Alva olhou para as poções e lambeu os lábios gananciosamente.



CAPÍTULO DEZESSEIS

A GRANDE INAUGURAÇÃO

Os funcionários da lavanderia vinham construindo e pintando e derretendo chocolate sem parar em segredo. Eles nunca estiveram tão **FELIZES**. E a melhor parte era que estava na cara que Slugworth, Fickelgruber e Prodnose estavam inteiramente ignorantes ao que acontecia na Galeria Gourmet, bem debaixo do nariz deles.

Apesar de todos os barulhos estranhos vindos de detrás do papel amarelado que cobria a loja vazia, ninguém viera fazer qualquer pergunta.

Em pouco tempo a loja estava pronta, e chegou o dia da grande inauguração. Willy estava um bombom de nervos, um profiterole de medo, uma grande oscilação de empolgação **GELATINOSA**. Ele lavara o fraque roxo para a ocasião e ele ficara brilhando, como novo.

Quando as portas da Galeria Gourmet se abriram, ele estava pronto.

— Senhoras e senhores! — exclamou ele, batendo a bengala no chão. — Saudações a todos e bem-vindos à Wonka's! Coisas tremendas lhes esperam!

Um velho que passava arrastando os pés parou e ergueu o olhar para ele.

— O quê? *Aqui dentro?*

Willy se virou e sorriu radiante para a sua loja. *Wonka* estava pintado acima da porta em cor de ouro ofuscante, no mesmo estilo que sua mãe desenhara em sua barra de chocolate de aniversário tanto anos antes. No interior, o lugar estava **MISTERIOSAMENTE** escuro, o antigo lustre ainda caído combalido no chão.

— Me dê uma chance — pediu Willy, estendendo uma das mãos para o velho. — Feche os olhos e conte até dez.

Com relutância, o velho fechou os olhos.

— UM... — começou ele monotonamente, e Willy guiou-o para dentro da loja escurificada enquanto ele contava. — NOVE... — Então, com muito cuidado, Willy acendeu um fósforo e o pôs no lustre.

— Faça um desejo! — disse Willy. — Agora abra os olhos!

Quando o homem abriu, Larry puxou uma corda e o lustre disparou para cima! Ele oscilou bem no alto, iluminando todo o interior.

O homem praticamente desmaiou de choque ao ver o lugar. Ele segurou o braço de Willy para se firmar.

— Diferente de todas é nossa loja nova. Se alguém duvidar, uma ova! — cantarolou Willy, cercado por um cenário feito inteiramente de chocolate e doces!

Um **CAMPO** verde exuberante de grama de chocolate era salpicado de flores de chocolate e cogumelos feitos de glacê. No meio do campo havia um salgueiro de aparência deliciosa, seu tronco esculpido a partir de chocolate amargo sólido. Seus galhos pendiam baixo e mergulhavam num rio de chocolate que fluía para dentro da loja.

— Árvores de chocolate, flores de chocolate — disse Willy em voz baixa, mais para si do que para o velho. — Lembranças feitas de chocolate que não deixarei derreterem de novo.

O velho arquejou subitamente, porque pelo rio de chocolate vinha uma barça de chocolate, completa com forro de menta e cheia de jujubas do tamanho de cabeças!

Willy se virou de volta para a porta e viu uma pessoa andando em sua direção. As luzes no interior eram ofuscantes, fazendo com que não passasse de uma mera silhueta, mas era muito parecida com ela. Esperança **BORBULHOU** em seu estômago; era ela... a mãe dele estava ali, bem como dissera! Mas quando ela se aproximou mais, ele viu que não passava de uma desconhecida, com uma criancinha saltitando em sua cola.

— Bem-vinda — disse Willy com um sorriso triste ao despertar de volta à realidade.

Ele colheu uma flor de chocolate e entregou para a criança.

— É tudo comestível.

Logo, mais e mais clientes chegavam em bando à loja conforme a notícia de que Willy estava de volta se espalhava. Não demorou para o lugar estar quase explodindo de tanta gente soltando gritinhos, guinchinhos e exclamações de espanto para o mundo comestível.

Willy saltitava pela loja em velocidade, segurando mãos de clientes e balançando-as vigorosamente.

— Seja bem-vindo, seja bem-vindo! — exclamou com empolgação. Ele colheu flores para eles e encheu copos com o chocolate derretido do rio. — Aqui, experimente o rio, é **DELICIOSO!**

Em determinado momento, ele mergulhou num buraco no tronco da árvore e emergiu no topo, onde começou a escalar até os galhos mais altos. A multidão aplaudiu quando ele chegou até o teto, onde numerosas nuvens de algodão-doce flutuavam. Então Willy ergueu a bengala e apertou um botão e a coisa toda se desenrolou como um guarda-chuva. E bem a tempo; doces começaram a cair como chuva do alto! A multidão foi à loucura.

Então vieram os fogos de artifício. Mas não quaisquer fogos de artifício. Os fogos de artifício de Willy Wonka explodiam pelo céu, soltando fios *comestíveis* pelo caminho! Os clientes os agarravam, os lambendo e mascando, com a boca tão cheia que suas bochechas estavam dez vezes o tamanho normal.

Willy assistia à cena e tinha uma sensação formigante de orgulho percorrer o corpo.

Um balão de chiclete passou flutuando e ele se segurou nele e voou pelo ar, enquanto os clientes o olhavam de baixo com admiração.

No caixa, Noodle embalava grandes **BRAÇADAS** de chocolate. O velho estava bem na frente da fila.

— ... e quatro dúzias de rosas, e um saco de peras... ah, e uma dessas nuvens, por favor! — disse ele.

Ábaco somava sua conta enquanto Lota lhe passava uma nuvem de algodão-doce **FLUTUANDO** num fio.

— Senhor — falou Ábaco, erguendo o olhar de seu trabalho —, isso dá, hã... 980 soberanos.

— Uma pechincha! — exclamou o velho.

O queixo de Noodle **CAIU** enquanto o homem empurrava dez notas na sua mão.

— Uau, obrigada, senhor — disse ela. — Agora, como quer seu troco? De gastar ou de comer?

— Aah, de comer, por favor! — respondeu o homem, e imediatamente o caixa dispensou algumas moedas de chocolate. Ele foi embora com passos saltitantes.

Noodle se virou para Ábaco, um grande sorriso no rosto.

— Ábaco — disse ela. — Aquele cliente acabou de nos dar *mil* soberanos!

— Eu sei, Noodle! Não é fantástico? — falou Ábaco. — Muito bem, quem é o próximo?

Mas o velho nem passara da porta quando algo o fez parar derrapando.

— Hã... Sr. Wonka? — chamou ele.

Willy girou nos calcanhares.

— Senhor?

O velho tirou o chapéu, e uma cabeleira roxa vívida se esparramou para fora.

— Minha cabeça está com uma sensação **ENGRAÇADA** — disse ele.

Willy franziu a testa e Noodle arquejou. Não só o cabelo do homem estava roxo, como todas as mechas se multiplicavam em uma velocidade alarmante!

— Meu cabelo está *crescendo*? Sinto como estivesse crescendo — disse o velho.

— O senhor sempre teve cabelo roxo? — perguntou Willy.

Os olhos do velho duplicaram de tamanho.

— O QUÊ?! — exclamou ele. — NÃO!

Willy começou a andar de um lado para o outro, um leve pânico fervilhando no estômago.

— Não é possível — disse ele, mas então parou e olhou para baixo. — A não ser... — Ele se curvou e colheu uma flor. Cuidadosamente, ele deu uma lambidinha nela e sentiu o coração afundar. — Oh-oh. Suor de yeti!

— **SUOR DE YEATI?!** — exclamou o velho, levando as mãos à nova barba, que crescia tão depressa que já alcançara o chão e seguia para a saída.

— A poção capilar mais poderosa do mundo — explicou Willy. — Absolutamente esplêndida nas condições certas, mas *eu* não a adicionei aqui... — Ele se virou para a sala. — Senhoras e senhores, parece haver um erro na receita. Por favor, ninguém coma as flores!

Vários clientes ergueram o olhar dos canteiros de flores, seus rostos sujos de chocolate. Cabelos multicoloridos imediatamente começaram a brotar de suas cabeças.

Um homem com cabelo verde luminoso se ergueu da grama alta.

— Mas as peras estão boas para comer, imagino?

— As peras também não! — exclamou Willy.

— Qual é o problema desse alcaçuz?! — urrou uma mulher. — Minha filha deu uma mordida e olhe só para ela!

Willy observou enquanto o bigode da criança apitava e se **ENROLAVA** em cachinhos.

— Eu gostei! — gritou a filha, segurando as duas pontas do novo bigode na defensiva. — EU COMBINO COM ELE!

Willy ergueu a mão no ar para acalmar a multidão.

— Sinto muito em dizer isso, pessoal. Não sei como pode ter acontecido... mas lamento informar que os chocolates foram... envenenados!

— Envenenados? — guinchou um cliente de cabelo rosa.

— Ele envenenou minha filha!

— Quero meu dinheiro de volta!

Relutantemente, Ábaco começou a devolver o dinheiro.

— Eu quero indenização!

— Eu quero vingança!

Alguém atirou uma pera de chocolate em Willy, o errando por pouco. Ela acertou a parede e se espatifou em mil pedaços. Willy baixou o olhar para ela com tristeza.

A pera incitou os outros, e logo todo mundo estava *INSANO*, xingando e voando pelo cômodo numa ira cabeluda. Havia chocolate sendo lançado em todas as direções, e a mulher com a criança de bigode cortava a corda que segurava o lustre!

— Aaaaargh! — exclamou ela em fúria, e os últimos fios da corda arrebentaram, fazendo o lustre se estilhaçar no chão. Willy observou com horror enquanto o seu negócio pegava fogo!

— FOGO NA GALERIA GOURMET! — urrou um cliente.

Willy e os funcionários ficaram sufocando na fumaça enquanto as pessoas corriam para a saída.

Lá no alto, na janela de seu escritório acima da arcada, Slugworth, Prodnose e Fickelgruber faziam esgares de **SATISFAÇÃO** ao assistirem aos sonhos de Willy Wonka arderem.



CAPÍTULO DEZESSETE

VENENO

Depois que o fogo foi finalmente apagado e os bombeiros recolheram as coisas e foram embora, Willy ficou parado entre os destroços carbonizados, apertando a barra de chocolate da mãe.

A impressionante árvore de chocolate tinha derretido e se transformado numa massa disforme escorrida, seu brilho **DELICIOSO** substituído por feridas com bolhas pretas. A grama e as flores tinham sido reviradas e queimadas, e as nuvens chamuscadas estavam pisoteadas no chão. A barcaça também fora destroçada em pedaços, e Willy observou enquanto cada pedacinho afundava para as profundezas achocolatadas.

— Eu não entendo — sussurrou Lota. — O que... o que...?

— O que aconteceu? — concluiu Ábaco para ela.

— Não é óbvio? — disse Piper, seus olhos **FAISCANDO** de fúria. — O Cartel de Chocolate.

— É terrível — falou Larry. — Eu não fico triste assim desde... Ah, eu sou um palhaço, eu estou triste o tempo todo. Deixem pra lá.

Noodle colocou uma das mãos no ombro de Willy.

— Está tudo bem, Willy. Nós podemos reconstruir, podemos recomeçar...

— Não faz sentido, Noodle — interrompeu ele. — Não deu certo.

— Deu, sim! — disse Noodle. — Se o Cartel de Chocolate não tivesse se intrometido, então...

— Não, não isso — explicou Willy, seus olhos se enchendo de lágrimas. As palavras de sua mãe **ECOAVAM** em sua mente. *E quando você conseguir compartilhar seu chocolate com o mundo, eu estarei bem ali ao seu lado.* — Ela prometeu que estaria aqui. E não estava.

— Sua mãe — disse Noodle com tristeza, numa voz tão baixa que era quase um sussurro. — Você não achou de verdade... — Mas se interrompeu.

— Eu realmente achei que ela fosse estar aqui, Noodle — revelou Willy. — Achei de verdade. Mas não passava de um sonho ridículo.

— Não fale isso — repreendeu Noodle severamente. — Você me disse para não desistir dos meus sonhos; não pode desistir dos seus. Você é Willy Wonka. Você faz coisas impossíveis acontecerem! Você não pode... nunca...

— Vamos lá, gente — chamou Ábaco, delicadamente conduzindo Noodle para longe. — Acho que o Sr. Wonka precisa de um momento sozinho.

E assim Willy ficou sozinho, afundado até os joelhos nos seus sonhos partidos, assistindo aos restos da barcaça desaparecerem dentro do rio borbulhante. Uma única lágrima escorreu por sua bochecha.

— Que grande pena o que aconteceu aqui — disse uma voz. Willy se virou e viu Slugworth marchando para dentro **TRIUNFANTEMENTE**. Vindo atrás dele estavam os outros dois.

— Presumo que sejam vocês os responsáveis — falou Willy. Era como se Slugworth tivesse sugado toda a esperança dele e tivesse voltado para os últimos restinhos; como alguém saboreando as últimas gotas de um milkshake.

— Nós? — zombou Slugworth. — Não! Bem, não pessoalmente. Nós talvez tenhamos “encorajado” Dona Alva a “pegar emprestado” alguns de seus ingredientes e “aprimorar” suas criações.

— Nós a pagamos para envenená-las com alguns de seus frasquinhos de poções — explicou Prodnose.

— Então para que vocês vieram? — perguntou Willy. — Para se vangloriar? Slugworth abriu um **SORRISINHO**.

— Ah, não, Sr. Wonka. Eu não perco meu tempo com esse tipo de coisa. Viemos te oferecer um acordo.

Fickelgruber se ajoelhou para abrir a maleta. Ao fazer isso, Willy avistou três números escritos a lápis na sola de seu sapato. Ele lhe entregou um maço de cédulas.

— Essa é a quantidade exata que você deve a Dona Alva — disse ele, enfiando a mão de volta na maleta e tirando mais maços de dinheiro. — Esse é para o homem-calculadora, a encanadora, a quietinha, o suposto engraçadinho...

— Com isso ele quer dizer que ele não é engraçado — explicou Prodnose.

— E a garota — continuou Fickelgruber, dirigindo um olhar impaciente para Prodnose antes de entregar a Willy um maço maior do que todos os outros somados. — Acrescentamos um adicional para ela. Para ela poder arrumar um lugar para morar. Roupas. Brinquedos. Livros.

A menção a *livros* fez Willy erguer a cabeça. Ele se lembrou de quando a conhecera, do som do livro se fechando. Noodle amava livros.

— O senhor poderia mudar a vida dela, Sr. Wonka — disse Slugworth, serpenteando-se para mais perto. — Mudar a vida de todos eles.

A ideia de que ele ainda poderia ajudar seus **AMIGOS** bastou para melhorar um pouco seu humor.

— O que eu precisaria fazer? — perguntou ele.

— Sair da cidade — respondeu Slugworth bruscamente. — E nunca mais fazer chocolate. Tem um barco **ZARPANDO** à meia-noite. E pelo bem dos seus amigos, e do seu próprio, eu espero que você esteja a bordo.

Willy baixou o olhar para o dinheiro e soube que não tinha muita escolha. Ele nunca realizaria seu sonho, nem voltaria a ver seus amigos. Mas eles estariam livres... e Noodle, a pobre Noodle, finalmente seria feliz.



CAPÍTULO DEZOITO

UMA PASSAGEM SÓ DE IDA

Quando Willy chegou às docas, o Chefe e o Cartel de Chocolate esperavam por ele.

— Sua passagem, Sr. Wonka — disse Slugworth com um **CHARME** untuoso, brandindo um pequeno bilhete escrito à mão. — Só de ida. Para o Polo Norte.

— É Econômica Premium — falou Fickelgruber.

— É basicamente a mesma coisa da Econômica — explicou Prodnose. — Mas você recebe um pouco mais de espaço para as pernas e um minipacote de castanhas.

A buzina do navio soou e, lá na praça da cidade, o relógio bateu a meia-noite.

— Eu adoraria poder ficar para bater um papinho, mas, hã... **TIQUE-TAQUE** — disse Slugworth impacientemente, dando batidinhas no relógio. Willy notou que ele estava parado na hora errada de novo. — Adeus, Sr. Wonka. — Ele segurou a mão de Willy num último aperto de mão de triturar os ossos. Willy estremeceu de dor quando o anel do homem se cravou em sua pele.

— Adeus, Sr. Slugworth — falou Willy com esforço. Ele baixou a cabeça em derrota e atravessou a prancha.

A bordo, ele entregou sua passagem para o capitão à espera, que deu um aceno de cabeça malicioso para o Chefe, por mais que Willy estivesse consumido demais pela tristeza para notar.

Segundos depois de ele embarcar, o navio ganhou vida com um rugido e saiu do porto em direção ao oceano. Willy não olhou para trás. Ele não conseguia.

Em vez disso, seguiu para a frente do navio, onde encontrou um banco de madeira com uma placa, **ECONÔMICA PREMIUM** preguiçosamente rabiscada nela. Ele se acomodou no assento e envolveu o fraque roxo ao redor do corpo. O céu estava cinza-granizo e a neve caía espessa e rápida agora.

Então ele ouviu um som. Um leve *clanque, clanque* e um raspar de rodas. Willy se virou e ficou encantando ao ver o Umpa-Lumpa arrastando um baú de viagem pequenino atrás de si. Ele parou aos pés de Willy e o abriu, revelando um **MINÚSCULO** assento acolchoado e um minibar. Ele tirou uma azeitona de um pote e a ergueu para Willy.

— Azeitona?

— Estou tão feliz por você estar aqui — disse Willy, sua voz um pouco embargada diante da visão de um rosto familiar. — De verdade.

— Ah, eu não vou perder você de vista, Willy Wonka — avisou o Umpa-Lumpa. — Não até você ter quitado sua dívida. Mas trago novidades satisfatórias sobre esse assunto! Venho fazendo minhas somas. Mais um pote e nós estaremos quites. Ou, se preferir, eu aceito meio pote daqueles Aerochocs bem **DIVERTIDOS**.

— Bem, você está sem sorte — disse Willy, encarando o vasto oceano à frente. — Eu não faço mais chocolate.

— Você não quer dizer que vai realmente levar esse trato ridículo adiante, vai? — perguntou o Umpa-Lumpa.

— Eu preciso. Por Noodle — respondeu Willy. — Eu prometi uma vida melhor para ela. Jurei de dedinho.

— Você deveria enfrentar aqueles valentões — incentivou o Umpa-Lumpa. — Dar um belo soco no nariz deles. É o que um Umpa-Lumpa faria. Mas se está decidido a ficar sentado aí sentindo pena de si mesmo, eu vou me deitar. Boa noite, senhor.

Então ele apertou um botão e sua cadeira começou a **ZUMBIR**. Ela se reclinou até estar completamente deitada, então ele vestiu uma máscara de dormir.

Willy se remexeu desconfortavelmente no assento duro. Sua mão ainda doía do aperto de mão de Slugworth. Estava realmente latejando. Ele a ergueu para dar uma olhada melhor.

— Hã — disse ele.

O Umpa-Lumpa apertou o botão da cadeira de novo, e ela zumbiu de volta para uma posição sentada. Ele ergueu a máscara de dormir.

— O que foi? — perguntou ele.

— Não, nada — disse Willy.

— Não é “nada”, é? — respondeu o Umpa-Lumpa. — Você disse *hã*.

Willy balançou a cabeça, os olhos ainda fixos na mão.

— Desculpe. Esqueça.

O Umpa-Lumpa voltou a baixar a máscara de dormir.

— Hã! — repetiu Willy.

O Umpa-Lumpa jogou a máscara de dormir para longe dessa vez.

— Você fez de novo. E, se não explicar, eu vou te cutucar brutalmente com um palito.

— Olhe onde Slugworth apertou a minha mão — disse Willy, estendendo-a para o Umpa-Lumpa ver. Havia um desenho vermelho estampado em sua pele. — O anel dele deixou uma marca, está vendo? Um “A” cercado por um “S”. Muito **ORNADO**.

O Umpa-Lumpa puxou um monóculo do bolso e ergueu-o para olhar direito.

— E daí? O nome dele é Arthur Slugworth — concluiu ele. — Deve ser um anel de família.

— Mas *Noodle* tem um igualzinho! — disse Willy.

— Noodle? — repetiu o Umpa-Lumpa.

Willy assentiu.

— Mas por que a garotinha órfã teria um anel da família Slugworth?

— Só consigo pensar numa razão — disse Willy.

— Bem, qual? — perguntou o Umpa-Lumpa.

— E se eu estiver certo... — continuou Willy, **LENTAMENTE** se levantando e encarando o horizonte — então ela pode estar em grande perigo! — Ele começou a olhar ao redor freneticamente. — Preciso voltar à terra firme. Capitão?!

Willy disparou em busca do capitão.

— Temos que dar meia-volta nesse navio! — exclamou ele. — Capitão! Cadê você? O navio! Precisamos retornar!

— Volte aqui! — gritou o Umpa-Lumpa, correndo atrás dele. — Eu exijo uma explicação. Qual é a sua teoria sobre o anel?!

Mas Willy não estava escutando. Ele atravessou o passadiço em velocidade e parou derrapando na cabine do capitão. Quando viu o que havia dentro, um formigamento de puro pavor dançou subindo por sua espinha. Não havia capitão lá dentro. Mas para piorar ainda mais, sentado no lugar do capitão havia uma **CHISPANTE** e furiosa BOMBA!

— Pensando bem, a explicação pode esperar — disse o Umpa-Lumpa, e inflou um minicolete salva-vidas. — Espero que saiba nadar, Willy Wonka.

★ ★ ★

O Chefe de Polícia, ao lado dos três chocolateiros, observava o navio deslizar pelo horizonte.

Slugworth articulava uma contagem regressiva com os lábios:

— Cinco, quatro, três, dois...

BUUM!

E, com isso, cada pedacinho do navio foi arremessado em todas as direções até que restasse apenas uma nuvem de fumaça serpenteando para o céu.

— Bem, cavalheiros — disse o Chefe. — Um chocolateiro morto, como solicitado.

Slugworth ergueu o walkie-talkie.

— Srta. Bom-Bom? Dê o chocolate do Chefe.

A Srta. Bom-Bom estava próxima a eles, operando um guindaste. Ela segurou os controles e começou a baixar um **ENORME** caixote de chocolate na frente do Chefe. As correntes tiniam e o guindaste grunhia ao balançar dramaticamente no vento diante deles. A Srta. Bom-Bom estava com a língua para fora de concentração ao apertar os botões. Então, do nada, ela balançou demais para a esquerda! As correntes soltaram um *plim* e **ARREBENTARAM**, e o chocolate aterrissou no carro do Chefe com um *crunch* estrondoso.

Houve um grunhido de metal conforme o teto afundava, então todas as quatro rodas pularam para fora.

— E veja só, a Srta. Bom-Bom já até carregou tudo para o seu carro — comentou Slugworth enquanto todos observavam as rodas rolarem para longe.

O Chefe não pareceu se importar... porque tudo o que ele conseguia enxergar agora era chocolate.



CAPÍTULO DEZENOVE

ACERTANDO A CONTA

— Ora, ora, que bando de caras fechadas nós temos essa manhã — disse Dona Alva com animação ao **CUMPRIMENTAR** os funcionários. Eles passaram em fila por ela em direção à lavanderia, mas ela estendeu uma perna para impedi-los. — Tenho boas notícias para vocês — provocou ela. — Não que vocês mereçam.

Ela colocou um maço de dinheiro no caixa e carimbou a conta de Ábaco.

— Seu amigo Sr. Wonka fez um acordo com o Sr. Slugworth. Abriu mão de seu precioso sonhozinho para acertar as contas de vocês — disse ela. — Então, Sr. Crunch, acredito que esteja livre para ir embora.

Ábaco ficou encarando boquiaberto o carimbo de *PAGO* no papel, paralisado por causa do choque.

— Sr. Crunch? — disse Dona Alva. — O senhor está livre para ir embora.

— Vai logo! — urrou Escovão. — Vaza!

— Antes que eu te cobre por enrolar — disse Dona Alva com um **BALANÇAR** de dedo.

Ábaco pegou o recibo, lançou um sorriso exultante para os colegas e então deu o fora.

Um murmúrio animado se espalhou pelo grupo, mas Noodle fixou um olhar pétreo na horrível mulher. Depois de passar a vida sendo jogada no viveiro de pombos, aquela generosidade era... suspeita.

— Benz? Risadinha? Trim? — dizia Dona Alva monotonamente ao guiá-los para fora, até que restasse apenas Noodle. Ela ficou parada ali, pequena e solitária; a realidade de quão solitária ela estava começou a bater.

— Ah, Noodle — falou Dona Alva. — A maior pilha do grupo!

E para a grande surpresa de Noodle, ela bateu um maço pesado de dinheiro no balcão com um *POU*.

Os olhos de Noodle se **ARREGALARAM**, mais do que nunca antes. Ela não acreditara que aquilo fosse possível até aquele segundo, mas ali estava, a dívida dela... e paga. Estava logo ali, sua liberdade e felicidade e fuga do viveiro! Finalmente ela seria livre, poderia ir encontrar Willy e os outros!

Noodle ergueu a mão para tocá-lo.

— Só que essa pilha não é para pagar sua conta, queridinha — disse Dona Alva, puxando-a para longe.

— C-calma — gaguejou Noodle. — Então o que...

— É para **MANTER VOCÊ AQUI** — esganiçou Dona Alva com **ALEGRIA**, e começou a gargalhar histericamente. Ela não conseguia parar! Ela esmurrava o balcão de novo e de novo. Então começou a dançar de um pé para o outro. — Você achou que fosse embora! Rá!

Noodle ficou chocada e sem se mexer enquanto Escovão passava o ferrolho na porta.

— Meu amigo Sr. Slugworth não acha que ladrazinhas desprezíveis como você deveriam ficar nas ruas, não numa cidade requintada como essa! — cacarejou Dona Alva. — Ele me deu esse dinheiro para manter você lá embaixo, na lavanderia... para sempre! — Ela parou de rir e ficou com o rosto subitamente muito sério. — E eu terei o maior prazer em obedecer.

— Eu odeio você! — gritou Noodle, avançando para a janela, mas Escovão segurou-a pela nuca e a ergueu no ar.

— Olhe só para ela, meu lorde — disse Dona Alva com um sorriso cruel.

— Meu lorde? — repetiu Noodle, e começou a **GARGALHAR**. — Você não acha mesmo que ele é da *realeza*, acha?

Dona Alva pareceu confusa.

— Nós inventamos tudo, Dona Alva — gritou Noodle. — Sua tola viciada-em-água-de-minhoca. Ele não é da realeza bávara, ele não é realeza de coisa nenhuma!

Ao ouvir isso, o rosto de Dona Alva se retorceu de horror. Primeiro, ela ficou cinza como sua água de minhoca, então pareceu que ia desmaiar, então finalmente assumiu um tom furioso de roxo, as veias da cabeça saltando e as narinas inflando.

— **MUITO BEM! É ISSO!** — cuspiu ela com mais fúria do que Noodle jamais vira. — **VOCÊ VAI PARA O VIVEIRO, MINHA GAROTA!**

Ela agarrou Noodle pela orelha e saiu arrastando-a, passando por Escovão, que momentaneamente se esquecerá de que *não era* genuinamente um aristocrata alemão e

estava completamente pasmo com a revelação.

— E tire esse macacão — disse ela com rispidez para ele, lágrimas nos olhos. — Seu... seu pé-rapado!

— **POMPONZINHO!** — tentou Escovão, mas não adiantou nada.

Dona Alva arrastou Noodle escada acima e jogou-a no viveiro, batendo a porta com tanta força que os pombos entraram em pânico. Penas saíram voando, garras agarraram o cabelo de Noodle, e ela gritou enquanto os últimos pássaros lutavam para sair de seus nichos. Ela estava sozinha outra vez.

Uma única lágrima escorreu por sua bochecha e ela encarou à frente sem expressão, desejando mais do que tudo que não tivesse ousado sonhar que as coisas melhorassem.

— Ah, ali está ela! — veio uma voz irritantemente alegre. — Olá, Noodle!

Ela se virou, e ali estava Willy, com o rosto enfiado em um dos nichos dos pombos! Ela espiou para fora e viu que ele estava equilibrado em cima de uma escada bamba.

Noodle balançou a cabeça, convencida de que estava **SONHANDO**.

— Eu... eu achei que você tivesse ido embora — disse ela baixinho. — Achei que todos vocês haviam me deixado para sempre.

— Eu fui embora — explicou Willy. — Fiz um acordo com o cartel. Slugworth prometeu dar uma vida melhor para você se eu fosse embora para sempre, mas ele não cumpriu *exatamente* a parte dele do negócio.

— Não — confirmou Noodle, os joelhos aninhados na sujeira espessa. — Ele não cumpriu. Na verdade, ele fez o oposto... ele quer que eu fique trancafiada para sempre, pelo visto.

— É lógico que quer — refletiu Willy ao pegar uma lixa de metal e começar a cortar o cadeado.

— Por quê? — perguntou Noodle. — O que ele tem contra mim? Eu nem o conheço!

— Não sei, Noodle, não com certeza, mas acho que pode ter alguma coisa a ver com seus pais.

— Meus pais? — **SUSSURROU** Noodle.

— É só uma teoria — disse Willy. — Só o que eu sei com certeza é que você não estará segura até que ele esteja atrás das grades.

O rosto de Ábaco apareceu em outro nicho, fazendo Noodle ter um sobressalto.

— Sim, e como exatamente isso vai acontecer, Sr. Wonka? — perguntou ele.

— Você disse que o cartel mantém um registro de todas as traquinagens deles? — disse Willy, ainda cortando o cadeado.

Ábaco assentiu.

— No livro contábil verde, sim.

— Então, se conseguirmos botar as mãos nele, poderemos provar que eles envenenaram os chocolates. Alva e Escovão iriam para a cadeia e nós ficaríamos livres — disse Willy.

— Parece ótimo para mim — interveio Piper, o rosto aparecendo no nicho ao lado de Willy.

— Vocês estão todos aqui? — perguntou Noodle com um enorme **SORRISO**.

— Sim, lógico, Noodle, nós não deixaríamos você para trás — disse Ábaco. — Agora, Sr. Wonka, devo lembrá-lo de que eles guardam aquele livro contábil num cofre.

O rosto de Lota apareceu no nicho ao lado do de Ábaco.

— Protegido por um clérigo corrupto — disse ela, lançando um sorriso para Noodle.

— E quinhentos monges chocólatras — completou Larry, aparecendo ao lado de Lota.

— Isso é bem verdade — refletiu Willy. — Mas eu acabei de dar uma longa e fria nadada. Água fria é muito boa para o cérebro... estimula as vias neurais... e depois de apenas seis quilômetros eu descobri como uma órfã engenhosa, uma encanadora, uma telefonista, um contador e um homem que sabe falar debaixo da água poderiam combinar suas habilidades e operar um **MILAGRE**.

— Sr. Wonka — disse Ábaco. — Isso seria excepcionalmente complicado. Esqueceu que há uma senha para entrar no cofre?

— Sim, uma senha de nove dígitos, que muda todo dia — murmurou Willy, sua atenção fixa no cadeado. Ele começou a bater nele. — Acho que sei como descobrir a senha.

— Sério?! — exclamou Piper. — Desembucha, então!

— Bem — falou Willy, fazendo uma pausa na tarefa de golpear o cadeado e **RELANCEANDO** ao redor para verificar se todos conseguiam ouvir. Ele reduziu a voz a um sussurro. — Quando a peruca de Prodnose caiu na Galeria Gourmet, eu notei três números escritos na parte interna. Não dei bola na hora. Mas então, ontem à noite, quando Fickelgruber tentou me subornar, eu vi que ele tinha três números escritos na sola do sapato dele. Eu apostaria qualquer coisa que é onde eles guardam a parte deles da senha!

— Até que você *pode* estar no caminho certo — disse Piper.

— Com isso falta Slugworth — apontou Noodle.

— Não vai me dizer que ele é tonto a ponto de anotar por escrito uma coisa tão importante — disse Ábaco.

— Não — respondeu Willy. — Eu notei que o relógio dele estava quebrado no dia em que o conheci. Achei estranho que um homem rico usasse um relógio quebrado. E ele continuava quebrado ontem à noite. Mas informava uma *hora diferente!*

— Por que alguém mudaria a hora de um relógio quebrado? — perguntou Lota lentamente.

Os olhos de Noodle se **ARREGALARAM**.

— Porque é onde ele guarda a parte dele da senha!

— Exatamente, Noodle! — exclamou Willy bem quando o cadeado enfim arrebitou e o viveiro se abriu.

— Só tem um problema — disse Ábaco. — Mesmo que você consiga colocar as mãos naquele livro contábil, o cartel vai simplesmente usar o dinheiro que tem para se livrar das acusações.

— É como o mundo funciona — falou Noodle com um suspiro.

— Você tem razão, Noodle — concordou Willy. — Odeio admitir, mas você tem razão. E é por isso que só há uma coisa a fazer.

— O quê? — perguntou Noodle.

Os olhos de Willy **BRILHARAM** de travessura.

— Mudar o mundo.



CAPÍTULO VINTE

TRÊS CARTAS

Um garoto entregador pedalava pelas ruas da cidade com um saco embolotado cheio de cartas. No topo da pilha havia três cartas muito **ESPECIAIS** de fato.

A primeira era para Arthur Slugworth, e quando o garoto parou derrapando em frente a Galeria Gourmet, ele se apressou imediatamente para o escritório de Slugworth e entregou-a para a Srta. Bom-Bom. Seus olhos praticamente saltaram para fora das órbitas quando ela viu o selo na carta, e ela correu o mais rápido que pôde, escancarando a porta de Slugworth.

— Srta. Bom-Bom! — exclamou ele. — Não sabe bater?!

Ele estava deitado de rosto para baixo numa mesa de massagem enquanto um massagista socava suas costas.

A Srta. Bom-Bom segurou a carta debaixo do rosto dele. Estava carimbada com um *W* dourado e **SEDUTORAMENTE** floreado.

Ele se levantou num pulo e rasgou o envelope com raiva, os olhos indo de um lado para o outro com rapidez enquanto ele devorava a carta com velocidade furiosa.

Caro Sr. Slugworth. Ontem à noite o senhor me ofereceu um acordo que eu decidi recusar.

Eu estou, no entanto, pronto para lhe fazer uma nova proposta. Eu trabalharei para o senhor, e somente para o senhor. Com seu faro para negócios e meu talento, nós poderíamos levar os outros dois integrantes do seu suposto “cartel” à falência e dividir os lucros por dois em vez de por três.

Mais à frente na rua, o entregador já estava na sua próxima parada: o alfaiate. Ele catou a carta da pilha, dobrou as beiradas, a deixando no formato de um avião de

papel. Então, com precisão impressionante, ele atirou-a pela janela do alfaiate. Acertou Fickelgruber em cheio no nariz.

— Estou tirando as medidas para um terno, seu pé-rapado! — exclamou Fickelgruber para o garoto. Ele fez que ia jogar a carta fora, mas algo chamou sua atenção. Um *W* cor de ouro **OFUSCANTE**.

A mensagem do lado de dentro, por mais que ele não soubesse, era idêntica à que Slugworth recebera.

Trabalharei para o senhor, e somente para o senhor...

A última carta era para Prodnose, mas quando o entregador chegou à sua residência, ninguém atendeu à porta. Ele fez uma pausa, procurando uma janela aberta por onde jogar a carta, mas quando percebeu que não havia nenhuma, ele amassou a carta numa bola e lhe deu um grande chute para que ela voasse por cima do telhado e caísse direto na chaminé! Ela desceu perfeitamente, aterrissando na lareira do quarto do andar de cima, onde Prodnose por acaso estava se **REGALANDO** num banho de espuma vespertino.

Ele ergueu uma das mãos ensaboadas e pegou a carta.

Trabalharei para o senhor, e somente para o senhor...

— Ora, gostei disso! — disse Prodnose.

Se desejar discutir os termos, vá à banca de jornal de Heimlich às 8h15.

Mas era aí que as cartas se diferenciavam. Apesar de Prodnose ter sido instruído a ir à banca de jornal, Fickelgruber foi orientado a seguir para a banca de engraxamento, e Slugworth à antiga escola.

Na mesma hora, Prodnose se ergueu num pulo de sua banheira, Fickelgruber empurrou o alfaiate para longe e Slugworth gritou:

— Srta. Bom-Bom, busque a minha arma!

Na cabana de segurança do zoológico, o guarda dormia, tendo acabado de consumir outro Festachoc.

— **INACREDITÁVEL!** — disse Ábaco, observando o homem inconsciente.

— Não é? — refletiu Willy. Ele pegou as chaves da caminhonete, e os dois correram para dentro do zoológico e encontraram Abigail.

— É uma girafa, Sr. Wonka! — exclamou Ábaco. — Nós viemos buscar UMA GIRAFA?

— Bom dia, Abigail — disse Willy. — O que acha de ganhar mais algumas balas de acácia? — Ele gesticulou para a van caquética do zoológico estacionada ao lado da entrada. — Vai envolver um pequeno passeio *do lado de fora* da sua jaula, mas eu garanto que é bem seguro. Nada além de uma leve travessura.

Do outro lado da cidade, Lota entrou de fininho na central telefônica e esperou. Nesse meio-tempo, Noodle vestira um xale e corria atrás do padre. Ela se apressou até ele e puxou seu casaco.

— Não poderia ceder um pedaço de chocolate a uma órfã faminta? — perguntou ela com a voz rouca enquanto **SORRATEIRAMENTE** enfiava algo no bolso dele.

— Sinto muito, minha criança. Não tenho nenhum chocolate comigo — disse o padre.

— DEIXA PRA LÁ! — exclamou Noodle, e, para grande espanto do padre, a estranha garota saiu saltitando pela rua como se algo **MARAVILHOSO** tivesse acabado de acontecer! Ele não soube o que pensar da cena incomum, mas isso era porque ele não tinha olhado dentro do bolso...



CAPÍTULO VINTE E UM

DESVENDANDO A SENHA

Prodnose chegou pontualmente à banca de jornal, seus olhos investigando avidamente a multidão em busca de Willy. Ele estava tão absorto em sua busca que não notou o palhaço se aproximando **DESENGONÇADAMENTE** pelas suas costas com uma buzina.

— Lá vamos nós — sussurrou Larry com nervosismo. Ele apertou a buzina o mais alto que conseguiu; mas se deixou levar pelo nervosismo e, em vez de uma ou duas buzinas, ele simplesmente continuou buzinando! *FÓN FÓN FÓN FÓN FÓN FÓN FÓN*.

Prodnose se virou e, ao fazer isso, Larry fez outro grande *FÓOOOON*, que provocou uma rajada de ar tão forte que derrubou a peruca de Prodnose de uma vez só.

— Ei! — exclamou Prodnose. — O que pensa que está fazendo?

Ele se abaixou para catar o cabelo, mas Larry chegou primeiro e virou a esquina em disparada com a peruca.

— Volte aqui com o meu gato... quer dizer, meu cabelo! — gritou Prodnose, e disparou atrás dele.

Larry parou e virou a peruca, com as mãos trêmulas. Do lado interno, bem como Willy dissera, ele encontrou os números de que precisavam: 642. Ele os **MEMORIZOU**, então se virou de volta para Prodnose.

— Ei, amigo — disse Larry. — Bota uma coleira nesse negócio!

Prodnose tentou puxar a peruca de volta, mas Larry segurou-a e sussurrou:

— Willy Wonka disse para se encontrar com ele na antiga mina de cobre. — Então se misturou à multidão.

Não muito longe dali, Fickelgruber chegava à banca de engraxamento e olhava ao redor com expectativa. Ele torceu o nariz de nojo ao ver as pessoas encardidas de

joelhos **ENGRAXANDO** sapatos.

Piper ergueu o olhar e lançou um sorriso para ele.

— Engraxadinha, senhor?

Fickelgruber assentiu e se sentou nos degraus, o olhar na multidão em busca de Willy.

— Você por acaso não viu um homem vestido de fraque roxo, viu? — perguntou ele a Piper.

— Não, senhor — respondeu ela, erguendo a sola e registrando os números ali: 273. Então largou a graxa, se levantou e sussurrou: — Willy Wonka disse para se encontrar com ele na antiga mina de cobre.

E, antes que Fickelgruber conseguisse dizer qualquer coisa, ela deu o fora.

Finalmente, Slugworth estava na escola como instruído. Ele ficou do lado de dentro, imóvel e implacável, como uma estátua de um grande deus.

Larry se aproximou imediatamente, **CONFIANTE** de seu último encontro com um chocolateiro, e segurou sua mão.

— Será... o incrivelmente renomado Sr. Slugworth?! Eu quero um daqueles apertos de mão de negócios de triturar os ossos do qual todo mundo fala! — Larry deu risadinhas enquanto investigava o pulso de Slugworth em busca do relógio.

— Cai fora! — gritou Slugworth, puxando a mão de volta com força.

Larry começou a suar frio. Não havia relógio algum.

— Algum problema? — disse Slugworth.

— Hum... não — respondeu Larry. — Eu só estava me perguntando se poderia apertar sua outra mão? — Ele agarrou a outra mão de Slugworth. Também não tinha relógio nenhum ali!

— Dá o fora! — berrou Slugworth, empurrando Larry para fora.

— Willy Wonka disse para se encontrar com ele na antiga mina de cobre — gritou Larry em pânico ao fugir correndo. Ele tropeçou do lado de fora e esbarrou em Piper.

— Conseguiu? — perguntou Piper **ESPERANÇOSAMENTE**.

— Não! — arquejou Larry.

— Como assim, “não”? — exclamou Piper.

Larry estava num frenesi de preocupação.

— Ele não estava de relógio!

Piper avistou Slugworth saindo furiosamente da escola, guardando um relógio no bolso.

— Está numa corrente! Ele está com um relógio de bolso hoje! — exclamou ela.
— Olha!

Larry estapeou a testa.

— Que **SORTE** a minha! O que fazemos?

Sem pensar duas vezes, Piper avançou em direção ao chocolateiro e deu um encontrão nele. Ele deslizou e derrapou, abrindo os braços para se equilibrar.

— O que você está fazendo, sua maldita tola?! — esbravejou ele, a empurrando para fora do caminho. Ele deu uma última olhada na multidão e, aceitando que Willy não estava ali, entrou de volta no carro e saiu em velocidade.

— Bem... — sussurrou Larry ao se aproximar sorrateiramente. — Conseguiu?

Piper ergueu o relógio de bolso e abriu um sorriso convencido. Ela olhou a hora: 8h16.



CAPÍTULO VINTE E DOIS

ABIGAIL ESTÁ À SOLTA

O padre saiu da catedral e congelou. Então esfregou os olhos de incredulidade. Parada no meio da rua e o encarando com avidez havia uma *girafa*!

Infelizmente, esfregar os olhos significou que ele momentaneamente quebrou o contato visual, e isso só **ENCORAJOU** Abigail a se aproximar.

Ela ergueu o nariz no ar e farejou.

— Pronto, pronto. Tranquila. Girafa boazinha — disse o padre com nervosismo, começando a recuar. Bem, Abigail não gostou daquilo. Ela começou a bater o casco contra o chão.

O padre suava agora, o corpo inteiro tremendo de medo. Até seu rosto e suas bochechas **TREMIAM** como um pudim.

— Salve-se quem puder! — gritou ele ao se jogar para dentro da catedral e bater a porta. Ele disparou pelo corredor, passando por devotos em reza silenciosa e por alguns monges muitos confusos. — Levantem-se! Rápido! É uma... É a... a... DO PESCOÇO!

Ele estava tão agitado que esquecera a palavra “girafa”. Então Abigail derrubou a porta e entrou galopando pelo corredor atrás dele. A congregação explodiu em pânico. Coisas voavam por todo lado — bolsas, sapatos, chapéus —, e todos gritavam conforme o barulho de cascos estrondosos se erguia até as vigas do teto. O padre subiu tropeçando pela escada, entrou no púlpito e pegou um telefone escondido embaixo do atril.

— O que eu fiz para merecer isso? — choramingou ele para si mesmo ao apertar os números. *Você sabe o que fez, Julius. Vendeu sua alma por vinte pedaços de chocolate!* — Telefonista? Telefonista?

— Alô, telefonista! — veio a voz de Lota. — Como posso direcionar sua ligação?

— Eu preciso do zoológico! É uma emergência! — disse o padre.

— Transferindo agora — falou Lota com confiança. — Fique no aguardo!

Houve um clique, e o telefone de uma cabine telefônica por perto tocou.

Larry **ESTALOU** os dedos, então pegou o fone, enquanto Willy, Noodle, Ábaco e Piper esperavam ao redor dele, se entreolhando com nervosismo.

— Alô, zoológico? — mentiu Larry.

O resto do grupo fez sons de animais.

— Silêncio, seus animais — disse Larry, tentando não rir. — Você também, polvo — acrescentou ele, fazendo uma voz de debaixo da água.

— VOCÊS PERDERAM UMA GIRAFA? — gritou o padre.

— Ah, sim, acho que perdemos mesmo uma girafa — disse Larry. — Bem, não é incomum de acontecer, não é?

Os outros conseguiam ouvir os gritos exasperados do padre pelo telefone.

— Sim, muito comum, foi o que eu disse — confirmou Larry, sua voz falhando de rir.

Os gritos do padre se tornaram **AGUDOS**.

— Tá bom, tá bom! — disse Larry. — Vou mandar a equipe aí buscar a girafa. Só aguento firme.

De volta à catedral, o padre desligou o telefone e soltou um suspiro de alívio. Mas a sensação não durou muito; ele sentiu uma rajada de hálito quente no pescoço. Ao se virar lentamente, viu dois olhos enormes e esfomeados olhando para ele de cima. Abigail começou a farejar e o padre a choramingar. Ela cheirou seu rosto e pescoço, os bigodes raspando na garganta dele e o fazendo estremecer. Então, de repente, ela enfiou a cabeça dentro do bolso dele! Um som de algo se quebrando fez o padre se sobressaltar de surpresa. Quando ele olhou para baixo, não conseguiu acreditar no que via. Seu bolso estava cheio de doces nodosos verde **VIVO!** Por algum milagre terrível, seus bolsos tinham sido enchidos de balas! Balas que agora estavam sendo aniquiladas por uma girafa muito animada!

Ele era jogado de um lado para o outro enquanto Abigail tentava afundar o nariz ainda mais no bolso dele. Ele tensionou e girou, puxando os braços para fora da túnica, que caiu no chão enquanto ele pulava por cima do púlpito em busca de segurança.

Então de repente um *bipe* soou do lado de fora e a caminhonete do zoológico entrou derrubando a porta, **ATIRANDO** para os lados o restante da congregação em fuga e parando derrapando no meio da catedral.

Ábaco, Piper e Larry pularam para fora.

— É melhor sair agora — disse Ábaco para o padre. — Mais seguro.

O padre não precisou ouvir duas vezes. Ele correu o mais rápido que pôde pelas portas da catedral e não olhou para trás.

Willy estava encolhido nos fundos da van, coberto de palha cheirando a girafa molhada. Noodle estava ao seu lado, sentada com os joelhos colados ao queixo e respirando só pela boca para evitar o cheiro. Uma **EMPOLGAÇÃO** nervosa borbulhou no estômago de Willy ao pensar no plano dando certo.

Piper escancarou a porta.

— A barra está limpa — disse ela. — Vamos lá!

Willy e Noodle pularam para fora da palha e seguiram para o confessionário. Willy se espremeu para dentro primeiro, enquanto Ábaco ocupava o lado do padre. Piper entregou as senhas a Noodle, que também se espremeu para dentro; mal havia espaço para os dois.

Todos ficaram em silêncio enquanto um nervosismo contagiante se espalhava pelo grupo. Ábaco deu um aceno de cabeça **SOLIDÁRIO**, então puxou a alavanca. Um zumbido soou e a cabine do confessionário começou a sacudir e se mexer e logo começou a descer para as profundezas subterrâneas.

— Lá vamos nós — sussurrou Willy enquanto eles desciam escuridão adentro.



CAPÍTULO VINTE E TRÊS

★ ENGARRAFAMENTO ★ DE FLAMINGOS ★

Plim! Quando as portas do elevador se abriram para a cripta, a segurança-chefe ergueu o olhar com surpresa ao ver... não um visitante, mas uma caixa de chocolates, **EMBRULHADA** com uma fita e posicionada cuidadosamente em um suporte.

Ela entrou no elevador e pegou o cartão preso ao suporte.

Obrigado por todo o seu trabalho pesado, por favor, desfrute desses chocolates de nossa cortesia. Padre Julius e o Cartel de Chocolate.

— Ah, que fofo — disse ela, desembulhando um dos chocolates e colocando na boca. Quase imediatamente, ela estava babando e salivando e **QUICANDO** até o teto.

— Ela está *chorando* agora? — perguntou Noodle de seu esconderijo acima do elevador.

— E finalmente — disse Willy. Ele virou a mão. *Pou.* — **EXAUSTÃO PÓS-FESTA.**

No meio-tempo, do outro lado da cidade, a limusine de Slugworth avançava lentamente por um bando de flamingos bloqueando a rua.

— Desculpe por isso, senhor — falou o motorista de Slugworth. — Mas uma van de entrega de camarões bateu e derrubou a carga por tudo que é canto, e você sabe como flamingos são.

— Bem, se apresse, ok? — disse Slugworth. — Tique-taque, tique-taque.

Ele enfiou a mão no bolso para pegar o relógio e levou o maior susto quando não encontrou nada além de... bolso!

A veia de sua testa começou a saltar, seu olhar furioso disparando de um lado para o outro ao repassar sua memória recente.

— Aquela mulher! — gritou ele de repente, lembrando de sua colisão com Piper. Ele pegou o telefone do carro e discou.

— Padre. Tudo bem por aí? — perguntou com urgência.

— Ah sim, Sr. Slugworth, tudo **BELEZINHA** — disse o padre. — Pelo menos agora!

— Como assim, *agora*? — pressionou Slugworth.

— Ah, tinha uma girafa aqui dentro mais cedo — disse o padre.

Slugworth se virou e viu um flamingo bicando agressivamente sua janela.

— Desculpe, a ligação está ruim... uma o quê? Parece que o senhor disse girafa, mas não pode ser is...

— Sim! — interrompeu o padre. — Uma girafa! Do zoológico! Tivemos que esvaziar o lugar por uns vinte minutos, mas tudo voltou ao normal agora.

Slugworth desligou e ligou para Fickelgruber e Prodnose em seu telefone especial do cartel. Era uma linha direta para todos os integrantes, ao mesmo tempo.

— Cavalheiros — disse Slugworth. — Onde vocês estão?

— Indo ver o alfaiate — mentiu Fickelgruber.

— Eu estou... só tomando um banho de banheira — guinchou Prodnose. — Estou, sim!

A linha ficou **SILENCIOSA** antes que Slugworth dissesse fracamente:

— No seu carro?

— É uma... banheira de carro? — guinchou Prodnose. — Por que, você não tem uma?

Slugworth ficou sem se mexer enquanto escutava o telefone. Bicadas nas janelas... os mesmos grasnidos e sons de **ASAS...**

— Alô? — disse Fickelgruber e Prodnose de imediato.

— Ainda estou aqui — falou Slugworth. — E vocês também... estamos presos num engarrafamento de flamingos. Vocês estão indo ver Wonka. Todos nós estamos. Só que ele não estará lá.

— Por quê? Onde ele está? — perguntou Fickelgruber.

— Na cripta — disse Slugworth, uma raiva intensa o consumindo. — *Nos roubando.*



CAPÍTULO VINTE E QUATRO

O COFRE E A VERDADE

Willy e Noodle pararam ao lado da porta de aço **GIGANTESCA** do cofre. Havia três mostradores codificados individuais, um com o nome de cada chocolateiro.

Noodle ergueu os três papéis de Piper. Ela os leu lenta e cuidadosamente, de forma que Willy não cometesse um erro.

— Seis, quatro, dois — disse ela. — Dois, sete, três, nove, um, oito.

Willy discou o segredo, respirou fundo e então, juntos, eles puxaram a enorme roda do mostrador, tentando abri-la.

— Um, dois... — sussurrou Willy — tr...

A trava não cedeu.

— A senha está errada! — exclamou Noodle. — Não funcionou!

Willy murchou. Eles estavam a centímetros da última parte do plano, mas sem a senha, era como se estivessem de volta à estaca zero.

— Ah! — disse Noodle, fazendo Willy **PULAR**. — Espera um segundo...

— O que foi, Noodle? — perguntou ele esperançosamente, então viu o que ela estava fazendo. Ela estava girando o último papel.

— Talvez estivesse de cabeça para baixo — disse ela. — Tenta oito, um, seis.

CLANQUE!

— Noodle! — exclamou Willy, olhando para ela com **ADMIRAÇÃO** enquanto abria a porta pesada, revelando um covil secreto repleto de canos e válvulas e controles estranhos e maquinário barulhento. — Muito bem, você passou no teste.

— Que teste? — perguntou Noodle.

— O teste do número de cabeça para baixo — respondeu Willy.

— Não era um teste.

— É claro que era um teste. Agora — disse ele, esquadrinhando o cômodo com

os olhos. — Vamos encontrar aquele livro contábil.

Eles correram para dentro do covil, esvaziando gavetas e revirando pilhas de papel. Eles procuraram embaixo de cadeiras e embaixo de tapetes. Eles procuraram por todo lugar.

— Alguma coisa? — perguntou Willy.

Noodle jogou algumas caixas de chocolate no chão com frustração.

— Nada!

— Bem, continue procurando — pediu Willy. — Está aqui, tem que estar.

Noodle se jogou numa cadeira.

— Não está aqui, Willy.

— Tem que estar. Ábaco nos disse...

— Ábaco passou os últimos quatro anos da vida na lavanderia — lembrou Noodle. — Quem sabe eles tenham mudado as coisas. Quem sabe toda aquela esfregação tenha afetado a cabeça dele. Só o que tem aqui embaixo é um monte de chocolate idiota e sem graça! — Ela pegou uma caixa dos chocolates de Slugworth e a jogou, com força. Os chocolates saíram **VOANDO** pela sala, a caixa atingiu um azulejo na parede, e um estranho *clique* soou. Então, o azulejo fez uma coisa incrível. Ele se abriu como se fosse uma tampa, revelando um compartimento escondido atrás dele!

Lá dentro havia um livro **GROSSO** com capa de couro verde.

— O livro contábil verde! — comemorou Willy, o agarrando e o erguendo no ar. — Você quase me enganou por um instante, Noodle. Mas você sabia onde estava desde o começo!

— Não sabia não, eu só...

De repente, eles ouviram um *POU*. Willy se virou e viu Slugworth armado, bloqueando a única saída. Fickelgruber e Prodnose estavam parados presunçosamente ao lado dele.

— Ai, ai, ai, que feio, Sr. Wonka — rosnou Slugworth. — Você nos causou um bocado de problemas, você e a sua ladrazinha.

— Mas ela não é uma simples ladrazinha, é? — disse Willy, dando um passo corajoso à frente, ansioso pela chance de conseguir algumas respostas. — Vocês são família.

— O quê? — perguntou Noodle. — Do que você está falando, Willy?

— Sabe aquele anel? — disse ele, gentilmente. — O que você ganhou dos seus pais? Bem, o Sr. Slugworth tem um igualzinho, não tem, Sr. Slugworth?

Slugworth **ESTREITOU** os olhos para Willy enquanto Noodle tirava o anel do pescoço.

— Aquele anel era do meu irmão — revelou Slugworth, seus olhos ainda fixos em Willy. — O nome dele era Zebedee.

Noodle baixou o olhar para o colar e sussurrou:

— Ele era o meu pai?

— Um romântico incurável, é o que ele era! — cuspiu Slugworth. — Ele se apaixonou por uma ratinha de biblioteca qualquer, mas morreu antes de conseguirem se casar, me deixando como único herdeiro da fortuna da família. Ou foi o que eu pensei. Então eu soube que *você* nasceria, outra herdeira com direito ao *meu* dinheiro. Mas por pura **SORTE**, pouco tempo depois de você nascer, sua mãe apareceu na minha porta, me implorando para arrumar um médico para sua pequena recém-nascida enferma... Eu disse para deixar a criança comigo; eu poderia ajudar.

Willy se aproximou de Noodle, preocupado com a amiga. Ela não parecia ter registrado a notícia; continuava sem expressão, o rosto neutro e indecifrável. Mas então a mão que segurava o anel começou a tremer.

— É lógico que eu tinha outros planos — disse Slugworth com um sorriso perverso.

— Você não me levou para um médico — afirmou Noodle. — Você me levou para a Alva & Escovão.

— E lá foi você pelo duto de roupa suja! — Slugworth deu uma risada. — Para uma vidinha infeliz!

— Não é N de Noodle — disse ela ao mexer no anel. — É Z de Zebedee.

— É a história mais cruel que eu já ouvi! — exclamou Willy, incrédulo. — E que mentira você contou para a mãe dela para encobrir seus rastros?

— Ah, eu falei que o bebê tinha morrido — disse Slugworth com desdém. — Eu dei um saco de soberanos para ela e mandei-a de volta para o lugar de onde viera. Ela ficou inconsolável, mas acreditou em mim.

Willy virou sua atenção para o maciço livro contábil verde, o **FOLHEANDO** o mais rápido possível.

— Para onde você a mandou de volta, Slugworth? — perguntou Noodle, com a voz aflita. — Talvez ela ainda esteja por aí! Qual é o nome dela?

— Uuh — disse Slugworth, dando batidinhas no queixo. — Vejamos, qual era... hum... não, acho que não me lembro. Você precisa entender, ela era muito pobre.

Fickelgruber teve ânsia de vômito ao ouvir a palavra.

— Desculpe, Felix — disse Slugworth.

Willy parou de folhear as páginas do livro contábil e ergueu o olhar, seu estômago dando **CAMBALHOTAS**.

— Encontrei — disse ele. — Noodle, ela se chamava Dorothy Smith.

Noodle encarou Willy com incredulidade.

— Você a encontrou?

— Olha — mostrou Willy, apontando para uma entrada no livro. — Ela está bem aqui.

Noodle leu o livro, então ergueu a cabeça subitamente.

— Calma, Willy, como você leu isso?

— Acho que você conseguiu mesmo me ensinar a ler — disse ele com um sorriso.

— Bem, isso tudo é muito tocante — falou Slugworth. — Mas eu tenho um presente para vocês.

Fickelgruber arrancou o livro de Willy.

— Que presente? — perguntou Noodle.

Slugworth fixou um **SORRISINHO** sinistro nela.

— MORTE POR CHOCOLATE! — rosnou ele.



CAPÍTULO VINTE E CINCO

MORTE POR CHOCOLATE

O cartel levou Noodle e Willy por uma porta de aço com uma pequena janelinha no extremo oposto do covil. No interior, um tanque enorme cheio de chocolate borbulhava diante deles, parecendo uma enorme — e muito mortal — tigela de **BATER** bolo. Lâminas zuniam e cortavam furiosamente a mistura.

Fickelgruber puxou uma alavanca e, para o grande alívio de Willy, as lâminas pararam. Mas seu alívio durou pouco.

— Podem ir entrando — disse Slugworth, dando empurrõezinhos nos dois para o topo da lâmina que se estendia à frente deles. Ele fez um gesto indicando a lâmina até o meio do tanque, onde havia uma ilhazinha de metal; a placa que mantinha as lâminas no lugar.

— Considerando a situação — falou Willy enquanto seguia até o meio do tanque —, eu gostaria de saber se os cavalheiros fariam uma boa ação em meu nome?

— Uma o quê? — cuspiu Fickelgruber.

— Uma boa ação — explicou Prodnose para ele — é um tipo de ato altruísta sem sentido.

— É claro, Sr. Wonka — disse Slugworth **DEPRESSA**, evidentemente ansioso para acelerar as coisas. — O que o senhor quer que nós façamos?

Willy enfiou a mão na cartola e tirou um pote de chocolate.

— Gostaria de saber se poderiam entregar isso a alguém... só se por acaso o virem, entende.

— Quem? — perguntou Slugworth.

— Um homenzinho laranja, mais ou menos dessa altura. — Willy estendeu a mão na altura do joelho. — E ele tem cabelo verde.

— Hein? — disse Slugworth.

— Eu devo um pote de chocolate a ele — explicou Willy. — E, bem, acho que talvez esses sejam os melhores que eu já fiz.

Ele **SACUDIU** o pote. Dentro havia chocolates no formato de Aerochocs, só que esses eram listrados num tom vívido de roxo, verde e azul. Willy jogou os chocolates para o cartel, e Slugworth pegou o pote no ar.

— Certo. Claro, vou me certificar de que ele receba — disse ele com desdém. — *Agora continue andando.*

Willy e Noodle não tinham opção. Eles seguiram lentamente pela lâmina perigosa até a ilhazinha. Fickelgruber puxou a alavanca de novo, e a enorme lâmina voltou a se mexer, os prendendo ali.

Willy e Noodle observaram com pavor enquanto os chocolateiros saíam da sala, selando a porta ao passar. Atrás da janelinha, os homens pararam numa parede de válvulas do covil, abrindo-as uma por uma. Imediatamente, chocolate começou a jorrar dos três canos que margeavam o tanque, esguichando feito cachoeiras **ESTRONDOSAS**; uma de cada fábrica de chocolate. O nível se elevou depressa e logo o líquido começou a espirrar em seus sapatos.

Willy engoliu em seco. Em segundos, eles foram erguidos pelo líquido, subindo em direção ao teto do tanque. Mas a força das lâminas os puxava para baixo, para as profundezas do chocolate.

Eles observaram desoladamente enquanto os chocolateiros recuavam mais para dentro do covil, e viram Fickelgruber devolver o livro contábil ao compartimento secreto.

— Willy! — gritou Noodle quando o chocolate chegou à altura de suas barrigas. — Comece a bater os pés. Precisamos nos manter na superfície.

Noodle tinha razão, se as lâminas os arrastassem para baixo, eles seriam batidos em pedacinhos. Mas o teto do tanque estava se aproximando, e uma vez que chegassem ao topo, eles certamente se afogariam.

Mas Willy tinha outras coisas na cabeça com que se preocupar. Ele começou a tirar frascos de ingredientes dos bolsos e a derramá-los **ALEATORIAMENTE** na mistura.

— O que você está fazendo? — exclamou Noodle.

— Se vamos morrer em chocolate, Noodle — disse ele. — Então será em chocolate Wonka.

★ ★ ★

PLIM! O elevador subiu de volta à catedral e o cartel saiu. Slugworth olhou o pote de chocolates de Wonka.

— Os melhores que ele já fez, é? — Então pegou um punhado e enfiou na boca. Os outros fizeram o mesmo.

— Agora, hum, cavalheiros — disse o padre ao aparecer atrás deles. — Nós escapamos por pouco hoje, e eu estava pensando se deveríamos repensar nosso combinado, ou...

Slugworth jogou nele o pote com os últimos chocolates, e o rosto do homem se iluminou.

— Ou só deixar as coisas como estão! — completou o padre, lambendo os lábios.

— Aquele Wonka podia ser **LELÉ** da cuca — disse Slugworth enquanto o cartel seguia para a porta. — Mas com certeza sabia fazer chocolate.

— Você acha que deveríamos ter guardado um pouco para o homenzinho laranja de cabelo verde? — perguntou Prodnose.

— Me diga que você está brincando — disse Fickelgruber.

— É óbvio que estou! — exclamou Prodnose antes de perguntar: — Por que eu estou brincando?

— Porque não existe nenhum homenzinho desse tipo, seu pateta! — esbravejou Slugworth.

— Eu já sabia! — disse Prodnose com indignação. — Mas por que ele disse que existia...?

★ ★ ★

De volta ao tanque, as cabeças de Willy e Noodle boiavam perigosamente perto do teto do tanque. O chocolate **ESPIRRAVA** dentro da boca deles, e Willy sabia que faltavam meros segundos até que estivessem totalmente submersas. Bem acima deles, eles avistaram uma janelinha redonda.

— Socorro! Socorro! Socorro! — gritaram eles sem parar, batendo desesperadamente no vidro. De repente, sombras flutuaram acima deles.

— Pessoas! — disse Noodle, cuspiendo chocolate. — É a catedral ali em cima. Eles nos ouviram!

Mas então as sombras se aproximaram e seus rostos ficaram nítidos.

— Ah, *eles* não — exclamou Willy enquanto Slugworth, Fickelgruber e Prodnose sorriam de cima para os dois. Aqueles **SORRISOS** presunçosos foram a última coisa que Willy e Noodle viram antes que o chocolate inundasse seus rostos e o mundo desaparecesse.



CAPÍTULO VINTE E SEIS

UMPA-LUMPA EM UM ELEVADOR

O padre se encolheu no confessionário, devorando os últimos chocolates, murmurando cheio de culpa para si mesmo.

— Você precisa se controlar — sussurrou ele. — **SINCERAMENTE**, pare de se preocupar com esses delitos tão pequenos; não é como se alguém fosse aparecer para punir você. É só chocolate.

— Correção — soou um rosnado, e o padre baixou o olhar para a origem do som, bem ao lado de seus sapatos. — É o *meu* chocolate — disse o Umpa-Lumpa. — Imagine minha **SURPRESA** quando eu segui o cheiro e ele me trouxe até *ocê*. COMENDO MEUS CHOCOLATES!

O padre desmaiou na mesma hora, e o pote vazio caiu nos braços do Umpa-Lumpa. Seu rosto ficou muito sério.

— Você rouba de um Umpa-Lumpa, nós pegamos de volta vezes mil! — esbravejou ele, então parou e farejou o ar. Chocolate, muito chocolate... Ele farejou de novo. No subsolo! A compensação perfeita. Ele avistou a alavanquinha ao lado do padre e puxou-a para baixo. Para sua grande surpresa, o confessionário começou a se mexer...

Quando a porta do elevador se abriu dentro da cripta, o Umpa-Lumpa puxou uma corda na sua lateral e um par de asas mecânicas se desenrolou de sua jaqueta. Ele decolou, planando pelo cofre, seguindo seu nariz por todo o caminho até o tanque de chocolate. Ele pairou na janelinha e observou o chocolate sendo batido. Mas então uma coisa chocante chamou sua atenção; uma cartola familiar **RODOPIANDO** na mistura. Ele arquejou quando entendeu, e rápido como um raio, disparou para a parede de válvulas e controles onde avistara uma alavanca

identificada como *DRENAGEM DE EMERGÊNCIA*. Ele a puxou, e na mesma hora o tanque começou a gorgolejar e borbulhar, e para a grande satisfação do Umpa-Lumpa, as lâminas pararam de bater e o nível começou a baixar. O Umpa-Lumpa roeu as unhas, estremecendo enquanto esperava para ver o que sobrara de Willy Wonka ao final de tudo.

Centímetro por centímetro, o chocolate se esvaziou do tanque. Estava tão quieto, tão parado, tão sem vida ali embaixo.

Então, de repente, Willy e Noodle romperam a superfície, tossindo e engasgando e tomando grandes goladas de ar.

— Estamos vivos! — exclamou Noodle, dando um abraço em Willy antes de sacudir um pouco de chocolate para fora do ouvido.

Willy mal conseguia acreditar. Ele estava tão feliz que começou a dar cambalhotas, girando e girando no vórtex de chocolate que escoava do tanque. Logo ele estava quase vazio, com apenas algumas poças de chocolate restantes no fundo.

— Nós fomos **SALVOS!** — comemorou Noodle, chapinhando alegremente pelo pouco chocolate que restava. — Quem nos salvou?

Willy olhou para cima e avistou uma pequena figura na janelinha.

— A-há! — disse ele, dando um aceno de cabeça **AGRADECIDO** ao amigo.
— Foi o homenzinho laranja de cabelo verde, Noodle.

— Estou falando sério, Willy — comentou Noodle.

— Eu também! — respondeu Willy. — Ele está bem ali.

Mas quando Noodle ergueu o olhar, o Umpa-Lumpa tinha sumido.



CAPÍTULO VINTE E SETE

O POTE VAZIO

O cartel emergiu da catedral bem na hora em que o Chefe virava desajeitadamente a esquina, acompanhado de Gentil e de dois policiais assistentes. Comer 1800 caixas de chocolate realmente cobrara seu preço. Seu rosto estava cinza e sujo de chocolate, seus olhos tão pesados quanto seu passo. Ele parou **BUFANDO** e exclamou:

— Cavalheiros! Ainda bem que estão bem! Vim o mais rápido que pude. Um roubo, os senhores disseram?

— Não se preocupe, Chefe. Está tudo sob controle. Uma dupla de ladrões invadiu, mas sinto dizer que eles sofreram um pequeno acidente — disse Slugworth sinistramente.

— No qual eles morreram — explicou Prodnose.

O cartel riu.

— Qual é a grande **PIADA?** — veio uma voz, e todos se viraram com horror e avistaram Willy parado nos degraus da catedral com Noodle, pingando chocolate e vivos pra dedéu.

— Wonka! — esbravejou Slugworth. — Você deveria estar mor... — Ele parou ao ver o que havia na mão de Noodle, então começou a tremer.

— Guarda — disse Willy, chamando Guarda Gentil. — Poderia, por favor, dar uma olhada nisso?

Noodle lhe entregou o livro contábil verde.

— Isso detalha cada um dos pagamentos ilegais já feitos por esses — explicou Noodle, lançando um sorriso satisfeito para o cartel. — Milhares deles.

Atrás deles, o padre deu um passo para o lado e desapareceu.

— Não dê ouvidos a ela, Gentil — exclamou o Chefe. — Ela está mentindo!

— Bem, é lógico que está! — cuspiu Slugworth.

O Guarda Gentil abriu o livro contábil, e seus olhos se arregalaram ao virar as páginas.

— Ela não está, senhor — disse ele. — Ela tem toda razão, é... **INCRÍVEL**.

Gotas de suor começaram a se formar na testa do Chefe. Ele mudou de estratégia.

— Ah. Bem. Então parece um trabalho para o Chefe de Polícia. Me dê isso, Gentil. Eu assumo a partir daqui.

Mas quando o Chefe tentou pegar o livro contábil, o Guarda Gentil o segurou com firmeza.

— Sinto dizer que não posso deixar que o pegue, senhor — disse ele.

— E por que motivo? — perguntou o Chefe enquanto ele lançava olhares nervosos para Slugworth.

— Seu nome também aparece aqui, Chefe — disse Guarda Gentil. — E bastante. O Chefe caiu de joelhos.

— Maldita gula por **DOCES!** — guinchou ele.

Era uma confissão boa o suficiente, e com um aceno de cabeça do Guarda Gentil, os outros policiais avançaram para prender o cartel e o Chefe.

— Tudo bem, eu confesso. Eu sou fraco. Eu viro a casaca — choramingou o Chefe. — Eu dou nomes. Quer dizer, você sabe o nome deles, mas eu os dou de qualquer maneira. Eu só peço um pouquinho de chocolate...

— Cavalheiros? — disse Slugworth, sentindo que era o fim da linha. — Corram!

Eles dispararam pela praça, mas antes que conseguissem se afastar muito, algo incrível aconteceu. Seus pés se ergueram do chão e eles flutuaram para o céu!

— Ah, não! De novo não! — lamentou Slugworth.

— O senhor não comeu nenhum daqueles chocolates, comeu, Sr. Slugworth? —

exclamou Willy para eles enquanto subiam **MAIS** e **MAIS** alto.

Slugworth esgarçou os dentes, enfurecido.

— Por quê?

— Porque eles eram Aerochocs — gritou Willy. — Minha nova versão de efeito atrasado. E extraforte. Pela velocidade que estão indo, eu diria que vocês comeram um monte!

Slugworth se agarrou a um jato de água congelada que se projetava da fonte, então Fickelgruber agarrou o sapato de Slugworth e Prodnose agarrou o tornozelo de Fickelgruber. Lá estavam eles, o formidável Cartel de Chocolate, uma organizada cordinha de bandeiras criminosas no céu.

— Você se acha muito **ESPERTO**, não acha? — gritou Slugworth para Willy. — Bem, tem um bilhão de soberanos em chocolate embaixo dos nossos pés. Vamos contratar os melhores advogados, subornar o juiz, manipular o júri se assim for preciso. Nós ficaremos *bem*.

— Queria ter pensado nisso — disse Willy, um indício de sorriso aparecendo em seu rosto. — Noodle?

Noodle fez um aceno de cabeça e bateu uma chave-inglesa contra o hidrante. Era a última parte do plano, a parte que todos eles vinham esperando ansiosamente. Bem abaixo, aglomerados pelos canos da cidade, os outros ouviram o sinal de Noodle.

— Agora! — exclamou Piper, e juntos, ela, Ábaco, Lota e Larry começaram a desatarraxar parafusos nos canos.

— O que está fazendo, Wonka? — gritou Slugworth para baixo, a voz carregada de suspeita. — Por que ela bateu naquele hidrante?

Noodle abriu um sorriso meigo para ele enquanto o chão sob seus pés começava a tremer. Telhas deslizaram de telhados, os melões rolaram para fora do carrinho de frutas, e todos da praça pararam e olharam para baixo.

As estalactites de gelo nos canos da fonte começaram a ranger e rachar. A mão de Slugworth deslizou ligeiramente enquanto ele tentava se agarrar com mais **FIRMEZA** à sua estalactite. Então, de repente, houve um som de água correndo e a fonte voltou a ganhar a vida! Só que não era água.

— É chocolate! — gritou Slugworth.

Prodnose arquejou.

— Nosso chocolate!

— Estamos arruinados! — exclamou Fickelgruber.

Imediatamente, a estalactite que Slugworth estava segurando partiu ao meio e os chocolateiros saíram flutuando.

— Arruinados? — exclamou Willy para eles. — Não sei... para mim parece que vocês estão indo para o topo do mundo!

— Com isso ele quer dizer que estamos fisicamente indo para o topo — explicou Prodnose. — Mas financeiramente...

— Ah, cala a boca, Prodnose! — gritou Slugworth.

— Você é um idiota! — acrescentou Fickelgruber.

— Bem, pelo menos eu não passo mal toda vez que alguém menciona os pobres — desdenhou Prodnose, e eles começaram avançar um para cima do outro, chutando e socando enquanto subiam mais e mais no céu. Mas só Willy os observava; o restante das pessoas prestava atenção ao chocolate... alguns lambiam as paredes, outros **MERGULHAVAM** na fonte.

— Não se preocupem, cavalheiros! — exclamou Willy para eles. — Vocês vão descer em algum momento, *eu acho*. Até lá, precisamos descobrir o que fazer com esse chocolate todo. — Ele afundou o dedo na fonte e provou. Ele estremeceu. — Veja, há quem diga que chocolate deveria ser simples, puro, descomplicado... — Ele

começou a tirar frascos do bolso e derramá-los na fonte. — Mas eu gosto de um pouco de complicação, elaboração e inovação... resumindo, de WONKIFICAR.

De repente, o chocolate na fonte começou a borbulhar e assumiu um tom **GLORIOSO** de roxo.

— Senhoras e senhores — disse Willy grandiosamente. — Eu e meus amigos os convidamos a desfrutar do nosso chocolate!

Os funcionários correram para o lado de Willy, e juntos eles observaram o cartel ficar menor e menor no céu, uma massa de homens briguentos **SUBINDO** mais e mais, antes de desaparecer de vista.



CAPÍTULO VINTE E OITO

PRENDAM-NOS

De volta à lavanderia, Dona Alva estava organizando os maços de dinheiro em pilhas e os rotulando.

— Uma boa e velha casa no campo — disse ela, dando uma batidinha numa pilha. — Um barril gigante de água de minhoca, uma calça nova chique...

Mas ela foi interrompida por Escovão, que entrou em **DISPARADA** e fechou apressadamente o ferrolho ao passar.

— É o cartel! — sibilou ele. — Eles se deram mal!

Dona Alva se levantou **DEPRESSA**.

— Bem... nós não fizemos nada! Exceto envenenar todos aqueles chocolates!

Houve uma batida na porta.

— Polícia! — soou um grito, acompanhado de mais batidas.

— Rápido! — exclamou Dona Alva. — Coma as provas!

— Polícia!

— Só um segundo, guarda! — exclamou Dona Alva. — Estou no banheiro...

Eles pegaram a bandeja de estranhos frascos que tinham roubado de Willy e começaram a engolir o que restava.

— Estou quase acabando, guarda! — gritou Dona Alva. — Ah não, ainda tenho mais banheiro para fazer!

— Alva, Escovão, **ABRAM AGORA** ou vamos derrubar esta porta!

E derrubaram mesmo. Mas quando os coitados dos policiais entraram, eles não encontraram dois criminosos, e sim dois montes maciços de cabelos com olhos. Dona Alva tinha longos cabelos azuis até os tornozelos e uma barba azul para combinar, e Escovão tinha cabelo verde, que afastou do rosto inchado para revelar uma pele amarela sarapintada.

Levou um tempo, mas os policiais acabaram encontrando os braços deles e os algemaram. Enquanto faziam isso, Dona Alva se soltou e falou com a voz melosa:

— Um último beijo, meu lorde, antes que sejamos eternamente separados?

— Ah, **POMPONZINHO!** — exclamou Escovão, e eles se beijaram, um último, babado e bichado beijo.



CAPÍTULO VINTE E NOVE

SONHOS E PROMESSAS

Willy se sentou nos degraus da catedral, observando a cidade inteira desfrutando do rico chocolate que fluía da fonte. Ele sentiu uma **TERNURA** envolvê-lo. Era uma sensação que ele não tinha desde que era um garotinho num barquinho...

Ele enfiou a mão no bolso e pegou sua antiga barra de chocolate de aniversário. Finalmente, estava na hora.

Ele respirou fundo e rasgou a embalagem. Mas, para sua grande surpresa, viu um clarão brilhante como **OURO!**

O coração de Willy paralisou. Lentamente, ele tirou o resto da embalagem e ergueu um pedaço de papel dourado na luz. Havia uma mensagem fraca nele. Uma mensagem que agora — graças a Noodle —, ele podia ler.

*O segredo é... o que importa não é o chocolate. São as pessoas com quem você o compartilha!
Com amor, Mamãe.*

Willy passou o dedo sobre as palavras dela, lágrimas molhando suas bochechas. Ele sentia olhos nele, como se a mãe estivesse ali. Ergueu a cabeça esperançosamente... e ali estava ela. Parada na multidão, olhando de volta para ele.

— Você manteve sua palavra — sussurrou ele. — Você está aqui, mamãe.

Ela sorriu para ele com orgulho, então apontou para o chocolate na mão dele. Willy o ergueu no ar com um nó na garganta. Sabia que seria o último chocolate dela que ele jamais comeria, e enquanto as lágrimas caíam, ele quebrou um canto e o jogou na boca.

Sua mãe juntou as mãos com **ALEGRIA**, bem como fizera em todos os aniversários dele, toda vez os dois comiam chocolate juntos. Ele queria chamá-la, abraçá-la e segurá-la para sempre, mas sabia que não podia. Enquanto o chocolate

derretia em sua boca, ela começou a desvanecer, mais e mais suave, mais e mais fraca, então se foi. Mas ela nunca iria embora totalmente, não de verdade. Ele sabia disso agora.

Noodle veio saltitando na direção dele, e Willy secou as lágrimas e partiu um pedaço de chocolate para ela. Ao mastigá-lo, uma expressão de pura alegria se espalhou por seu rosto.

Um por um, o restante dos funcionários da lavanderia se juntava a eles, e Willy entregava um pedaço de chocolate para cada um. Eles comeram a barra toda juntos, todos eles, como uma grande família.

Era exatamente como ele sonhara. Não... era ainda melhor.

— Esse chocolate é realmente o melhor — disse Noodle.

Willy sorriu para a embalagem vazia na mão.

— Queria que ele pudesse durar **PARA SEMPRE.**

Os sinos da catedral soaram.

— Acho que está na hora — disse Willy.

— Na hora do quê? — perguntou Noodle. — O que está havendo?

Os outros funcionários começaram a trocar sorrisinhos e cutucões animados.

— Sabe quantas pessoas chamadas D. Smith moram nessa cidade, Noodle? — perguntou Willy.

— Cento e seis — respondeu Ábaco. — Nós verificamos na lista telefônica.

— Mas por sorte — disse Willy —, você tem uma amiga que trabalha na central telefônica, e ela passou uma tarde inteira telefonando para tudo que é canto... e adivinha só?

— Nós a **ENCONTRAMOS!** — guinchou Lota.

Noodle ficou paralisada de choque.

— Vocês encontraram minha mãe?

— Nenhum de nós se sentiu bem de ir para casa até que você também tivesse uma casa — disse Ábaco.

Willy estendeu o braço.

— Vamos lá, Noodle. Acho que vai gostar de onde estamos indo.



CAPÍTULO TRINTA

Z

— Abiblioteca? — arquejou Noodle. — Mi nha mãe trabalha na biblioteca?

— E mora aqui também — disse Willy. — Numa casa de **IMAGINAÇÃO!** Não é maravilhoso? É exatamente como você sonhou. Um belo prédio antigo cheio de livros.

O lugar era muito grandioso, com janelas que reluziam de forma acolhedora. Era alto também. Ele precisava ser, porque lá dentro abrigava mais personagens, mais cidades e mais criaturas do que Willy jamais vira em suas viagens. E por mais que muitos pensassem nele como um lugar silencioso, na verdade não existia lugar no mundo mais cheio de vida e som.

Noodle abriu a boca para falar, mas nenhuma palavra saiu. Havia uma mulher nos degraus, esperando pacientemente; como se estivesse a vida inteira esperando ali. Ela era alta, como a própria biblioteca, e raios de luz refletiam na neve sob seus pés, iluminando-a como um **ANJO**.

— Agora vai lá — disse Willy, e empurrou-a delicadamente na direção dos degraus.

Noodle subiu a escada, lentamente a princípio, então mais e mais rápido. Willy observou com alegria quando a mãe de Noodle puxou-a num abraço que parecia que nunca acabaria. Noodle deu uma olhadinha para Willy e articulou “obrigada”.

Ele sorriu e pegou sua bengala. Estava na hora de ir.

Mas bem quando se virou para sair, uma voz o fez parar onde estava.

— E assim vai uma boa ação em um mundo gasto.

Willy baixou o olhar e viu o Umpa-Lumpa aos seus pés.

— Eu me perguntei se veria você de novo — disse Willy. — Obrigado por salvar minha vida no cofre. — Ele revirou a maleta e pegou um pote de chocolates

frescos.

— Suponho que isso conclua nossos negócios — falou o Umpa-Lumpa, pegando-os. — Agora retornarei à minha amada **LUMPALÂNDIA**, onde grãos de cacau crescem em quantidades decepcionantemente pequenas e meus amigos me olham de cima.

— Achei que eles te chamassem de Altivo? — disse Willy.

O Umpa-Lumpa se remexeu sem jeito.

— Na verdade, eu sou seis milímetros mais baixo do que a média. Eles me chamam de Baixinho. Ainda assim, tenha um bom-dia, senhor.

Willy franziu a testa.

— Ah, é uma pena que você precise ir.

O Umpa-Lumpa se virou e começou a se afastar.

— Eu disse “tenha um bom-dia”.

— Se eu for compartilhar meu chocolate com o mundo, preciso de mais do que uma loja. Preciso de uma fábrica...

— Sim, bem, boa sorte com isso — disse o Umpa-Lumpa.

— ... e alguém para coordenar o departamento de degustação.

O Umpa-Lumpa parou de súbito e **GIROU** nos calcanhares para encarar Willy.

— Creio que não preciso voltar correndo — disse ele. — Conte-me mais sobre essa fábrica.

— Bem, para começar, ela vai precisar ser **GRANDE** — falou Willy enquanto os dois saíam andando juntos pela rua. — E *precisa* ter um rio de chocolate...

The header features the title 'EPÍLOGO' in a serif font, with 'WONKA' in a larger, bold, sans-serif font below it. The text is surrounded by several five-pointed stars of varying sizes and two large, light gray, swirling decorative elements on either side.

EPÍLOGO WONKA

Noodle estava feliz da vida em sua nova casa na biblioteca, com uma mãe de bom coração e uma pilha interminável de leitura. Por mais que só tivessem se passado alguns meses, ela sentia como se tivesse vivido a vida toda ali. Os anos horríveis na Alva & Escovão já tinham começado a se dissipar, puídos em sua memória a cada **ABRAÇO** caloroso da mãe.

A vida se tornara previsível e comum e verdadeiramente maravilhosa, por mais que seu amigo Willy Wonka tivesse desaparecido **MISTERIOSAMENTE**. Ninguém sabia aonde ele fora, e todos sentiam falta de seus chocolates.

Mas uma noite, depois que ela posicionara o marcador de livro entre as páginas e fora ao banheiro escovar os dentes, ela encontrou um bilhete preso à pia.

Cara Noodle. Uma vez eu prometi a você um estoque vitalício de chocolate, e Willy Wonka sempre cumpre com sua palavra. Na sua casa você tem água fria e quente na torneira, é claro. Mas eu mudei isso. Agora você tem “Quente” e “Chocolate”. Meu chocolate.

Ela girou a torneira e arquejou quando um denso chocolate derretido jorrou dela!

*Sempre que o beber, espero que pense em mim. Eu sei que estarei pensando em você.
Seu amigo, Willy Wonka.*

P.S.: Se algum dia você quiser entrar em contato, é só pedir para o homenzinho laranja de cabelo verde.

— Homenzinho laranja de cabelo verde — disse ela com uma bufada.

Mas então ela avistou algo no chão. Ela se agachou, contornando com as mãos a silhueta **IMPOSSÍVEL** de...

— Pegadas minúsculas! — exclamou ela.

Rapidamente, ela as seguiu de volta para seu quarto, dando a volta nas cômodas, seguindo pela estante de livros, passando por baixo da cama até chegar à janela... onde um homenzinho laranja estava de pé no parapeito!

Um homem laranja de cabelo verde.

Ela ficou congelada por causa do choque, então deu um pequeno aceno tímido. Ele lhe ofereceu um leve aceno de cabeça formal em resposta.

Ela não conseguia acreditar. Ele era real.

Então do nada ele ganhou vida, puxando cordinhas em sua lateral. Houve um grande *clanque* quando asas mecânicas se desenrolaram de seu casaco... e ele pulou janela afora!

Noodle correu até a janela e assistiu com pura alegria enquanto o Umpa-Lumpa afundava até o chão, raspando nos paralelepípedos, então se impulsionava para cima e flutuava pela noite adentro.

Ele voou alto, passando pela silhueta de uma fábrica, e enquanto planava por cima dela, o letreiro do telhado ganhou vida com luzes. Uma única palavra, mais deliciosa do que o luar:

Wonka

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

Wonka

Site oficial da autora:

<https://www.sibealpounder.com/>

Página da autora no Goodreads:

https://www.goodreads.com/author/show/8120084.Sib_al_Pounder

Página do livro no Goodreads:

<https://www.goodreads.com/book/show/188183291-wonka>

Página da autora no Skoob:

<https://www.skoob.com.br/autor/78172-sibeal-pounder>

Página do livro no Skoob:

<https://www.skoob.com.br/wonka-122385478ed122393899.html>